Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1972 — N.º 17694 — ANO 51.º — PREÇO 1$50

Mujibur nacionaliza fábricas

DACCA, 27 — (ANIeFP) — O primeiro-ministro do Bangla Desh, xeque Mujibur Rahman, ordenou ontem a nacionalização de centenas de fábricas de juta, de açucar e de texteis, bem como de catorze bancos e doze companhias de seguros, numa grande reforma da política económica nacional.

Não se falou em quaisquer indemnizações para as empresas nacionalizadas, numa política a que o xeque chamou «socialismo científico».

Entretanto, em Dova Delhi, o secretário indiano dos Negócios Estrangeiros Triloknath Kaul, num discurso pronunciado perante a Federação das Câmaras Indianas do Comércio e da Indústria declarou que se o Paquistão quisesse cooperar com a Índia e o Bangla Desh, «não via qualquer inconveniente, tornando-se assim o subcontinente indiano um modelo de cooperação económica e política fundada na amizade, igualdade e respeito pela mutua soberania».

DL /Exclusivo

Jordânia enfrenta o caos económico

O INSULTO

Diversos grupos perseguem este boneco de dez centímetros de altura pelas lojas de França. Ele representa «o judeu» e está a ser fabricado na Alemanha Ocidental. Os grupos contra a difamação dos judeus consideraram o boneco como um insulto e, ao que tudo indica, têm razão. Segundo foi anunciado, as lojas que o vendem serão processadas. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

ELEIÇÕES NA ITÁLIA

BOMBAS EM MILÃO REACENDEM A VIOLÊNCIA

ROMA, 27 (R.) — A crucial campanha eleitoral italiana entrou hoje na segunda semana no meio de receios cada vez maiores de violência, a seguir aos atentados bombistas durante um comício neofascista e aos ataques com bombas incendiárias que ocorreram ontem em Milão.

A violência trouxe a confusão à cena política italiana e fez aumentar o azedume entre a direita e a esquerda desde que o presidente Giovanni Leonne dissolveu o Parlamento, em 28 de Fevereiro, e marcou as eleições com um ano de antecedência, a seguir à queda da coligação do centro-esquerda.

Desordens provocadas por esquerdistas em Milão causaram, há duas semanas, um morto e 100 feridos. Um editor famoso e amigo íntimo de extre-

Continua na pág. 14

Alegria de pobre

Este rapaz, Mira, capitão do Barreirense, que aparece aqui piscando o olho enquanto os companheiros o asfixiam em abraços, expressa bem a alegria do pobre que conseguiu sobrepor-se ao rico. O modesto Barreirense, com o seu «timinho», conseguiu acabar com a invencibilidade do fabuloso Benfica, travando o passo a jogadores de categoria mundial. Uma façanha espectacular. (Desportos)

MÊS DE TRÉGUA NO ULSTER

Marcha em Londres contra os internamentos no Ulster

LONDONDERRY, 27 (F.P. e R.) — Uma trégua de quatro semanas, limitada aos objectivos civis, foi anunciada esta manhã pelo comandante da região de Londonderry, para a ala «provisória» do Exército Republicano Irlandês (Ira).

Num comunicado distribuído à imprensa em Londonderry, o comando local da facção «provisória» explica que nenhum atentado será cometido contra instalações ou pessoas civis. Quanto aos militares britânicos, cabe-lhes evitar o contacto com atiradores emboscados — acrescenta o comunicado.

Segundo o comando, esta decisão aplica-se ao conjunto do território norte-irlandês. Todavia, segundo os observadores, é difícil saber em que medida esse porta-voz fala, efectivamente, em nome de todas as secções regionais da organização clandestina. Reina uma certa confusão acerca deste ponto e existem divisões, talvez profundas, prin-

Continua na pág. 14

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A visita a Aveiro da drª Teresa Lobo

Na sua visita ao distrito de Aveiro, a dr.ª Maria Teresa Lobo, subsecretário de Estado da Assistência, esteve no Centro Paroquial de S. Bernardo, cujas instalações percorreu demoradamente. O Centro acolhe 60 crianças, dispondo de capacidade para 150. Aquele membro do Governo determinou a concessão de uma comparticipação de 500 contos e de um subsídio anual de 108 contos para a obra da instituição. Mais tarde, a dr.ª Teresa Lobo visitou as Florinhas do Vouga, tendo concedido um subsídio de 175 contos para fazer face às dívidas e deixado para breve a decisão de conceder um outro, de montante a fixar, para apetrechamento.

DL de ONTEM para HOJE

CENTROS DE SAÚDE

Foram criados centros de saúde em Alenquer, Alter do Chão, Anadia, Arcos de Valdevez, Armamar, Arouca, Arraiolos, Arronches, Barrancos, Benavente, Bombarral, Caminha, Carregal do Sal, Castro Verde, Condeixa, Constância, Fundão, Golegã, Idanha-a-Nova, Lamego, Loures, Lousã, Mangualde, Matosinhos, Monção, Mondim de Basto, Mora, Montemor-o-Velho, Mortágua, Nisa, Oleiros, Paredes de Coura, Pedrógão Grande, Pombal, Ponte de Lima, Portel, Póvoa de Lanhoso, Resende, Rio Maior, Sever de Vouga, Sintra, Torres Novas, Torres Vedras, Vendas Novas, Vila Flor, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Ourém e Vila Nova de Paiva.

FÉRIAS

Para mais um período de férias (o quinto), chegou ao Algarve o conde Singvard Bernardotte, filho mais velho do rei Gustavo Adolfo da Suécia. Acompanhado pela esposa e por dois filhos do casal, o conde estará na nossa província do sul até 4 de Abril. À chegada, declarou tencionar ocupar o tempo a jogar golfe e a nadar.

EUROFESTIVAL-72

OPINIÃO

De NUNO GOMES DOS SANTOS

1. O Festival da Eurovisão acabou. Deu-nos o que tinha para dar e, portanto, deu pouco. Mais não pretendia, aliás, que a tradição manda que assim seja e, no Eurofestival, a tradição tem um peso dos diabos.

2. Chama-se Festival da Canção da Eurovisão. O deste ano deveria ter-se chamado **Festival dos Pares Amororos (!) Com Notas de Música (!) Para Disfarçar.** Podiam, inclusivamente, cantar aos pares, como cantaram, mas não Mas de uma maneira menos anacrónica. É confrangedor ver um fulano de cabelos (muito) compridos, que à primeira vista pareceria ser «arejado», talvez um representante de uma mentalidade nova (confesso que é pedir muito...),

A vencedora...

a pôr os olhos em alvo e dizer, à boa maneira romântica: «Mon Amour!»

3. «Beg, Steal or Boroow». Comercial? Sem dúvida, mas era com isso que contávamos, e é a partir daí que temos de julgar o que se passou. Um segundo lugar que poderia, realmente sê-lo, caso a Austria ficasse em primeiro. Mas os «Milestones» quedaram-se pela quinta posição, atrás do parzinho da Holanda...

4. Vejamos: Festival de que canções? Será mesmo este o género de cantigas que a Europa ouve? São mesmo estas as canções que agradam aos europeus? Quais europeus?

5. Em 1962 surgem os Beatles. A partir daí tudo se modificou na música não erudita da Europa e do mundo. Tudo menos o Festival da Eurovisão.

6 E vieram ainda, o Cat Stevens, o Donovan, e outros. E tudo se continuou a modificar. Parecia que as «cantiguinhas de embalar» estavam definitivamente postas de parte. Em 1962 surgem os Beatles. E depois, o Cat Stevens, o Donovan, e outros. Mas em 1972 veio o Festival da Eurovisão, outra vez, para provar que em dez anos nada se fez. Mas para provar isso a quem?

7. Vicky Leandros ganhou. Do mal o menos. A canção seria porventura a melhor. Não fora o disparate de certas votações que colocaram nos lugares cimeiros canções que nem para trautear em casa, e tudo estaria certo. Tudo, isto é...

8. Pensar-se-ia que a canção maltesa só podia ser «assim» porque Malta, enfim, tem as infra-estruturas que toda a gente sabe e estas coisas andam sempre ligadas. Poder-se-ia, de facto, pensar isso, mas antes de ver a triste figura feita pelo duo finlandês, pelo par da Holanda ou pelo casal monagasco. Adinal...

9. «A Festa da Vida». Para já, foi muito bem feito o arranjo para o coro. Tratava-se de internacionalizar a canção e a fórmula resultou. Carlos Mendes cantou bem A classificação foi a melhor de sempre obtida por uma canção portuguesa no Festival da Eurovisão. Pese, embora, tudo o que rodeia o festival, isso conta. Mas o mais importante é que a canção portuguesa foi uma das mais actuais que estiveram em Edimburgo. Não alinhou seqüer, com o pirismo romântico da maioria. O sétimo lugar pode não significar nada, mas pode querer dizer isso mesmo. E, se for assim, ainda bem.

Necrologia

Comendador António Santos da Cunha

BRAGA, 27 — Saiu esta tarde da igreja do Hospital de São Marcos para jazigo de família no cemitério de Monte de Arcos o funeral do comendador António Santos Cunha, governador civil do distrito, que ontem faleceu súbitamente. No préstito fúnebre, que teve grande acompanhamento, incorporaram-se membros do Governo, autoridades civis, militares e religiosas e individualidades de relevo.

Natural de Braga, contava 60 anos e era casado com a sr.ª D. Rosa Mendes Santos da Cunha, irmão dos srs. Manuel Joaquim Santos da Cunha, e Adolfo Santos da Cunha e da madre Maria da Luz Santos da Cunha, religiosa do Instituto de Santa Doroteia; e de D. Ana das Dores Fernandes Cunha Nicolau e dr. Antão Santos da Cunha já falecido.

UMA ORGANIZAÇÃO PRESENTE NO MERCADO NACIONAL HÁ QUASE ½ SÉCULO

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER (PORTÁTEIS)
AQUECEDORES CATALÍTICOS
ESQUENTADORES A GÁS
FRITADEIRAS MERGULHANTES (SEMI-INDUSTRIAIS)

PREFIRA QUALIDADE ESCOLHA OLIVA

mais um stand de vendas volkswagen em lisboa

A SOC. COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L., NO INTUITO DE PROPORCIONAR A TODOS OS SEUS EX.MOS CLIENTES, AMIGOS E PÚBLICO EM GERAL, AS MAIORES FACILIDADES NA AQUISIÇÃO DE UMA VIATURA VW, ABRIU HOJE O SEU NOVO STAND DE VENDAS, NA AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 59 D —TELEF. 713482, CRUZAMENTO COM A AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. FACILIDADES DE ESTACIONAMENTO.

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 12 * Telef. 36 67 51/7 - 37 01 71/5
Av. Almirante Gago Coutinho, 59 D * Telef. 71 34 82

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

RTP JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 6

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

QUEM QUER SER GUARDA-NOCTURNO ?

Deveria ser incontroverso o direito de cada um ser remunerado pelo trabalho que realiza. Que seja ou não suficiente essa remuneração, é questão que virá depois (ou já está antes) e que se discute entre empregador e empregado: os conflitos surgidos partem de uma base comum, que é a remuneração acordada. Isto, por assim dizer, é o jardim-da-infância, e não faltarão leitores, neste momento, para acharem que estamos a perder o seu e o nosso tempo.

Contudo, o que não deveria deixar lugar para dúvida, é, afinal, em certos casos, totalmente ignorado, tanto pelos que contratam como pelos contratados. Referimo-nos, em particular, aos guardas-nocturnos, classe profissional cuja utilidade se mostrará duvidosa para algumas pessoas, mas que tem por si uma verdade irrefutável: existe. Pouco importa, para a matéria que estamos a tratar, que as garantias de segurança dadas pelos guardas-nocturnos sejam mínimas ou não existam: vagamente vislumbramos na noite um homem idoso ou de meia idade, fardado de uma maneira indefinida, que vai andando de porta em porta, iluminando os degraus aos residentes mais tímidos, empurrando batentes porventura mal fechados.

Não seria a primeira vez que um destes pacíficos guardiões se veria envolvido em perigosas aventuras de desordeiros, com perigo da sua integridade física, quando não da vida. Este facto, ou a eventualidade dele, deveria bastar para que esses homens não se encontrassem na humilhante situação de viverem pràticamente de esmolas, da caridade benevolente dos inquilinos a seu cuidado.

Humilhação, caridade, esmola, poderão parecer, à primeira vista, palavras demasiado fortes, num tempo em que o trabalho pretende reivindicar a sua dignidade cívica depois de ter sido pouco menos que condenação. No entanto, não se vê que outras palavras devam ser utilizadas perante a notícia que nos vem de Faro, publicada pelo nosso colega «Correio do Sul». Transcrevêmo-la na íntegra:

«A fim de serem preenchidas as vagas de guardas-nocturnos existentes na área urbana da cidade, está aberta a inscrição para a admissão de novos guardas, devendo os interessados apresentar-se directamente na Secretaria do Comando da P. S. P., onde tomarão conhecimento dos requisitos essenciais para a sua admissão. Entretanto, desde já se solicita aos habitantes desta cidade a melhor compreensão no sentido de prestarem toda a colaboração aos referidos guardas, visto que os mesmos, estando a tornar-se de existência indispensável, não auferem qualquer remuneração oficial, dependendo dessa forma os seus proventos e, portanto a sua manutenção como tal, ùnicamente da quotização dos respectivos contribuintes».

Esta situação repete-se em todas as cidades do País que têm guardas-nocturnos porque os consideram necessários, como sucede com Faro. O que espanta irremediàvelmente é que os candidatos tenham suficiente existência «oficial» para receberem instruções das secretarias de Comando da Polícia de Segurança Pública, e não a tenham para auferirem um vencimento, a pagar «oficialmente», que os dispensasse da obrigação de percorrerem a sua área, de livro de talões em punho, enfrentando o bom ou mau humor dos contribuintes, que mesmo quando pouco gastam (há em Lisboa quem pague três escudos por mês...), acham sempre demasiado. Ser guarda-nocturno é, de facto, um ofício sombrio, e não apenas porque se trabalha de noite.

Fazer farinha usar farinha

Do anexo «Questões Sectoriais» sobre o IV Plano de Fomento, elaborado pela Corporação da Indústria, transcrevemos a seguinte passagem:

«Um dos mais graves problemas com que se debate a indústria de moagem de trigo com peneiração é o do excesso de capacidade produtiva em relação ás necessidades do consumo.

«Aliás, esta situação tende a agravar-se, pois, ao elevar-se o poder de compra dos consumidores, a procura do pão, hoje considerado bem de primeira necessidade, tende a diminuir como se tem verificado noutros países.

«A baixa utilização do equipamento produtivo, que se situa actualmente em cerca de 40 por cento da capacidade instalada, tem contribuído para o agravamento dos custos de produção, não permitindo à indústria um bom nível de rentabilidade. Acresce que a indústria de moagem, pelas suas características técnicas, só é plenamente rentável laborando em regime contínuo.

«Perante uma provável aproximação de Portugal ao Mercado Comum Europeu, uma outra grave preocupação se depara à indústria: os preços por que esta adquire a matéria-prima - os cereais - não são de molde a tornar competitiva a indústria face aos mercados externos.

«Também não é questão de menor importância e preocupação a existência de uma actividade rudimentar - a moagem de ramas - que continua a viver em regime de liberdade ascendendo já o número das suas unidades, constantemente a elevar-se, a dezenas de milhar. Esta actividade, que só consegue sobreviver mercê do artificialismo de preços instituído e cuja expansão é atentória da economia do País, é de há muito considerada, no consenso universal, como um sistema de transformação de cereais em farinhas totalmente ultrapassado.

«Esta opinião foi já explicitada, quer no preâmbulo do Decreto-Lei n.º 43023 onde, a propósito das moagens de rama, se escreveu: «... são um arremedo de indústria, que não existe no resto da Europa, um escalão intermédio entre o trabalho rural e o trabalho industrial, com a imprecisão de direitos e de obrigações que caracteriza as coisas que não se arrumam numa classificação bem definida», quer ainda nas recomendações feitas pelos Secretariado Técnico da Presidência do Conselho que, ao pronunciar-se sobre o programa de execução para 1968 do III Plano do Fomento, disse: «... a existência do arremedo de indústria constituída pelas moagens de ramas determina que a medida de política mais urgente para o sector é a de extinguir o artificialismo de preços das farinhas espoadas, de modo a que se não continue fomentando a actividade das ramas, dolosa dos interesses da comunidade».

Do mesmo documento:

«Sendo as massas alimentícias, as bolachas e os chocolates produtos que, quanto a custo e qualidade, dependem essencialmente das matérias-primas utilizadas, impunha-se que o custo e qualidade destas tendessem a igualar-se aos praticados no estrangeiro. Tal não se verifica porém no Continente, já que, quer pelos regimes especiais administrativos, quer por efeito da estrutura da produção ou do comércio das principais matérias-primas (farinhas, açúcar, leite, gorduras, cacau, etc.), estas invalidam inteiramente o esforço das empresas que as incorporam para alcançarem a competitividade a nível europeu.»

Economia e financas

O JAPÃO JÁ ESCOLHEU

Por ALAIN BOUC/ Exclusivo «DL»

«Como é evidente, o Japão seria obrigado a acompanhar de perto qualquer conflito armado que eclodisse entre o governo de Pequim e a China nacionalista. Não podemos assistir a semelhante acontecimento como a um fogo que lavra do outro lado da ribeira», afirmou, em Fevereiro, perante a Dieta, sem dúvida pela última vez nestes termos, o Sr. Sato, Primeiro-Ministro nipónico. As declarações por ele feitas em 28 de Fevereiro, depois de Richard Nixon ter abandonado a China, não deixam quaisquer dúvidas: Tóquio retira o seu apoio diplomático a Taipé e procura entrar em contacto com Pequim.

Na opinião de Sato, «a Formosa faz parte integrante da República popular da China». A ilha depende de um regime que Tóquio ignora, mas com o qual autoriza o comércio «de povo para povo», como o fazem os chineses. As trocas comerciais, momentâneamente travadas pela Revolução Cultural, aumentam ràpidamente. O ano passado bateram um novo record, com 900 milhões de dólares (899,74 milhões para sermos mais exactos), devido sobretudo a um aumento das vendas chinesas, que permitiu reduzir um pouco o tradicional défice das trocas entre os dois países.

Ao longo dos anos, o mundo dos negócios japonês concluiu alternadamente contratos com os capitalistas da Formosa e os monopólios comerciais do continente. Quando tratam com estes últimos, as grandes unidades industriais nipónicas, que exercem a sua actividade através de toda a Ásia, em Taipé, Seul, Saigão, Banguecoque, Manila ou Djakarta, tinham o cuidado de se dissimularem por detrás do véu maoísta de uma firma dita «amiga». Estas ficções, porém, não podiam continuar indefinidamente.

Em 1970, Pequim impôs a primeira limitação: as firmas japonesas deviam cortar as suas relações com a Coreia do Sul ou a Formosa, caso desejassem continuar a comerciar com o continente; por outro lado, deviam abster-se de fazer investimentos nestes territórios. As empresas dominadas por capitais americanos seriam desqualificadas, o mesmo acontecendo com as que auferiam lucros com a guerra do Vietname. O número das firmas que se recusaram a ter relações com a Coreia ou a Formosa aumentou progressivamente.

A derrota sofrida pela diplomacia japonesa, que apoiara nas Nações Unidas uma resolução no sentido de impedir a expulsão dos nacionalistas, tornou sombrias as perspectivas do sector dos negócios directamente ligado à economia da Formosa. Inúmeras empresas interrogam-se sobre o futuro dos seus investimentos na ilha, temendo perder o seu capital após a reunificação da China. Dentre as mais conhecidas, convém destacar a Nippon Electric, Matsushita Electric, Hitachi, Sumitomo, Shoji, Mitsubishi Rayon, Itoh, Mitsui, etc.

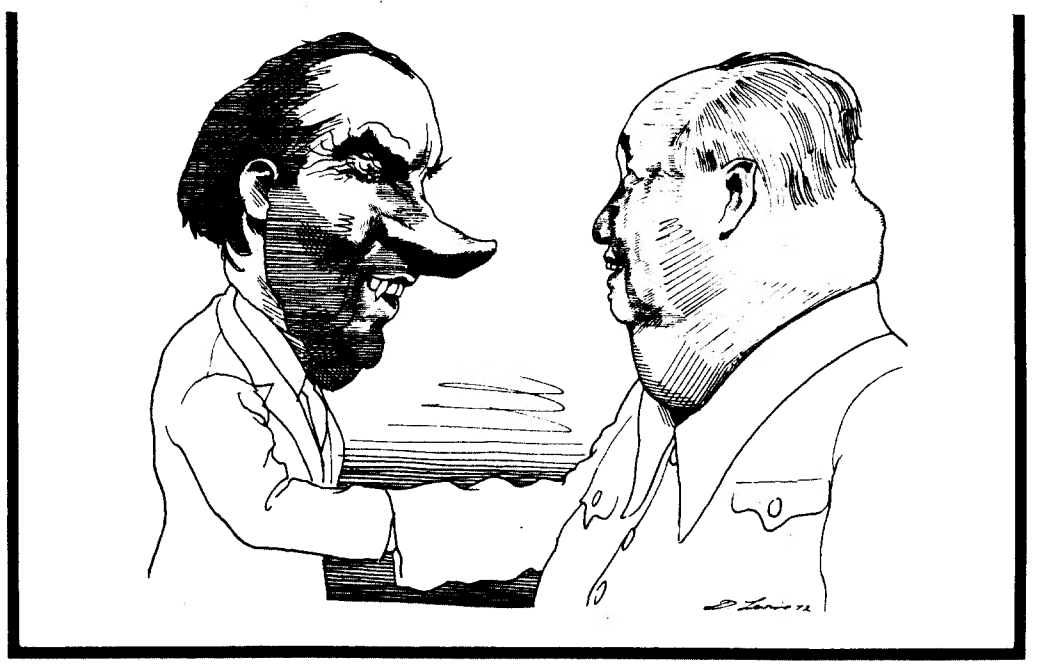
Algumas das mais importantes empresas nipónicas tinham já tomado as suas precauções, encontrando-se desde há alguns meses no campo dos partidários de Pequim. Quando o embaixador Wang Kuo-Chuan se deslocou a Tóquio, em Agosto do ano passado, teve oportunidade de se avistar com alguns homens de negócios de destaque: Hosei Hyuga, presidente das indústrias metalúrgicas Sumitomo; Kazukati Kiawada, um dos dirigentes da comissão para o desenvolvimento económico, e sobretudo Shigeo Nagano, director geral da Nippon Steel, o mais importante grupo siderúrgico mundial. A «Nova China» referiu-se a estes importantes homens de negócios como «amigos japoneses».

A visita de Nixon à China e as posições assumidas por Washington no comunicado comum sobre a questão da Formosa desferiram o golpe de misericórdia nos partidários do regime da ilha. As hesitações do patronato nipónico reflectiram-se desde há muito no seio do partido governamental, ligado em larga medida aos meios industriais. Havia muito que tinha formado uma ala liberal, que considerava mais ou menos de tendências gaullistas, não hesitando em atacar violentamente o Primeiro-Ministro Sato nos comunicados assinados em Pequim. Como é evidente, os exportadores de adubos e aços para o continente não viam com desagrado esta turbulência minoritária.

A ala liberal do partido conservador aliara-se, havia mais de um ano, à oposição a fim de exigir uma alteração da política japonesa em relação à China. Formou-se então uma Liga para a normalização das relações com Pequim, a qual em breve contava nas suas fileiras personalidades de primeiro plano. Três antigos ministros dos negócios estrangeiros, o presidente da Liga, Sr. Fujiyama, e os Srs. Takeo Miki e Ohira, uniram as suas vozes contra o Primeiro-Ministro. Com o apoio de uma parte dos conservadores, a Liga acabou por agrupar a maioria dos parlamentares do país. Apenas a necessidade de conservar a unidade do partido governamental impediu que o Sr. Sato se encontrasse em minoria perante a Dieta. Todavia, a posição do chefe do governo era particularmente delicada.

Em 29 de Janeiro, o Primeiro-Ministro declarava perante a Dieta: «Tendo em consideração a entrada, o ano passado; da República popular chinesa para as Nações Unidas e a sua admissão no Conselho de Segurança, bem como o facto de existir apenas uma China, o governo japonês é de opinião que convém iniciar urgentemente conversações a nível governamental, a fim de normalizar as nossas relações com o governo da China popular... Relativamente a diversos problemas que separam o Japão e a China, estou firmemente convencido de que, no decurso das conversações destinadas a normalizarem as nossas relações, seremos capazes de encontrar umavia que conduza à sua solução». Os observadores não deixaram de chamar a atenção para o facto de Sato não reafirmar a intenção do seu governo de respeitar os compromissos para com a Formosa.

Para discutir com Pequim, o Japão não dispõe dos mesmos trunfos que os Estados Unidos. Há o enorme peso da guerra, da ocupação e dos massacres que os chineses não esquecem fàcilmente. Por outro lado, as iniciativas do Primeiro-Ministro Sato seguem-se às de Nixon e não são o resultado de uma diplomacia autónoma. Além disso, Pequim sabe muito bem que o Japão não pode dar-se ao luxo de o reconhecer muito depois dos Estados Unidos, dado que os últimos a chegar serão os mais mal servidos. Todos estes factores explicam sem dúvida a pressa do Primeiro-Ministro Sato e as suas súbitas concessões.



Estudantes europeus debatem em Colares

CRISE DA UNIVERSIDADE

Os universitários mais brilhantes rendem menos na profissão — é uma das observações contundentes do relatório do Colégio de Alcalá apresentado, esta manhã, no VIII Encontro Europeu de Universitários que tem decorrido em Colares, que agrupa delegações da Espanha, Itália, França, Holanda e Portugal.

O encontro é organizado pelo Colégio Universitário Pio XII e começou no domingo, com uma comunicação do prof. Adriano Moreira sobre as «Crises gerais da Universidade».

Na tarde de domingo os estudantes europeus fizeram visitas turísticas e à noite, foram recebidos pelo presidente da Câmara de Sintra.

Os trabalhos de 2.ª feira abriram com uma conferência sobre as «Causas particulares da crise da Universidade», proferida pelo prof. Abranches Soveral, da Faculdade de Letras do Porto. Seguiu-se a apresentação dos relatórios elaborados por grupos de estudantes da Sorbonne, do Colégio Alcalá de Madrid e das Universidades de Munique e de Heidelberg.

UNIVERSIDADE ESPANHOLA

A afirmação da posição dos estudantes, ao abordarem a discussão do problema foi expressa de forma clara e precisa pelos alunos do Colégio Alcalá de Madrid, ao afirmarem: «...**temos de partir de uma base estável: a Universidade é um organismo que está integrado na sociedade. O nascimento da Universidade foi devido às necessidades da sociedade, e a sua evolução está intimamente ligada ao desenvolvimento daquela.**» E mais adiante: «**Perante uma crise da Universidade, temos que ter presente que esta não pode ser resolvida isoladamente e que necessitamos tentar uma reforma no contexto social, político e económico que o envolve.**»

Quais são as funções essenciais da Universidade? A esta pergunta respondem os estudantes de Madrid com a afirmação de que «**a Universidade é a instituição que primeiro se faz eco de qualquer irregularidade na escala dos direitos do homem;**» visto que «**nela se formam, nos seus diversos aspectos, as gerações futuras, é um centro de transmissão de cultura e, portanto, um terreno onde se erguem, mais fàcilmente, os ideais.**»

A crise universitária em Espanha radica, segundo o mesmo relatório, em duas ordens de causas: sociais e económicas. As primeiras levantam, por sua vez, problemas de eficácia, visto que «**os alunos que se salientam nos estudos, rendem, habitualmente, menos, no exercício da sua profissão**», o que se deve ao «**afastamento entre as diversas gerações, desfasamento entre o desenvolvimento social e universitário, manifestado na desproporção entre o crescimento da população, evolução cultural e aumento de estabelecimentos de ensino; arbitrariedade na escolha baseada na ideologia e falta de professores, provocada pela emigração...**». Outras razões respeitam à «**avalancha de estudantes**»; «**insegurança e confusão na situação actual**», especialmente por «**inquietação política**», agravada pelo exagero da opinião pública.

Finalmente, o grupo de trabalho do colégio de Alcalá referindo-se ao desfasamento entre o número de licenciados e a oferta de colocação, particularmente agudo nas carreiras de Direito, Filosofia e Letras, Veterinária e Física, onde a percentagem de licenciados que conseguem colocação compatível com as suas habilitações não chega a 50 por cento.

Por seu turno, a equipa de Munique, constituída por três estudantes, apresentou uma importante comunicação sobre a Universidade Alemã dividida em 4 pontos: situação geral, razões históricas da crise, os principais problemas de hoje e perspectivas do futuro.

Começaram por afirmar aqueles estudantes: «**Em quase todas as universidades alemãs domina um descontentamento geral, que, não raro, se manifesta em rebeldia e em agitação.**

Sente-se que as universidades precisam urgentemente de reforma tanto no que diz respeito a programas como no modo de transmissão de conhecimentos, conteúdo desses mesmos conhecimentos, condições de livre investigação, etc. Os estudantes não concordam mais com métodos que há cem anos talvez tenham tido a sua justificação, mas que hoje são inadequados e impedem o progresso. Os estudantes da maioria dos cursos são deficientemente preparados para a futura profissão e de um modo alheio à prática da mesma. São, por um lado, atulhados com o peso morto de conhecimentos desnecessários; por outro não lhes são transmitidas, ou são-no de modo deficiente, informações sobre o estado recente da respectiva ciência, precisamente aquelas informações de que eles mais tarde precisam para o desempenho cabal da profissão. Acresce ainda que em muitas faculdades, especialmente nas de ciências, faltam professores, assistentes e o material didáctico necessário.»

INVESTIGAÇÃO DEPENDENTE DA INDÚSTRIA

Depois de fazer uma referência às causas da existência do «numero clausus» nas universidades alemãs (grande procura das Universidades e falta de dinheiro para criar os lugares necessários), afirmando que esta instituição é vista pelos estudantes alemães como um atentado contra a igualdade de possibilidades e portanto contra a constituição da República Federal Alemã, continuou a equipa de Munique:

— «**Mas não falta dinheiro só para aumentar as admissões à Universidade: a escassez do orçamento das universidades impele estas a uma maior ou menor dependência da indústria, de modo que não se pode falar de uma investigação universitária independente e livre.**»

Versando ainda a mesma questão, aquela equipa de estudantes concluíu que, como só investigadores independentes podem decidir objectivamente sobre a primazia de um projecto de investigação, os estudantes e também muitos professores exigem a liberdade de investigação universitária.

No entanto, além desse problema há um outro tema candente: a participação dos estudantes nas decisões dos grémios internos das universidades, pois estudantes e assistentes exigem a participação, juntamente com os professores, em todas as decisões que dizem respeito à Universidade.

RAZÕES HISTÓRICAS DA CRISE

Quanto às razões históricas da crise da Universidade Alemã, os três estudantes de Munique resumiram-nas do seguinte modo:

— «**O período nazi, a guerra e a política universitária errada do pós-guerra fizeram recuar anos de investigação alemã. Aos esforços desta para recuperar o atraso em relação ao estrangeiro opuseram-se uma burocracia totalmente antiquada e lenta, que roubava o tempo aos professores, e ainda a emigração das melhores cabeças, a falta de espaço e de dinheiro e outras coisas mais.**»

Contudo, mesmo perante esta situação que não admitia paleativos de qualquer ordem «**durante anos a Universidade internamente autónoma falou das reformas democráticas necessárias - sem resultado. Só quando os estudantes sairam para a rua a fazer demonstrações a favor dos seus direitos é que se pensou sério em reformas. Então intervieram nos esforços reformadores o «Bundestag» (o Parlamento da Alemanha) e o Governo da República Federal Alemã assim como os parlamentos e os governos dos vários estados, interessando-se infelizmente, a maioria dos políticos, menos pelas reformas de interesse para a colectividade do que pela simples satisfação dos interesses partidários.**»

PROBLEMAS DE HOJE

Referindo-se depois aos problemas que julgam ser hoje os mais importantes, os autores desta oportuna e significativa comunicação sintetizaram esses mesmos problemas em seis alíneas:

1 - **A «explosão do saber» ocorrida nas últimas décadas tornou impossível uma visão geral dentro de cada ramo do saber, mesmo para os professores das respectivas especialidades. O trabalho em equipe, que se impôs não só nas universidades dos E. Unidos e nas dos países socialistas, mas também nos centros de investigação da grande indústria, tem que substituir, na Alemanha, o auto-isolamento. Esta reclamação aplica-se também aos estudantes, pois tem-se verificado que o trabalho em equipa não só facilita as tarefas como conduz a melhores resultados que o trabalho individual.**

2 - **Deve ser resolvida a contradição existente entre a tarefa de ensinar e a de investigar. A Universidade tem que se libertar de um peso-morto de cultura, principalmente na formação de professores e de outras profissões muito relacionadas com a prática. Não está certo que futuros professores de alemão se ocupem mais longa e intensamente do antigo alto alemão que da pedagogia, didáctica e psicologia.**

3 - **Deve ser reduzida a sobrecarga burocrática dos professores universitários: estes devem poder de novo dedicar mais tempo à investigação e ao ensino.**

4 - **Na reforma universitária que está iminente devem ser assegurados interesses dos livros-docentes, assistentes, estudantes e colaboradores não docentes e o direito de todos eles a participar nas discussões e decisões referentes à administração das universidades.**

5 - **A investigação nas universidades tem que ser liberta da dependência das encomendas da grande indústria.**

6 - **O último e importante problema a resolver, já há tantos anos em atraso, seria o da realização da igualdade de possibilidades. Os filhos de trabalhadores e de camponeses continuam a ter as menores possibilidades de alcanar a Universidade e de a frequentar com êxito. Havia que promover a entrada de crianças das camadas sociais com menos meios financeiros em escolas que dessem acesso à Universidade; depois havia que conceder-lhes bolsas de estudos que lhes permitissem, enquanto estudassem um trabalho contínuo e relacionado com os estudos. Devia finalmente resolver-se o problema catastrófico da habitação, já desde há anos existente e inalterávelmente agudo, por meio da amplificação intensa dos lares de estudantes.**

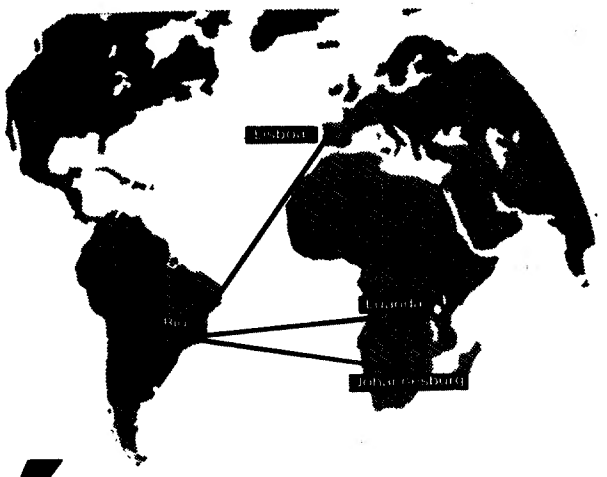
NÃO À REVOLUÇÃO

Entrando no último capítulo da sua exposição, referiram os interesses do Governo de Bona no sentido de caminhar para uma Universidade integral, na qual todas as escolas médias e superiores estariam integradas, obtendo-se desse modo um todo educacional com sentido.

Por fim, depois de afirmarem que se têm muitas esperanças nesse sistema, embora a grande dificuldade em realizar tal reforma esteja no federalismo da Alemanha e no deficiente conhecimento de «management» dos políticos e funcionários da administração, concluíram:

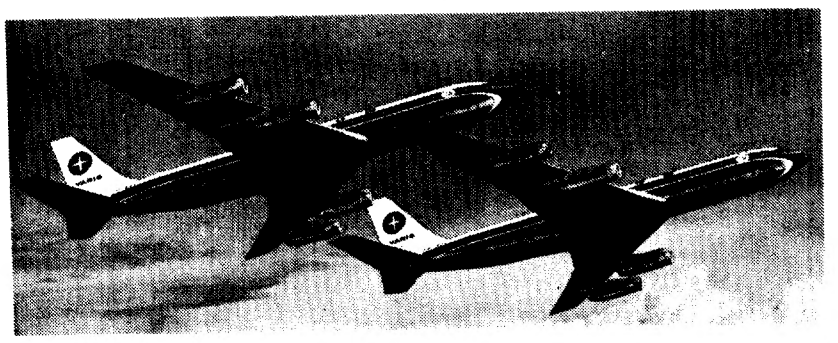
— «**Ousamos acreditar em re-**

Continua na pág. 7



Entre a África e o Brasil um era pouco dois é a conta

(por enquanto)!



Positivamente, a linha da VARIG para JOHANNESBURG e LUANDA não podia continuar como estava. Um vôo por semana não dava conta do recado. E se há coisa de que não gostamos é deixar passageiros ou carga para o próximo vôo. Queremos que o próximo vôo seja agora mesmo. Por isso a VARIG está lançando mais uma freqüência por semana na sua linha africana. Por enquanto. Porque essa linha vai longe.

Agora: Luanda-Rio-2as e 6as feiras-Vôo 830

VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

Dist: LINHAFIL LDA

DL show

Partiu para Copenhague o presidente da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores, eng.º Vasco Pinto Leite, que participará na reunião do comité da UNICA (Union Internacional du Cinéma d'Amateur). O principal ponto da ordem de trabalhos é a organização em Portugal do próximo Congresso Mundial, que se realizará no Estoril, de 25 de Agosto a 3 de Setembro próximos.

*

O concerto da pianista húngara Any Fischer realiza-se hoje, pelas 18 e 30, no cinema Tivoli.

*

O filme «feito por toda a gente», «Comunidade», que Manuel Grangeio Crespo está a realizar, continua a percorrer o caminho difícil de uma concretização que tarda, mas que, segundo os mentores da película, irá mesmo até ao fim. As filmagens que decorreram no Parque Mayer tiveram que ser repetidas e os fundos não abundam. Mas Manuel Crespo e a sua equipa estão decididos a ir até ao fim. Oxalá.

*

A Rádio Graça completa, hoje, quarenta anos de existência. «DL Show» assinala o facto.

*

O «Grupo 4» está a ensinar a peça «Insultos ao Público», de Peter Handke, sob a direcção de Fernando Gusmão.

*

Fundado por um grupo de estudantes, o G. E. T., Grupo Experimental de Teatro de Paço de Arcos, iniciou já os ensaios da peça de Jean Anouilh «Antígona». É o primeiro trabalho deste novo grupo amador. A estreia está marcada para meados do próximo mês de Abril.

*

Comemora-se hoje o dia mundial do Teatro. No Núcleo de Teatro das C. R. G. E., sito na Rua Camilo Castelo Branco, 43, o dramaturgo e nosso camarada de Trabalho Luis de Stau Monteiro proferirá uma conferência subordinada ao título: «Dia Mundial... de quê?

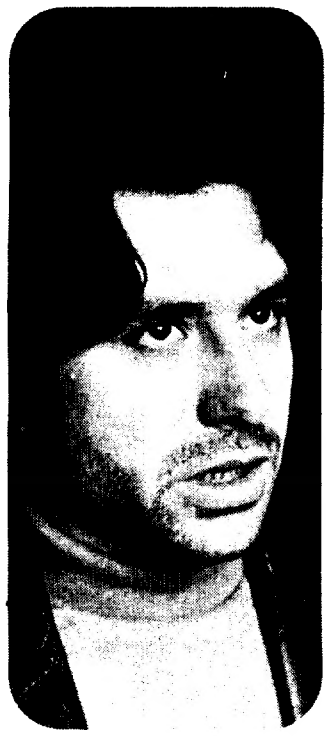
Quarta-feira, 29, realiza-se no Tivoli mais um concerto da Juventude Musical Portuguesa. Serão intérpretes a cantora Janet Baker e o pianista Geoffrey Pratley. Ouvir-se-ão arias de Mozart, Monteverdi, Schummann, Schubert, Fauré, Debussy e Gounod.

*

No dia seguinte, 30, outro concerto, desta vez no São Luis com a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Trata-se do primeiro concerto - revelação deste ano. A revelação será a pessoa do maestro Manuel Luis Newton, que dirigirá, pela primeira vez, a orquestra.

*

«Sol, Algarve e Corridinho» é, já, outra música: um LP da



João Lourenço: reaparece o «Grupo 4»

Alvorada com doze trechos interpretados por Mário Alberto.

*

Fernando Tordo cantou, no fim da passada semaná, numa passagem de modelos no Porto. Parece que a coisa vai pegar, e que, breve, veremos outros cançonetistas participarem em manifestações de moda.

*

Fausto, de há muito afastado das sessões de gravação, gravou algumas canções para o programa de televisão «Pop 25» que vai reaparecer nos pequenos écrans.

EDIMBURGO: FOLHAS SECAS NA PRIMAVERA

Duas vezes a cabeça se me tornou uma folha morta sobre os ombros. Duas vezes vacilou, os olhos fecharam-se numa tentativa de libertação, acabei por me levantar, espantar, como a um cão raivoso, o sono provocado por uma depressão entrada em Edimburgo e se fazia sentir em 28 países, incluindo o Brasil, num total de 400 milhões de pessoas.

E não era o sono da vingança. O sono da consciência envergonhado de, só pelo facto de estar a assistir, contribuir para a mistificação de uma Europa envergonhada, a procurar esconder as suas feridas, as suas preocupações económicas e políticas, na cançoneta ligeira e mimosa. Quer dizer: suponho que não era. Uma sociedade que quer descomprometer procura entreter. A canção ligeirinha faz o seu trabalho juntamente com o futebol, os campeonatos desportivos, as grandes sessões de variedades, etc., etc. Droga não é só haxixe. Droga é tudo quanto possa contribuir para nos afastar da realidade e para impedir a nossa intervenção nela.

No fundo, todas estas manifestações são o eco irreprimível dos grandes anseios da humanidade, para quem a paz, o amor, a felicidade, são os grandes objectivos. As canções falam-nos disso — e até se algum preconceito houvesse, era a seu favor. Venham, canções inhas ligeirinhas, venham metralhadorazinhas manejadas pelo coração, venham pòzinhos de perlimpimpim, venham sinas ladinas meninas (canhestras, embora!) lidas na palma da mão dos dias agora turbulentos e confusos da Europa já farta de ser velha e que procura uma via para a juventude, que na prática vivida dos povos a procura sem vender a alma a Mefistófeles...

...Europa que, ao nível das estações oficiais, com suas modinhas amorosas, cheias de paixão e de sonho, nos surge ridícula e lamentável, cobertas as faces de pó e de zarcão, palhaço da História e da Memória...

Pois é, o sono. Mas não por vingança, dizia eu. Se calhar, se as canções não parecessem tão iguais... irmãs gémeas na futilidade e no convencionalismo... interpretadas por artistas de série que pareciam ressuscitar de uns para outros... Televisionadas sem grande capacidade de imaginação dos ingleses... prejudicadas (para nós) no preto e branco... se não fosse isso, talvez os **mass media** cumprissem mais a rigor a sua obrigação de manter os olhos fechados por dentro, mantendo-os no entanto abertos por fora...

«DEPOIS DE TI» O DILÚVIO

Pois a estas horas já todo o mundo sabe que a canção vencedora foi uma canção de amor.

A eternidade do amor: o outro mito em que o efémero aposta com a máxima força, o espertalhão!

Amor para comércio. Para objecto de consumo. Diz-se **amor** e logo tudo floresce. Giríssimo para o **slogan** de Vénus, não?

Amor como refúgio, como porto de abrigo, amor aldrabice: a gente ama, logo o mundo é melhor. Quando: não é o amor que tem de fazer melhor o mundo; é o mundo que tem de fazer o amor melhor.

As canções continuam a apostar no amor. No homem e na mulher. No Adão e Eva, realidade falseada porque isolada da sociedade. A folha de parra continua a ser o símbolo das canções ligeiras. Vicky prestou-lhe expressiva homenagem, ao trazê-la como enfeite no corpo do vestido, por alturas do coração. Não é esse, com efeito, o lugar onde vulgarmente se usa; mas não vamos cair no excesso de exigir uma fidelidade naturista.

«Depois de ti» fala-nos de mais uma desventura de amor. Cupido nunca mais deixa de fazer das suas, o safado! Arranca uma seta de aljava, faz pontaria, zás!, na **mouche**. Depois aí está a pobre vítima, incapaz de se libertar do harpão, a esvair-se em lágrimas, em rugas, em queixas, em canções... Aí está Vicky a ofertar à Europa a alegria de mais um desgosto de amor. Assim:

Vais-te embora
o amor tem para ti
o sorriso de outra mulher.
Quereria detestar-te
mas não posso.
De hoje em diante
Vais esquecer-me.
Tu não tens culpa
e no entanto
é preciso que saibas
que depois de ti
já não poderei viver
não, não poderei viver
senão a recordar-te.
Depois de ti
Terei os olhos húmidos
as mãos vazias
o coração sem alegria.

Contigo
aprendera a rir
e os meus risos
só vêm de ti.
Depois de ti
serei apenas a sombra
da tua sombra,
depois de ti...

Depois de ti
talvez eu possa dar
minha ternura
mas nada posso dar
do meu amor

Depois de ti
Já não poderei viver.
não, não poderei viver
senão a recordar-te.
Depois de ti
terei os olhos húmidos
as mãos vazias
o coração sem alegria...

Depois de ti...

Vicky é uma criaturinha cujo modo de vida é cantar. Para Vicky, o acto de cantar não será o seu modo de estar no mundo, mas de passar no mundo. Não dirá: existimos, logo canto. Dirá: canto, logo insisto. Para Vicky, a ajuizar pelas canções que interpreta, cantar é dar a boca — e ei-la cançonetista ideal para esta espécie de feiras, onde a canção vai à arreata como em qualquer feira de gado.

A «FESTA DA VIDA» E A RESPONSABILIDADE

Neste festival de duetos, de sorrisos, de projectos amorosos, a Radiotelevisão Portuguesa enviou uma canção dramática: em termos aparentemente festivos, denunciava-se a semrazão das festas e o carácter alienatorio que as distracções podem revestir e geralmente revestem. Música, poema e intérprete formaram, desta vez, excelente equipa.

Constou para aí que o Carlos Mendes ia abolir o tom grave e duro utilizado no S. Luis. Para Edimburgo envergaria o seu melhor sorriso, ensaiaria umas mesuras, iria funcionar com a máquina do suborno da futilidade alheia. É evidente que, antes disso, teria de pôr a «Festa da Vida» no prego, viciar-lhe a alma, aldrabá-la.

Ainda bem que não o fez. Carlos Mendes deu ainda mais realce ao carácter grave da «Festa da Vida». Canção onde as linhas e as entrelinhas se entrechocam, dificilmente os jurados iriam aperceber-se de como a «Festa» se pode transformar em «in-Festa». Perceberam, no entanto, que aquela melodia breve se rasgava em Edimburgo como um grito, como uma ferida. Era, de todas as canções do festival, a menos festivaleira; será difícil dizer se perdeu, se ganhou por isso. Nunca se sabe, num festival, o que é perder, o que é ganhar. Ao fim de meia-dúzia de anos, todas perderam — porque todas esqueceram. Possa ao menos uma canção dizer que não vendeu a alma ao diabo, que não comprou o objecto efémero da pequena glória.

Mas não tenha dúvidas a equipa da «Festa da Vida»: a vitória da canção no concurso nacional terá sido não mais do que... um simples acaso. Talvez nenhuma canção vencedora em concursos tais, estivesse tão pouco presente nos «media».

Ela veio, contudo chamar a atenção, para as possibilidades criadoras de José Niza, de José Calvário e (porque não?) de Carlos Mendes. O povo português e a canção portuguesa esperam que essas possibilidades venham a tomar forma com mais vigor fora dos concursos da RTP. Nesse heroísmo único verdadeiro que é o heroismo do quotidiano. Verdade não apenas para os homens: para as canções também.

Canal da Crítica

Por **MÁRIO CASTRIM**

COMPRA

A FIRMA ALBERTO HENRIQUES DA SILVA, LD.ª, está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. Rua do Garrido, 73-A.

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

TEM PRÉDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A ORCOSI Telfs. 367444/323172 Rua 1.º de Dezembro, 45

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
3.º MÊS
HOJE, 2 SESSÕES às 21 horas e às 23 horas
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 884756
VASCO MORGADO APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327493
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
FORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

Reduza custos com cabos Solidal
ARMADOS E NÃO ARMADOS
ALUMÍNIO MACIÇO
ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM
LIGAÇÃO
SOLIDAL
CONDUTORES ELÉCTRICOS, SARL
LISBOA · PORTO · ESPOSENDE (Fábrica)

TERESA TAROUCA: Do fado à canção

«Em tudo o que se faz, mal ou bem, acho que tem de haver uma diversidade, um ecletismo.»

Assim começou TERESA Tarouca, quando a procurámos no estúdio de gravação onde «dobrava» a voz do seu último disco.

«Não canto só fado. Nunca pretendi ser conhecida apenas como fadista. Já gravei folclore mas este é realmente o meu primeiro disco exclusivamente preenchido com canções folclóricas.»

Este disco inclui quatro canções populares, das quais duas têm poemas de Pedro Homem de Mello: **«Bailado»** e **«Violeta»**. Tem arranjos de Filipe de Brito, e o conjunto de guitarras de António Chaínho e Raul Néry.

Renovação do fado é contestação?

Perguntámos-lhe até que ponto esse ecletismo de Teresa Tarouca a levaria a alterar o seu reportório, tarefa em que aliás a sabíamos empenhada há mais de um ano.

«Procuro autores diferentes, novos em concepção músical e rítmica e até cantarei noutras línguas. Não tenho «tiques fadistas», embora tenha de adaptar a voz ao estilo diferente que me proponho cantar e que não é fado: há várias hipóteses todas em estudo, algumas já preparadas, quase definitivas. Para breve portanto, um EP e um «Single» com canções.»

Uma mudança quase radical no reportório de Teresa. Mudança essa que não pode ter sido pensada de animo leve. Teresa Tarouca sempre foi conhecida como fadista. O público liga imediatamente o seu nome á chamada «canção nacional» e essa ligação dura há muito. Embora Teresa não seja própriamente uma veterana do Fado, ela canta há vários anos.

«Já canto há tanto tempo que já não me lembro quanto. O meu primeiro êxito foi «Saudade, silêncio e sombra!». Depois «Bergantim» foi outro exito, e últimamente foi o «Zé Sapateiro».

A propósito de fados que Teresa tem cantado, e como sempre a conhecemos com a preocupação constante de melhorar dentro do género, quisemos que nos falasse do panorama actual do Fado.

«Acho que há pouca evolução. No meu caso, já que quero evoluir um bocado dentro do fado, chamam-me contestária, e nesta palavra incluem todas as interpretações erradas que esse objectivo possa sugerir. Não passam de temas humanos, de problemas de sempre, que continuam a existir, os que são focados nas letras que escolho para os meus fados. O fado é musicalmente muito pobre. Se não o enriquecermos com melhores poemas, se dentro da linha tradicional do fado se vierem a fazer harmonias mais ricas, que fujam á toada dramática ou castiça, o fado só tem a ganhar com isso. Não sou nada contra uma orquestração, que só enriquece, desde que se mantenham as guitarras: acredito no fado como na canção, fado-canção para onde o fado tende cada vez mais, desde que a canção e o fado, nenhum deles, seja adulterado. É como temperar o fado, para lhe dar um sabor diferente!»

AUTORES

Em matéria de autores, quais os que Teresa Tarouca dá preferência?

«Os autores dos meus fados têm sido, nas letras, Nuno Lorena, Pedro Homem de Mello e dr. Armando Estrela. Nas músicas, os fados clássicos e, também, o dr. Estrela».

E na sua mudança de estilo, digamos assim, quais os autores que interpreta?

«Num próximo disco volto a cantar Armando Estrela mas noutro género: um samba-canção de características diferentissímas do que até aqui se tem feito, e uma outra canção: «Zé Alguém». Outros autores que cantarei serão, para já, segredo e depois surpresa!»

Vamos ter assim uma Teresa Tarouca no seu verdadeiro lugar de interprete, no aproveitamento integral da sua voz, agora ao serviço da nova canção, realizando um sonho seu que muita gente não acreditava ser possível:

«Mas não quero incluir em movimento nenhum. Já de há muito que desejo cantar canções diferentes.»

F.G.

Dia Mundial do Teatro

Mensagem Internacional de MAURICE BÉJART

A palavra Teatro é para mim sinónimo de União.

Tem-se falado muito desta união, desta «comunhão» entre o actor e o espectador, e, no decurso das últimas décadas, um dos problemas fundamentais dos homens de teatro, tem sido a necessidade de eliminar essa barreira, esse fosso, psíquico ou real, que separa quem vê de quem é visto.

Qual é o actor que alguma vez não terá sofrido profundamente com este racismo que isola o homem sentado no escuro e vestido como todos os dias, enquanto ele, o actor, evolui num outro mundo, inundado de luz?

Como abolir essa distância, como encontrar, como realizar essa união?

Julgo que a solução do problema está fora do teatro.

Um dia de angústia, em que toda a humanidade me parecia distante e hostil, um amigo a quem me confiei disse-me: «como queres estar em paz com os outros se não estás em paz contigo mesmo?»

Como poderá o actor encontrar a união com o público se antes não tiver conseguido a unidade entre as diversas partes do seu próprio ser?

Fusão íntima do coração e do corpo, da cabeça e dos músculos, linguagem total em que a mão é signo, o torso dança e a palavra constitui um dos elementos dessa orquestra completa que é um ser humano.

Actor cujo pensamento está no bico do pé e cuja respiração passa pela coluna vertebral, cujas cordas vocais se tornam harpa ao serviço de um corpo inteiro, unitário.

No começo do século Serge Diaghilev de quem actualmente se comemora o centenário, abalou o mundo do teatro apresentando obras que reuniam os maiores pintores, escritores, coreógrafos, compositores, numa obra comum, e, na sua esteira, todos nós demandámos esse famoso «teatro total» em que o canto prolonga a dança, a escultura rivaliza com as artes cinéticas, e todo o espectro dos meios técnicos actuais se desdobra num grande espectáculo.

Não estaremos nós errados?

Reunir não é necessàriamente unir. A essência do teatro, é o actor, pois tudo, se pode suprimir: cenário, guarda-roupa, até o texto; tudo, menos o actor.

Que ele deixe então de ser essa máquina falante, lembrando-se de que nas nossas aldeias as festas juntavam outrora o canto e a dança; que ele seja o escultor do seu corpo, o pintor das suas emoções, o sacerdote do seu próprio sacrifício.

E quando, novo Zaratustra, estiver prestes a erguer-se dançando no espaço, num despojamento total, identificar-se-á então com aquele que o vê e de quem, interpretando-o, traduz as aspirações e os movimentos internos.

Esta fronteira que nos separa do público não se quebrará enquanto subsistirem barreiras em nossa própria casa e se falar em diferentes espécies de teatro, quando tudo evidentemente nos incita à unidade.

(Tradução de Luiz Francisco Rebello)

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

10.° CONCERTO

(REVELAÇÃO)

30 DE MARÇO
às 21,45 horas

2 DE ABRIL
às 16 horas

Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Maestros
Manuel Ivo Cruz
Manuel Peres Newton

CONCERTO PARA 4 VIOLINOS
VIVALDI

- Aníbal Castanho Lima
- Fernando Calasans Duarte
- António Vilaça Lé
- Floriana de Oliveira

CANÇÕES ESTÁTICAS
(1.ª audição mundial)
CÂNDIDO LIMA

CONCERTO EM FÁ MAIOR
HAYDN

Pianista
Alda Maria Cabral

SINFONIA DO NOVO MUNDO
DVORAK

Maestro
Manuel Peres Newton

Bilhetes desde 12$50

AVISO. O concerto em repetição, realizar-se-á no dia 2 de Abril e não no dia 1.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Valente Marques, «Tabacaria Marques» — ALCABIDECHE

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971/72 (3.° TRIMESTRE)

9 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.
10 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — Às 21.45 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: CHRISTA RUPPERT
ABERTURA N.° 3 — JOLY BRAGA SANTOS
SUITE DE S. PAULO — GUSTAVE HOLST
CONCERTO PARA VIOLINO — BRAHMS

22 DE JUNHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.
25 DE JUNHO — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: SEQUEIRA COSTA
ABERTURA «A VINGANÇA DA CIGANA» — LEAL MOREIRA
QUINTETO, EM MI b M, K 407 — MOZART
CONCERTO N.° 2 PARA PIANO E ORQUESTRA — BRAHMS

ÀS 21.45 H. — GRUPO B/MAIORES DE 10 ANOS

28 DE ABRIL — SEXTA-FEIRA — Às 21.45 h.
30 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: DOMINGOS TANECO
ABERTURA «CONDESSA CAPRICHOSA» — MARCOS PORTUGAL
CONCERTO PARA TROMPETE — HAYDN
SINFONIA N.° 5 — TCHAIKOWSKY

6 DE JULHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: DINORAH LEITÃO
SERENATA «EINE KLEINE NACHT MUSIK» — MOZART
2.° CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA «LISBOA» — IVO CRUZ
SINFONIA DE AMADIS — IVO CRUZ

ÀS 16 H. — GRUPO A/MAIORES DE 6 ANOS

Os objectivos do Encontro de Teatro Amador

Iniciaram-se, no Grupo dos Modestos, as I Jornadas do Teatro Amador, que se prolongarão até ao próximo dia 30 de Abril.

Uma exposição retrospectiva de actividades teatrais marcou o início das Jornadas e é constituída por adereços, fotografias, folhetins, programas e peças de guarda-roupa.

Na altura, a estudante Rosa Alzira Ferreira leu uma mensagem do dramaturgo Luis Sttau-Monteiro, nosso prezado camarada de trabalho, que foi escutada atentamente por todos os presentes.

Coube ao jornalista João Arnaldo Maia, em nome da comissão organizadora, expor os objectivos principais que se vão procurar atingir e são os seguintes:

1 - Cedência, por parte da Câmara Municipal do Porto, duma parcela de terreno para nela se construir uma casa de cultura popular, destinada às actividades das colectividades do distrito.

2. - Solicitar à Fundação Calouste Gulbenkian os dez mil contos oferecidos à edilidade portuense para o futuro teatro municipal e utilizar essa importante verba na construção da referida casa de cultura.

3. - Criar uma biblioteca especializada de obras dramáticas, apetrechada com ficheiros, copiógrafos e outro material, de modo a facilitar a distribuição de peças entre as colectividades interessadas.

4. - Instalar uma oficina de carpintaria própria, destinada a servir todos os grupos de teatro-amador na parte da cenografia.

5. - Instalar um centro de recolha e distribuição de material de luz e som, guarda-roupa, cenários utilizados, adereços, etc., para ser utilizado sempre que necessário pelas colectividades dramáticas.

6. - Criar um gabinete de estudo de cenografia para servir o teatro-amador.

7. - Fomentar a organização de cursos de actores e técnicos, pedindo a melhor colaboração do Teatro Experimental do Porto e do Teatro Universitário do Porto, que têm, normalmente, ao seu serviço excelentes directores de teatro.

8. - Provas entre os grupos de teatro-amador, todas as iniciativas previstas pelas conclusões do I Encontro de Teatro Amador.

Outros objectivos foram ainda previstos de forma a incentivar o gosto junto das populações pela arte dramática.

No decorrer das jornadas serão feitas «mesas-redondas».

Estudantes europeus debatem em Colares

Continuação da pág. 4

formas, embora se possa levantar a suspeita de que nada tenhamos aprendido da História mais recente. Estamos todavia convencidos de que uma revolução poderia ser o meio eficaz de fazer desaparecer um sistema social, mas não os seus problemas. Depois de uma tal «tábula-rasa» achar-nos-íamos no mesmo lugar em que agora nos encontramos: perante o reconhecimento de que algo tem que ser feito pelo nosso sistema educativo, se quisermos resolver de um modo humano os problemas que nos esperam no futuro: de um modo em cujo centro esteja o Homem e de um futuro para dominar o qual não se considere só a satisfação das necessidades materiais mas também a das psíquicas.

RADICALISMO E MANIA DE ERUDIÇÃO

Segundo um estudo apresentado pela equipa da Universidade de. Heidelberg (Alemanha Ocidental), a revolta dos estudantes dirige-se, em toda a parte, e em primeiro lugar, **«contra uma administração entorpecida da Universidade e do Estado e contra as estruturas autoritárias da sociedade. Jovens de famílias predominantemente burguesas manifestam-se e agem contra o militarismo e o fascismo, contra o monopólio de alguns órgãos de informação pública, contra o racismo, a guerra no Vietnam, a ditadura na Grécia e na Pérsia e em outros estados, contra a exploração das nações pobres.**

Em que medida a juventude rebelde realmente não pretende apenas substituir uma autoridade por outra, mas sim, deseja abolir uma soberania irracional, e como isso se deve entender e como é possível realizá-lo, ainda fica por analisar nos seus pormenores».

A crise da universidade nos países industriais do ocidente deve-se, segundo o mesmo relatório, **«à insuficiência no comportamento da nossa sociedade à soberania das universidades, ao contraste entre uma ciência que não se orienta pela prática das universidades e uma actividade profissional que se orienta pela prática, e ao princípio de catedráticos hierárquicos».**

Por sua vez, a crise nas universidades alemãs caracteriza-se pela **«falta de objectividade e de pragmatismo (em lugar disto, ideologias e «mania da erudição», pelo encarniçamento «na política da universidade em geral, particularmente na discussão ácerca da reforma da universidade»** e ainda pelo **«crescente radicalismo das esquerdas».**

Depois de analisar o esquema do ensino nas universidades da República Federal Alemã e o projecto da chamada «Lei Universitária», elaborada pelo Governo contra a qual se moveram já **«mais 300 acções»**, o grupo de trabalho passa à crítica do ambiente de contestação dentro da Universidade, afirmando: **--«Em todas estas discussões na Universidade, porém, a grande falta de objectividade e o desprezo de todas as regras de uma argumentação sensata. Nem só os estudantes têm a culpa disto, mas também em larga medida os professores, os quais não são capazes de superar as normas burocráticas e uma autoridade muitas vezes autoricrática, cuja odeologia é a conservação ou a restauração da estrutura hierárquica. A par disto nota-se, em muitos deles, uma verdadeira «mania da ciência». Há uma necessidade urgente de maior pragmatismo. Acresce ainda que os professores não deveriam ser funcionários públicos, mas estar sujeitos ao princípio da concorrência, para poder finalmente entrar também nas universidades um espírito saudável de emulação.**

E a seguir, acentua:

É preciso, porém, aqui notar que infelizmente uma grande parte de estudantes não se interessa nem pela política em geral nem pela política universitária. Além disso observa-se uma certa falta de maturidade, uma falta de segurança geral e a tendência a fugir às responsabilidades.

Depois de afirmar que a maioria dos estudantes é, no entanto, aquela que estuda **«normalmente, quer dizer séria e consequentemente»**, a qual só **«com um esforço enorme e um grande dispêndio de tempo e ou uma subvenção que parta de terceiro»**. Pode **«interessar-se efectivamente pela política da universidade»**, o relatório exprime a esperança de que seja possível **«uma cooperação nos diversos grupos — e, assim, uma acalmia geral nas universidades».** E termina por afirmar que **«uma reforma de estudos está a tornar-se cada vez mais indispensável»**, sendo, no entanto, os **«programas de ensino e regulamentos de exame impostos pelo governo regional (...) mais orientados por considerações políticas e financeiras do que por considerações pedagógicas».** Sendo assim, **«nunca significam uma modificação por muito tempo».**

O encontro é encerrado amanhã.

Chibanga: estado estacionário

MADRID, 27 (ANI) — Não sofreu alteração nas últimas horas o estado do matador português Ricardo Chibanga, de 23 anos, que se encontra internado no hospital «Doctor Galvez», na cidade de Málaga, devido à colhida ontem sofrida em Torremolinos.

Chibanga passou a noite com algumas dores, conforme declarações feitas pelo dr. Horacio Oliva, que o operou na enfermaria da praça, mas considera que não há qualquer alteração no seu estado e que só dentro de 72 horas é que poderá ser feito novo diagonóstico.

Desde que é toureiro, Chibanga, que é natural de Moçambique, já sofreu sete colhidas, a mais grave das quais — segundo o seu apoderado, Manuel Car**neiro,** — no mês de Junho do ano passado em Sevilha.

O Opel Kadett argumenta com factos !

3 milhões de condutores fizeram as contas por si!

Economia

Escolheram Kadett porque quiseram um carro de bom preço, baixo consumo, "sem oficina", com assistência técnica qualificada em qualquer ponto do país e com sobresselentes fáceis de adquirir e de baixo custo.

Negócio

Quiseram investir e não gastar dinheiro, contando ainda com a elevada cotação do Kadett depois de usado vários anos. E assim 3 milhões de condutores Kadett fizeram um bom negócio! Pergunte-lhes!

Tradição

Robustez, resistência e espaço para passageiros e bagagens, estão sempre no Kadett, para benefício do condutor e da sua família. As qualidades tradicionais mantêm-se e foram aperfeiçoadas.

Potência · Segurança

O novo Kadett 1.1 agora com um novo motor mais potente, de 50 cav. DIN, para ultrapassagens mais rápidas e mais fáceis. Também uma condução mais segura com pneus radiais e barra estabilizadora atrás.

Conforto

Um novo conforto com aquecimento e ventilação reguláveis para manter a temperatura ideal durante todo o ano.

Escolha a seu gosto

Entre os 5 modelos do Opel Kadett, de 50 a 60 cav. DIN, 2 e 4 portas e CarAvan.

Experimente os novos Kadett no concessionário Opel. Conduza hoje o seu carro dos próximos anos.

Opel Kadett. O Automóvel.

Opel Kadett. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

A CONTRIBUIÇÃO DA GASLIMPO na prevenção da poluição dos mares

posta em relevo na assembleia geral da empresa

Realizou-se na sede social, Avenida Alfredo da Silva, 1, em Almada, a assembleia geral da Gaslimpo — Sociedade de Desgasificação de Navios, para discussão do relatório do conselho de administração, balanço e conta de resultados, bem como do parecer do conselho fiscal.

Durante a reunião, que foi presidida pelo sr. dr. António Queirós Martins, foram referidos os aspectos mais importantes da actividade desta empresa durante o ano de 1971.

Nas palavras que pronunciou, o sr. eng.º João Bello, administrador-delegado, pôs em destaque o crescente número de serviços prestados aos navios que procuram a Lisnave para reparação, bem como a outros que cruzam ao largo da costa portuguesa metropolitana, e aos quais a Gaslimpo é a única empresa da península ibérica que fornece serviços de limpeza de tanques e meios de recolha de águas contaminadas por petróleo e outros produtos.

Durante o ano de 1971, revelou o sr. eng.º João Bello, foram assistidos 130 navios estrangeiros, o que representa um aumento de 118 por cento em relação ao ano anterior, e ainda numerosos navios nacionais de todas as classes, que recorrem a este meio como processo de eliminação de águas que de outro modo iriam provocar a poluição do mar.

A fim de responder a estas solicitações e na intenção de melhorar a eficiência dos serviços oferecidos, teve a Gaslimpo de aumentar os seus meios de produção com mais duas estações de limpeza, «Praia Clara» e «Praia Alva», que estão a ser transformadas nos estaleiros da Lisnave e que se destinam, uma, a substituir a primitiva «Praia Branca» e, a outra, para aumento da sua capacidade.

Foi posta, também, em destaque a contribuição da Sacor para o escoamento dos óleos recuperados, que na sua refinaria de Cabo Ruivo são transformados em produtos utilizáveis.

A assembleia terminou com a aprovação do referido relatório, tendo sido aprovado um voto de louvor ao pessoal que durante o ano trabalhou na Gaslimpo e que contribuiu para os bons resultados da empresa.

EXCURSÕES CP

De comboio, 1.ª classe, e autocarros de grande turismo

PÁSCOA NO MINHO — 2 DIAS em 1 e 2 de Abril

Almoço regional no Porto; alojamento em Ofir (Hotel de 4 estrelas).

* Viana do Castelo, M. Santa Luzia, Barcelos, Caminha, etc.

LISBOA	630$00
Santarém	580$00
Évora/Beja	740$00

PÁSCOA NO ALGARVE — 3 DIAS em 1, 2 e 3 de Abril

Almoço regional em Santa Clara a Velha (Barragem); alojamento em Faro.

* Monchique, Silves, Alte (a segunda aldeia mais portuguesa de Portugal...), Faro, Olhão, Tavira, Monte Gordo, S. Braz, Vilamoura, Albufeira, etc.

LISBOA	870$00
Setúbal	850$00
Santarém	920$00
Tomar/Abrantes	960$00
Coimbra/F. Foz	1010$00

Preços por pessoa (tudo incluído)

Informações e distribuição de programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa.

Organização: Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

GRANDE ARMAZÉM na Rua dos Fanqueiros

Trespassa-se para qualquer ramo. Entradas pelos n.os 132 e 140 com ligação pelo interior. Área aproximada 250 m2. Trata J. L. Freitas Moreira, Lda., Av. da República, 41-3.º — Lisboa-1.

SOBREIRO CURVO
T. VEDRAS

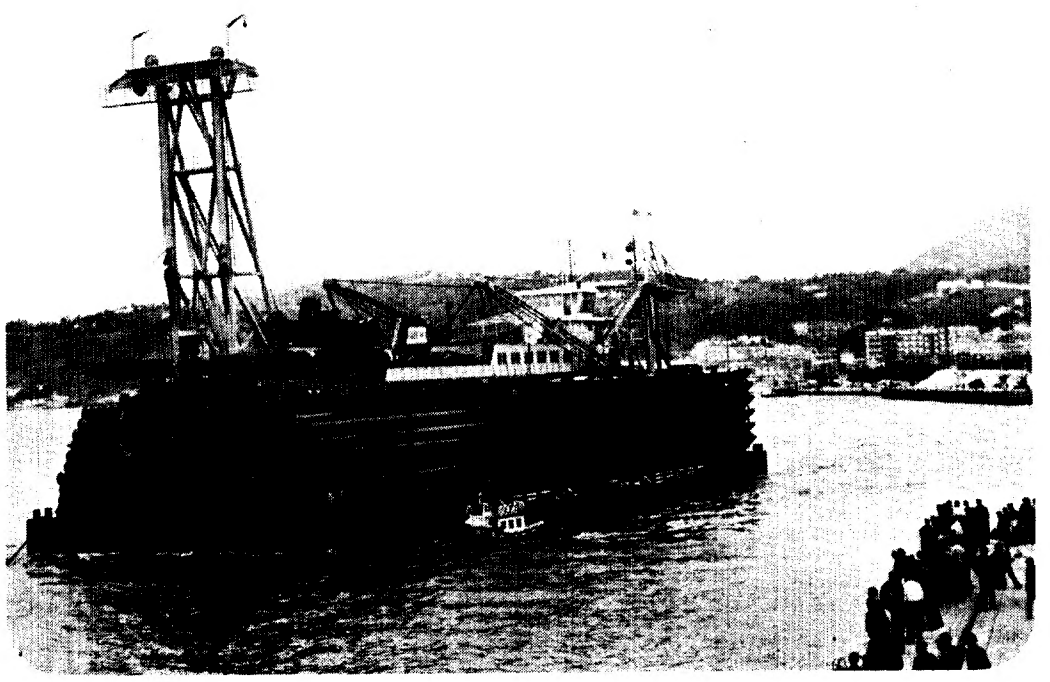
MARIA JOSÉ LOUREIRO PAULO SARREIRA

FALECEU

Francisco Paulo Sarreira, José António Loureiro Sarreira mulher e filha, Maria Eulália Loureiro Sarreira marido e filhos, Tito Manuel Loureiro Sarreira sua mulher e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã, cunhada e parente cujo funeral se realiza amanhã dia 28, pelas 12.30 horas da capela de Sobreiro Curvo para o cemitério de A-dos-Cunhados.

Às 12 horas na referida capela será celebrada missa de corpo presente.

A contribuição da Companhia Nacional de Navegação na valorização do Porto de Setúbal



O pontão que transportava a grua Adams, já no Porto de Setúbal

Importante empresa de navegação a C. N. N. encontra-se por múltiplas razões intimamente ligada e interessada no desenvolvimento do Porto de Setúbal.

A sua Delegação nesta cidade perfeitamente enquadrada no espírito da sua política de acção, participa amplamente no desenvolvimento de toda esta extensa zona geográfica, constituindo por assim dizer mais um elo da longa cadeia da actividade da C. N. N., promovendo o agenciamento de navios, operações de carga e de descarga, operações terminais, etc.

Empresa dinâmica a Nacional de Navegação mantém-se atenta á evolução dos mercados, dispondo de uma organização esclarecida que utiliza quadros tecnológicamente preparados de molde a permitir-lhe praticar uma política de comercialização de transportes concebida dentro de uma nova óptica consequente da aplicação de modernas técnicas de marketing.

A recente integração da frota, instalações portuárias, carreiras e serviços da Sociedade Geral confere-lhe um mais amplo dimensionamento em potencial material e humano de modo a permitir-lhe participar em posição mais vantajosa na exploração dos tráfegos internacionais altamente competitivos.

A C. N. N. opera actualmente com uma frota de 49 unidades com um total de 350.000 toneladas D. W.. Tem vindo a aumentar e a racionalizar as suas instalações portuárias dispondo agora de uma maior regularidade de saídas e variedade de serviços. Relativamente á totalidade da frota comercial portuguesa de longo curso, embora em números ainda não apurados oficialmente a C. N. N. e empresas associadas contribuem com 275.814 toneladas de arqueação bruta no total nacional de 776.400 T. A. B.

E seu objectivo também aumentar o número das suas carreiras regulares que servem os portos da Europa, Africa, América e Extremo Oriente, multiplicando a frequência de saídas, para poder satisfazer as exigências sempre crescentes dos mercados nacional e internacional.

Atenta à necessidade de movimentar grandes volumes de cargas homogéneas em condições económicas a C. N. N. equipou-se em tempo com navios especializados directamente ou por intermédio de empresas associadas que para esse fim constituiu.

Encontra-se assim preparada para acompanhar o desenvolvimento do mercado neste sector da actividade com mais e maiores navios promovendo simultâneamente acções no sentido da necessária construção de terminais especializados nos portos portugueses.

Procede entretanto á reorganização das suas estruturas com o objectivo de poder proporcionar á sua vasta clientela uma oferta de serviços ainda mais adequada e uma constante actualização dos mesmos segundo as necessidades dos mercados.

Encontra-se em estudo para ser posto em prática depois de 1974 um plano de total readaptação das suas linhas regulares e de transportes especializados simultâneamente com uma actualização mais profunda das estruturas portuárias e das redes comerciais. Neste campo a C. N. N. trabalha em estreita colaboração com as Administrações Portuárias dos principais portos que escala, de quem, aliás tem recebido o maior apoio possível. Prevendo o rápido crescimento, já hoje notável, da região de Setúbal (recordamos a existência de um Plano de Desenvolvimento Conjunto dos portos de Lisboa e de Setúbal estabelecido de acordo com a política traçada nos últimos Planos de Fomento e Desenvolvimento Regional), a C. N. N. encontra-se interessada no reapetrechamento do Porto de Setúbal que pelas condições naturais de que dispõe - amplos profundos e seguros fundeadouros - ocupa o segundo lugar entre os portos da Metrópole, logo depois de Lisboa.

O Porto de Setúbal nos últimos 40 anos tem sido objecto da atenção não só do Estado como das entidades particulares que aí mantêm as suas instalações marítimas. Todavia todos os melhoramentos introduzidos até agora já se tornaram exíguos mercê do grande desenvolvimento comercial e industrial desta zona e também por terem sido concebidos para um tipo de navegação já ultrapassado.

Para darmos uma ideia da actividade deste porto e da sua importância na economia nacional passaremos a referir alguns dados estatísticos relativos ao ano de 1970: assim temos que o movimento total de mercadorias alcançou as 1.214.876 toneladas num montante de aproximadamente 1.500.000 contos. Demandaram o porto 1.225 navios deslocando 1.334 toneladas de arqueação brutas.

Não podemos também esquecer a sua importância como porto industrial e mineiro, utilizado pelas indústrias de cimento, de adubos químicos, linhas de montagem de automóveis, indústria conserveira, etc. Como porto mineiro, por ele se escoam as piritos das minas de Aljustrel e Lousal; números referentes também a 1970 registam cerca de 300.000 toneladas anuais de piritrs além de mais 12.000 toneladas de outros minérios provenientes de outras minas alentejanas.

Foi Setúbal, mais propriamente o seu porto, que neste último sábado, 25 de Março serviu de cenário a significativo acontecimento.

Cerca das 12 horas entrava no estuário do Sado o pontão «GOLIAT I» que transportava a poderosa draga «ADAMS» de 2.200 toneladas e mais 700 de equipamento diverso.

Esta draga de origem holandesa, foi rebocada desde a Holanda sobre o pontão «GOLIAT I» por um rebocador de alto mar. Para darmos ideia das suas dimensões diremos que este pontão transportador tem um comprimento de 76 metros, uma largura de 24 metros e uma tonelagem de arqueação bruta na ordem das 2.672 toneladas. Curioso assinalar que o «GOLIAT I» para possibilitar a flutuação da draga «ADAMS» será inundado e submergirá nos fundos do Rio Sado.

Esta draga vai iniciar os trabalhos de dragagem dos fundos do Sado onde futuramente serão construidos os Estaleiros Navais da SETENAVE, empresa associada da Nacional de Navegação.

De assinalar também que toda a responsabilidade do agenciamento deste transporte bem como a responsabilidade técnica das operações de descarga de todo o material couberam aos quadros técnicos da Delegação de Setúbal da Companhia Nacional de Navegação.

Assistência aos filhos do funcionários até a maioridade

A partir de Abril, inclusive, é alargado o âmbito da Assistência na Doença aos Servidores do Estado, nas seguintes condições:

a) As regalias conferidas pela A.D.S.E. passam a abranger os filhos dos beneficiários-titulares até aqueles atingirem 21 anos de idade e enquanto estiverem a cargo dos pais;

b) Essas regalias manter-se-ão para lá daquele limite de idade quanto aos filhos que, comprovadamente, se encontrem absoluta e permanentemente incapazes para o trabalho;

c) Para efeitos assistenciais, são equiparados aos filhos os menores que, por via judicial, estejam confiados aos beneficiários-titulares ou sejam seus tutelados, uma vez junto documento probatório passado pelo respectivo tribunal.

Como se tem vindo a praticar, os boletins para inscrição dos descendentes (quanto aos funcionários na efectividade do serviço) têm de ser por estes entregues, depois de preenchidos, nos organismos onde exercem funções. Os aposentados e os beneficiários inscritos na qualidade de cônjuges sobrevivos de funcionários falecidos devem, por sua vez, remeter aqueles boletins directamente à A.D.S.E., com a indicação correcta dos números de beneficiário e juntar, quando se trate de descendentes que já tenham atingido dez anos, as respectivas fotografias tipo passe (uma por cada descendente).

Com excepção da tuberculose, a assistência assegurada pela A.D.S.E. abrange agora, pràticamente, todas as modalidades assistenciais, prevendo-se que até ao fim do corrente estejam inscritos cerca de 400.000 beneficiários.

400 anatomistas num Congresso iniciado em Lisboa

Começou esta manhã na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, o 57.º Congresso da Associação de Anatomia e vigésima segunda sessão da Sociedade Anatómica Portuguesa.

Participaram na reunião cerca de 400 médicos dos mais diversos países desde o Afaganistão à Argélia, passando por Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Bulgária, Camarões, Canadá, Dinamarca, Irão, Itália, Espanha, EUA, França, Grécia, Holanda, Hungria, Marrocos, Egipto, Panamá, Polónia, Portugal, Madagáscar, Roménia, Suiça, Checoslováquia, Turquia, URSS, Vietname e Jugoslávia.

A maior representação é a francesa com 147 participantes, logo seguida da portuguesa com 71.

O Chefe do Estado acompanhado pelo ministro da Educação e reitor da Universidade de Lisboa quando chegaram à sala onde se realizou a cerimónia inaugural do Congresso de Anatomistas

À sessão de abertura presidiu o Chefe do Estado ladeado pelo Ministro da Educação e pelo Reitor da Universidade.

Abriu a sessão o prof. Tavares de Sousa, da Universidade de Coimbra, vice-presidente geral do Congresso, que saudou os presentes e dissertou sobre o significado do Congresso.

Falaram ainda o prof. Legait, secretário geral da Sociedade de Anatomia e o prof. Carvalho Barreira, Reitor da Universidade.

O congresso prolonga-se até quinta-feira, realizando-se diversas sessões de estudo nas salas da Faculdade de Medicina, estando previstas, para o próximo dia 30 várias visitas de carácter turístico a locais de interesse.

Draga gigante em Setúbal

Vinda directamente da Holanda, chegou a Setúbal a draga-gigante «Adams», que dentro de dias iniciará os trabalhos de construção da Setenave ou Estaleiros Navais de Setúbal. A «Adams» que é a maior draga, que já operou em águas portuguêsas, tem uma potência de 5 000c.v. e a capacidade de aterro hidráulico de 150 000 metros cúbicos de areia por semana.

Os trabalhos preliminares de construção dos novos estaleiros, nos quais esta draga terá papel preponderante, devem estar concluídos dentro de sete meses. Seguir-se-á a construção das docas que devem estar operacionais em princípios de 1974.

MARCELLO CAETANO IRMÃO DA ORDEM TERCEIRA

Na reunião da Assembleia Geral da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade do Porto, foram admitidos 69 irmãos, entre os quais, por aclamação o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano e o ministro das Corporações e da Saúde e Assistência, dr. Baltazar Rebelo de Sousa.

Manuel dos Santos revela alguns aspectos da nova temporada tauromáquica

Prelúdio no Campo Pequeno

Sábado no Campo Pequeno, tivemos o prelúdio da temporada, com lauto almoço que foi bom aperitivo da tenta de quatro novilhos da ganadaria que a empresa faz pastar no Porto Alto. Sem fugas ao cavalo e empurrando, com nota alta se portaram as bezerras, e acertados estiveram os tentadores que foram, além do próprio Manuel dos Santos, Óscar Rosmano e Gilberto Belchior, ambos bons alentejanos. Mareco e outros usaram bem das bandarilhas.

Óscar Rosmano, com seu perfil de romano de Évora, que veremos na primeira da temporada, mereceu «Oscar» no México, por onde andou quatro anos e tomou alternativa de matador de touros, que vem confirmar a Portugal.

Enfim, bom prelúdio para a temporada de 1972 81.ª da inauguração da Praça de Touros do Campo Pequeno.

Manuel dos Santos agradeceu a presença do secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista e ambos usaram da palavra e prometeram o bom uso do novo regulamento.

«EL T. P.»

Sindicato Nacional dos Cobradores

Realizou-se, no passado dia 25, a eleição dos dirigentes do Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares. Da votação resultou a vitória da lista B, opositora da lista proposta pela antiga direcção e aprovada por 138 votos a favor e 38 contra.

A direcção da Assembleia Geral coube a Carlos Lucas Tavares, presidente, António Batalha, 1.º secretário, e Fernando Araújo, 2.º secretário, eleitos por 118 votos a favor, contra 38.

A lista eleita é composta pelos seguintes elementos: Célio A. Toste, Alípio da Silva Martins, Manuel da Silva Nunes, Júlio Coito e Isaías dos Santos Lopes. Foram igualmente eleitos, para substitutos os srs. António Basto, José R. Neto, António Rodrigues Aleixo, João de Oliveira e João José.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Avenida Elias Garcia, n.º 123-2.º
Telefones 76 50 23/24
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária, para o próximo dia 29 do corrente, pelas 21,00 horas, no Centro Social do Sindicato — Rua da Palma, n.º 278-2.º, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação da fundamentação para a eventual revisão extraordinária do Acordo Colectivo de Trabalho celebrado com os Transportes Aéreos Portugueses.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará, meia hora mais tarde, com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 22 de Março, de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Ernesto Gil de Oliveira

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.

EXERCÍCIO DE 1971

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1971.

Este exercício decorreu no clima de desenvolvimento em que a empresa vem vivendo e de acordo com as perspectivas antevistas no plano de médio prazo que começou a ser executado em 1970, facto que se regista com natural satisfação.

1. EVOLUÇÃO DA EMPRESA

Está a Sorefame atenta aos problemas com que decerto se defrontará num futuro que ràpidamente se aproxima. Esse futuro põe-lhe desde logo uma preocupação fundamental: a dimensão.

E assim, tem a Sorefame procurado de forma acelerada cumprir e ultrapassar a cadência de crescimento que programara por duas razões fundamentais:

— necessidade de manter preços de custo competitivos, através de economias de escala, necessidade que se fazia sentir em virtude da aceleração da subida dos custos dos factores de produção e
— necessidade de buscar diversificação de actividades que lhe facilitem a entrada no mercado europeu, para já, através de subcontratos de empresas associadas ou com as quais mantém relações industriais.

Temos procurado processar esse crescimento por diferentes vias:

a) ampliação e reapetrechamento das instalações da Amadora;
b) associação ou fusão com outras empresas nacionais;
c) licenciamento e associação com empresas estrangeiras.

A primeira via, a que estava ao nosso alcance imediato, e por esse facto inteiramente programada, foi executada com a necessária adaptação da programação inicial e traduz-se pelos seguintes números:

Anos	Vendas (contos)	Valor Acrescentado Bruto (contos)	Efectivos
1969	276 700	149 541	1 873
1970	328 990	200 142	1 885
1971	585 531	275 560	2 335

A segunda via tem-se mostrado extremamente difícil mas continuamos a tentar a sua concretização.

A terceira via teve espectacular sucesso na nossa experiência brasileira: conjuntamente com o nosso licenciado Bardella, obtivemos durante este primeiro ano de actividade cerca de 40 % do mercado brasileiro de equipamentos hidromecânicos.

Este sucesso levou-nos a criar uma firma em «joint-venture» com o referido licenciado, a Barefame, que iniciará a sua actividade no 1.º trimestre de 1972 e se dedicará, na sua fase inicial, à actividade de montagens.

Esta linha de actuação no mercado de exportação aumenta de forma mais segura a nossa participação, até então restringida, pràticamente, à parcela criada no domínio da exportação pelo Banco Mundial que é particularmente pouco remuneradora e irregular.

No prosseguimento desta linha de colaboração internacional, esperamos que 1972 possa trazer algo de positivo para a nossa ligação com a Broderick Engineering da África do Sul.

Também o vasto mercado norte-americano, ou o que dos Estados Unidos é comandado nos parece oferecer potencialidade que resolvemos prospectar, para o que foi decidida a criação da Sorefame Inc., com sede em Nova Iorque.

A nossa afiliada do Lobito, Sorefame de Angola, continua em franca expansão e, a fim de cobrir a sempre crescente actividade de assistência às frotas pesqueiras, associou-se à firma *Hull, Blyth (Angola), Limited*, com sede em Londres, criando-se a Sorefame de Luanda, procedendo-se na altura da elaboração do presente relatório, ao reapetrechamento dos estaleiros que aquela firma possui em Luanda.

Referimos, até agora, quatro firmas nas quais a Sorefame tem interesses:

Sorefame de Angola — ANGOLA
Sorefame de Luanda — ANGOLA
Barefame — S. Paulo — BRASIL
Sorefame Inc. — Nova Iorque — ESTADOS UNIDOS

Quer isto dizer que a Sorefame evolui da situação de simples empresa, para a situação algo mais complexa de grupo de empresas e até com projecção internacional.

Isto é, desenham-se desde já, necessidades de coordenação de políticas e de meios a que haverá que atender.

Voltando ao crescimento verificado na Amadora, sentimos a necessidade de permanente adaptação da estrutura à rápida mudança de dimensão, diversificação de produtos e mercados e crescente complexidade tecnológica.

Torna-se pois, necessário dispor de meios cada vez mais aperfeiçoados de gestão e controle de produção.

O sistema integrado de planeamento e controle de produção, contratado com a firma de consultores Parsons & Williams, e cujos trabalhos de instalação de 1.ª fase — programação de capacidades e programação de materiais — se desenrolaram ao longo de 1971, deve começar a entrar em funcionamento durante o 1.º semestre de 1972.

A 2.ª fase — programação fabril, em vias de início de instalação, é provável que inicie o seu funcionamento ainda durante 1972.

Para permitir a instalação do sistema, foi substituído o computador 360/25 (32 K) por um computador 360/40 (128 K).

2. PRODUÇÃO

O ano de 1971 concretizou-se não só por intensa actividade, como também pela necessidade duma rápida adaptação a novas tecnologias exigidas por novos produtos.

A actividade da Divisão de Estudos aumentou sensivelmente pelas solicitações da exportação — nomeadamente as que resultaram do mercado brasileiro e assistência técnica correlativa, que terá tendência a crescer.

Com vista a um aumento de eficiência procedeu-se ao lançamento das bases dum Centro de aplicação dos meios electrónicos de cálculo que a empresa possui.

O aperfeiçoamento tecnológico tem-se processado através duma intensificação de colaboração entre os laboratórios e os gabinetes de estudos, quer ao nível de projectos quer de investigação.

Em relação à Divisão de Fabricações, a entrada em laboração no último trimestre de todas as máquinas adquiridas, à excepção do grande Torno Vertical Berthiez por indesculpável atraso do seu fornecedor, garantirá o pleno funcionamento da Nova Oficina de Mecânica Pesada, que ficará a constituir ferramental que traz a Sorefame para o primeiro plano nesta actividade.

Por outro lado, houve intensiva admissão de pessoal, nem sempre qualificado para as funções que deveria preencher, o que obriga a grande esforço no capítulo da formação na empresa.

Em volume de horas em 1971 realizaram-se, em produção directa 2 388 616 horas contra 1 886 456 em 1970, isto é, mais cerca de 28 %.

Apesar de se encontrar na sua fase de instalação, o novo Laboratório de Ensaios e Metalurgia tem permitido uma intensa investigação, nomeadamente nos seguintes aspectos:

— pesquisa dos fenómenos de corrosão sob tensão;
— ensaios de soldabilidade no domínio das ligações dissimilares e novas técnicas de soldadura;
— intensificação da utilização de foto-micrografia, tendo-se atingido razoável domínio desta técnica;
— evolução das técnicas de medida;
— estudos e pesquisa dos fenómenos vibratórios do material circulante com vista a acréscimo do conforto e segurança;
— ensaios mecânicos em protótipos e modelos reduzidos;
— ensaios hidráulicos em modelos reduzidos.

Desta actividade, que a rentabilidade crescente da empresa permite vir desenvolvendo, beneficiam directamente os nossos clientes e, no que diz respeito ao material circulante, a grande massa dos utilizadores do transporte ferroviário.

3. ACTIVIDADE COMERCIAL

As encomendas obtidas durante o ano atingiram a verba de 559 300 contos, tendo a carteira de encomendas atingido o valor de 1 900 000.

Convém salientar, no entanto, que as principais encomendas incluídas na referida carteira têm prazos de execução superiores a um ano, estendendo-se algumas até 1974.

Mercado Nacional

Neste mercado as principais encomendas obtidas foram de material circulante de caminho de ferro para a C. P.

A principal encomenda envolve o fornecimento de 80 carruagens-salão +30 carruagens de compartimentos de 2.ª classe, num total superior a 400 000 contos. Com o mesmo cliente assinámos ainda um contrato para o fornecimento de 11 furgões e, em comparticipação no consórcio constituído pela CUF/DARGENT/COMETNA/SOREFAME, iremos participar na fabricação e executar a montagem de 360 vagões.

No sector dos equipamentos hidromecânicos e de equipamentos para centrais, o valor das encomendas foi muito diminuto, tendo-se apresentado contudo propostas vultosas cuja decisão se espera seja tomada nos princípios de 1972.

Registámos, ainda, uma encomenda adicional da ALSTHOM para o fornecimento dos difusores das turbinas de CABORA BASSA e uma encomenda de equipamentos para o Aproveitamento France da EMPRESA HIDROELÉCTRICA DO COURA.

No sector dos equipamentos industriais antevê-se para os próximos anos uma actividade de largas dimensões, em face do anunciado programa petrolífero e de lançamento de indústrias químicas, mas durante o ano em curso este sector não participou de uma maneira significativa nas encomendas obtidas.

Mercado de Exportação

Na exportação, as encomendas registadas concentraram-se essencialmente no mercado brasileiro de equipamentos hidromecânicos como complemento das nossas possibilidades nesse mercado através do nosso licenciado BARDELLA.

Deste mercado, avaliado para o ano de 1971 em 600 000 contos, obtivemos, conjuntamente com o nosso licenciado, 5 encomendas no total de 240 000 contos, valor que corresponde a 40 % do mercado.

Este resultado é francamente animador para o primeiro ano de actividade.

A participação directa da SOREFAME totaliza cerca de 40 000 contos, salientando-se das encomendas obtidas o descarregador de cheias de MOXOTO e a tomada de água de VOLTA GRANDE.

4. APROVISIONAMENTOS

A nota dominante foi a luta pelo cumprimento dos prazos.

Mercado Estrangeiro

Depois da espectacular subida de preços dos aços ocorrida em 1970, verificou-se uma lenta regressão com tendência a estabilizar-se em valores muito mais elevados do que os iniciais. Nos equipamentos e acessórios verificou-se uma acentuada subida de preços e prazos. A crise monetária internacional afectou sensivelmente os custos das encomendas colocadas, dada a predominância do mercado alemão na nossa actividade compradora.

Procede-se a investigação intensiva das incidências das variações de paridade das moedas e medidas internas dos países, de modo a averiguar-se a nova relatividade dos mercados.

Assinalam-se as crescentes demoras e dificuldades nas operações de desalfandegamento e de licenciamento de importação.

Mercado Nacional

Tem-se verificado um progressivo e regular aumento de preços de todos os produtos e particularmente dos preços e prazos dos aços vazados.

Noutros fornecedores especializados tem-se notado escassez de meios quer de produção quer de controle de qualidade.

No que diz respeito a sub-contratos, de um modo geral conseguiu colocar-se apreciável volume de trabalhos, sentindo-se também aqui uma falta sensível de organização e meios de controle de qualidade nas pequenas empresas.

Além disso, revelou-se de tal modo escassa a capacidade de meios de mecânica média, que não tivemos outra alternativa que não fosse a de reforçarmos a nossa capacidade nesse domínio.

5. INVESTIMENTOS

No prosseguimento da realização do plano de médio prazo, os valores imobilizados durante o exercício ascenderam a 66 487 contos incidindo essencialmente sobre a instalação da nova Oficina de Mecânica e seu apetrechamento, bem assim como a ampliação da Oficina de Peças, Parques de Materiais e seus meios de manobra.

Como se referiu atrás, a escassez que se verifica no País em meios adequados de maquinagem e o elevado nível dos respectivos preços de produção levaram à revisão do plano de investimentos de modo a reforçar os nossos próprios meios, particularmente, no que diz respeito a mandriladoras.

Prossegue-se assim na evolução dos meios de produção, por forma a responder à complexidade crescente dos produtos a fabricar nomeadamente os equipamentos para centrais de energia.

6. PESSOAL

No decorrer do exercício findo e dentro da linha de rumo que nos orienta, foram ampliadas as várias formas de participação do pessoal no valor criado na empresa. E assim:

Foi posto em vigor um plano de pensões de reforma e de sobrevivência que completará o valor atribuído pela Caixa Nacional de Pensões.

Deu-se um novo passo na uniformização das tabelas referentes a subsídios de férias.

Quanto à política de remunerações, para além das pressões crescentes da relação procura-oferta no mercado de trabalho, houve a preocupação de aumentar os réditos dos trabalhadores face à subida do custo de vida mantendo-se a utilização de taxas degressivas.

Excluídos os aprendizes, a remuneração mínima subiu de 2800$00 para 3300$00.

Cerca de 70 % do pessoal aufere remunerações superiores a 4000$00.

Os subsídios de trabalho de turno beneficiaram de um aumento mínimo de 45 %.

Em face do nível de rentabilidade atingido, propõe-se o aumento da comparticipação do pessoal nos resultados do exercício.

As acções de formação foram activadas no decorrer deste exercício.

Internamente passaram pelo Centro de Formação 212 indivíduos, dos quais 108 para formação numa profissão e 104 em acções de aperfeiçoamento.

A política seguida tem sido, sempre que possível, realizar a promoção interna do nosso pessoal, formando executantes dos indiferenciados e promovendo o aperfeiçoamento dos já executantes de forma a torná-los mais aptos nas suas funções.

Todavia, no aspecto aperfeiçoamento e tendo em atenção a rápida evolução tecnológica, bem como a actualização em técnicas específicas das quais é necessário manter conhecimento perfeito de forma a garantir à Empresa o seu progresso técnico, assistiram a congressos e realizaram estágios no estrangeiro 79 indivíduos.

No decorrer do exercício o efectivo aumentou em 447 pessoas.

Continua a segurança no trabalho a merecer a melhor atenção e assim, apesar do elevado número de admissões o índice de frequência de acidentes é dos mais baixos nos últimos 5 anos e o índice de gravidade aumentou só ligeiramente, estando já em franca regressão. As medidas de acolhimento adoptadas parecem assim ter atingido o seu objectivo.

7. ANÁLISE ECONÓMICO-FINANCEIRA

Na elaboração do relatório referente ao exercício de 1970, a análise a que procedemos enquadrou-se já intencionalmente na perspectiva oferecida pelo plano 1970/74, uma vez que os planos quinquenais passaram a ser os instrumentos fundamentais da orientação e controle da actividade da empresa.

Dentro da mesma óptica, as considerações que se seguem não se enquadrarão pois, nos tipos de análise clássica de balanços, que se apoiam predominantemente em valores cuja natureza não permite traduzir o realismo dinâmico da vida da empresa.

Com referência, portanto, ao plano 71/75 podemos afirmar que os objectivos fundamentais fixados para 71 foram alcançados, tendo sido mesmo superadas algumas das metas mais significativas. Estão neste caso os valores atingidos pelos indicadores de síntese Cash-Flow e Valor Acrescentado.

Aumentada a rentabilidade dos capitais investidos, quer à custa do aumento de rotação dos mesmos, quer à custa de uma melhoria de produtividade, os resultados alcançados continuam a permitir a expansão projectada da empresa, remunerando adequadamente os factores produtivos.

E isto depois de, ponderado o natural aumento dos riscos envolvidos na exploração — por novos mercados e produtos de tecnologia cada vez mais complexa — se terem criado judiciosamente as provisões convenientes.

A evolução da estrutura financeira da empresa decorreu de harmonia com o prèviamente planeado.

Efectivamente, tal como estava previsto, foram utilizados fundos transitòriamente líquidos no financiamento dos investimentos, provocando os esperados efeitos na estrutura financeira da empresa.

Prossegue-se, assim, uma política de crescimento dos meios de produção da empresa apoiada exclusivamente na sua potencialidade de auto-financiamento.

Tal circunstância, conjugada com a mais rápida amortização das dívidas a médio e longo prazo que se tem vindo a processar, não pode deixar de aumentar a nossa capacidade de recurso às fontes financiadoras como e quando julgarmos conveniente.

A política financeira seguida traduziu pois, uma prioridade dada à economia dos custos de exploração.

A natural dependência de factores externos criou algumas situações que levaram a um recurso, não programado, ao crédito de curto prazo. Se os custos inerentes não puderam deixar de constituir imprevisto desfavorável, foi grato apreciar a prontidão e confiança com que a Banca acorreu a oferecer o seu apoio.

A actividade da empresa em 1971 constituiu, pois, mais um importante passo em frente, na respectiva consolidação económica e financeira, o que aliado à progressiva capacidade concorrencial vem justificar a confiança com que encaramos o realismo da actividade planeada e traduzir uma sólida expansão em espaços económicos mais vastos.

8. BALANÇO E CONTAS

Criadas e reforçadas as convenientes Amortizações e Provisões e considerados os resultados imputáveis a exercícios anteriores, o lucro líquido do exercício situou-se em 24 573 233$85.

Para este lucro propomos, em conformidade com o Art. 35.º dos Estatutos, a aplicação seguinte que envolve um aumento de comparticipação dos accionistas e do pessoal em relação aos exercícios anteriores:

— Para Reserva Legal	1 300 000$00
— Para dividendos às acções privilegiadas (65$00 por acção, cativo de impostos)	3 900 000$00
— Para dividendo às acções ordinárias (50$00 por acção, cativo de impostos, para crédito de accionistas-contas especiais)	4 910 000$00
— Para participação do Pessoal nos lucros	3 700 000$00
— Para Reserva Variável	9 300 000$00
— Para Conta Nova	1 463 233$85

Ao Conselho Fiscal desejamos exprimir o nosso reconhecimento pelo apoio que nos deu na gestão da empresa.

A todos os nossos clientes, de quem recebemos ou não encomendas, mas que continuam a distinguir-nos com as suas consultas, desejamos expressar o nosso agradecimento.

Aos nossos banqueiros e entidades oficiais desejamos agradecer também a confiança sempre crescente que nos têm dado.

A todos os trabalhadores da empresa e das suas associadas e após mais um ano de dedicado trabalho, desejamos pedir que continuem, como até aqui, a prestar-nos a sua valiosa colaboração.

Amadora, 22 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Xavier de Morais Pinto Malheiro, Presidente
Dominique Marie Gustave Vincent Rousseau
Luís Cordes da Ponte Marques do Carmo
Manuel Filipe Pessoa dos Santos Loureiro
José Carlos Ferreira

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

No decurso do exercício, este Conselho acompanhou atentamente a evolução dos negócios sociais, tendo-lhe sido facultados pela Administração a documentação e os esclarecimentos necessários ao desempenho da sua missão. Procedeu com regularidade à verificação das contas e valores, que sempre encontrou na melhor ordem.

O relatório, o balanço e as contas apresentadas pelo Conselho de Administração satisfazem as disposições legais e estatutárias, tendo sido adoptados os convenientes critérios valorimétricos.

Merece especial referência a forma como se tem vindo a processar a expansão das actividades da Empresa, no que respeita à ampliação e apetrechamento das instalações, à prudente diversificação das suas actividades e à crescente projecção nos mercados externos.

Em conclusão, o Conselho Fiscal propõe:

1) Que se aprove o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração;
2) Que se aprove a sua proposta sobre a aplicação dos resultados do exercício;
3) Que se aprove um voto de louvor ao Conselho de Administração pela criteriosa orientação que tem imprimido aos negócios sociais;
4) Que se aprove um voto de justo apreço ao Pessoal da Empresa pelo zelo e competência demonstrados no exercício das suas funções.

Amadora, 6 de Março de 1972.

O CONSELHO FISCAL

António Miranda, Presidente
Marcelo Olavo Corrêa de Azevedo
Paulo Manuel de Pitta e Cunha

Balanço em 31 de Dezembro de 1971

ACTIVO				PASSIVO		
IMOBILIZAÇÕES				**CAPITAL PRÓPRIO**		
Terrenos e sua Adaptação		20 066 837$70		Capital Social	160 000 000$00	
Construções	97 837 843$83			Reserva Legal	3 700 000$00	
Menos: Amortizações	31 465 126$46	66 372 717$37		Reserva Variável	4 760 746$53	168 460 746$53
Instalações	22 429 206$91			**PROVISÕES PARA PERDAS E ENCARGOS**		
Menos: Amortizações	11 470 064$76	10 959 142$15		Provisões para Riscos	9 250 524$20	
Equipamento Fabril	173 388 234$17			Provisões para Pensões do Pessoal	7 000 000$00	16 250 524$20
Menos: Amortizações	90 851 574$15	82 536 660$02		**DÍVIDAS A LONGO E MÉDIO PRAZO**		
Mobiliário e Equipamentos Diversos	16 552 684$52			Obrigações	17 747 000$00	
Menos: Amortizações	9 762 875$30	6 789 809$22		Empréstimos	32 700 000$00	
Material de Transporte	2 672 565$20			Outras Dívidas	1 248 240$00	51 695 240$00
Menos: Amortizações	1 251 322$30	1 421 242$90		**DÍVIDAS A CURTO PRAZO**		
Imobilizações Incorpóreas	38 000 000$00			Fornecedores	71 537 331$80	
Menos: Amortizações	15 000 000$00	23 000 000$00		Clientes — Adiantamentos	628 582 209$08	
Imobilizações em Execução		11 897 634$60		Financiamentos de Produção	46 205 053$40	
Adiantamentos sobre Imobilizações		6 293 766$50	229 337 810$46	Outros Credores	34 741 348$23	
OUTROS VALORES IMOBILIZADOS				Contas de Regularização — Passivo	14 409 421$40	
Accionistas — Contas Especiais		19 472 284$57		Obrigações e Empréstimos	11 708 000$00	
Acções Próprias		4 334 000$00		Efeitos a Pagar (Não Bancários)	10 840 793$60	
Participações Financeiras		27 161 940$00		Bancos	16 500 000$00	834 524 157$51
Depósitos e Cauções		137 092$60	51 105 317$17			1 070 930 668$24
VALORES DE EXPLORAÇÃO				**RESULTADOS**		
Materiais	135 155 311$60			*Lucro do Exercício*		24 573 233$85
Menos: Provisão para Depreciação	13 515 000$00	121 640 311$60				
Obras em Execução	267 606 411$55					
Menos: Provisão para Depreciação	25 000 000$00	242 606 411$55				
Produtos Acabados	2 815 483$00					
Menos: Provisão para Depreciação	281 000$00	2 534 483$00	366 781 206$15			
VALORES REALIZÁVEIS A CURTO PRAZO E DISPONÍVEIS						
Fornecedores — Adiantamentos		128 947 380$20				
Clientes	251 911 523$71					
Menos: Provisão para Depreciação	9 976 077$00	241 935 446$71				
Outros Devedores		20 095 583$52				
Contas de Regularização — Activo		1 052 183$30				
Efeitos a Receber	3 384 385$65					
Menos: Provisão para Depreciação	100 000$00	3 284 385$65				
Títulos de Crédito		574 500$00				
Bancos		52 041 247$23				
Caixas		348 841$70	448 279 568$31			
			1 095 503 902$09			1 095 503 902$09
Contas de Ordem			876 598 705$13	*Contas de Ordem*		876 598 705$13

Conta de Exploração Geral

		Montante Bruto	*Provisão para Depreciação*	*Montante Líquido*
VALORES DE EXPLORAÇÃO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO				
Materiais	126 904 286$00	126 904 286$00	12 626 565$70	114 277 720$30
Obras em Execução	217 643 872$07	217 643 872$07		217 643 872$07
Produtos Acabados	5 959 072$60	5 426 393$90	532 678$70	5 426 393$90
		350 507 230$67	13 159 244$40	337 347 986$27
COMPRAS				
Matérias-Primas e Subsidiárias				
Em Portugal Continental	84 727 073$05			
No Exterior	172 581 202$70			
Gastos de Compras no Exterior	15 576 006$70			
Rectificações	1 842$90	272 886 125$35		272 886 125$35
PESSOAL				
Remunerações e Encargos				
Órgãos Sociais	1 363 246$50			
Empregados	192 474 874$95	193 838 121$45		193 838 121$45
IMPOSTOS E TAXAS		1 101 826$20		1 101 826$20
TRABALHOS, FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERIORES		70 307 605$60		70 307 605$60
TRANSPORTES E DESLOCAÇÕES		18 484 782$56		18 484 782$56
GASTOS DIVERSOS DE GESTÃO				
Publicidade	684 236$90			
Outros	5 255 351$90	5 939 588$80		5 939 588$80
GASTOS FINANCEIROS				
Créditos de Estrutura				
Empréstimos a Longo Prazo	3 055 086$40			
Obrigações	1 051 100$00	4 056 186$40		
Exploração				
Financiamentos de Produção	73 009$80			
Garantias Bancárias	5 861 815$20			
Outros	2 606 680$00	8 541 505$00	12 597 691$40	12 597 691$40
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE AMORTIZAÇÕES		22 885 020$80		22 885 020$80
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE PROVISÕES		9 298 770$50		9 298 770$50
		957 846 763$33	13 159 244$40	944 687 518$93
Saldo				40 126 974$98
		957 846 763$33	13 159 244$40	984 814 493$91

		Montante Bruto	*Provisão para Depreciação*	*Montante Líquido*
VALORES DE EXPLORAÇÃO EM 31/12/1971				
Materiais	135 155 311$60	135 155 311$60	13 515 000$00	121 640 311$60
Obras em Execução	267 606 411$55	267 606 411$55	25 000 000$00	242 606 411$55
Produtos Acabados	2 815 483$00	2 815 483$00	281 000$00	2 534 483$00
VENDAS DE PRODUTOS ACABADOS E PRESTAÇÕES DE SERVIÇO		405 577 206$15	38 796 000$00	366 781 206$15
Equipamentos Hidráulicos	197 521 972$75			
Equipamentos Industriais	32 100 274$30			
Estruturas	6 368 383$00			
Material Circulante	333 836 035$10			
Construções Pré-Fabricadas	358 300$00			
Alumínios	2 410 844$20			
Fundos Copados	2 713 884$50			
Assistência Técnica	639 424$00			
Diversos	5 893 279$10	581 842 396$95		
VENDAS DIVERSAS				
Mercadorias	389 968$00			
Materiais	868 636$20			
Sucatas e Desperdícios	2 061 156$60			
Diversas	368 526$00	3 688 286$80	585 530 683$75	585 530 683$75
ABATIMENTOS, PRÉMIOS E PENALIDADES EM COMPRAS				
Abatimento Fora das Fact. e Anul. Facturas	476 831$10			
Prémios	15 487$10			
Penalidades	179 222$90	671 541$10		671 541$10
PRODUTOS ACESSÓRIOS				
Comissões	837 227$70			
Diversos	817 050$40	1 654 278$10		1 654 278$10
PRODUTOS FINANCEIROS				
Rendim. de Participações Financeiras	1 923 025$00			
Rendim. de Títulos de Crédito	39 268$10			
Juros	2 080 364$81			
Remunerações de Cargos Sociais	36 000$00	4 078 657$71		4 078 657$71
TRABALHOS DA EMPRESA PARA ELA PRÓPRIA, TRABALHOS E ENCARGOS NÃO IMPUTÁVEIS À EXPLORAÇÃO DO EXERCÍCIO				
Trabalhos da Empresa para Ela Própria				
Produção de Imobilizações pela Empresa		22 704 523$60		22 704 523$60
Trabalhos e Encargos não Impt. à Exploração do Exercício				
Cobertos por Provisões	1 960 000$00			
Não Cobertos por Provisões	1 433 603$50	3 393 603$50		3 393 603$50
		1 023 610 493$91	38 796 000$00	984 814 493$91

Conta de Resultados

DÉBITO	
PERDAS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES	3 861 642$20
PERDAS EXCEPCIONAIS	929 133$59
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE PROVISÕES FORA DA EXPLORAÇÃO OU EXCEPCIONAIS	6 175 000$00
IMPOSTOS SOBRE O RENDIMENTO (ESTIMATIVA)	11 000 000$00
	21 965 775$79
Saldo	24 573 233$85
	46 539 009$64

CRÉDITO	
EXPLORAÇÃO GERAL	40 126 974$98
LUCROS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES	1 081 400$66
LUCROS EXCEPCIONAIS	5 330 634$00
	46 539 009$64

O DIRECTOR ADMINISTRATIVO

Alberto Jorge Couto Leitão

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Xavier de Morais Pinto Malheiro, Presidente
Dominique Marie Gustave Vincent Rousseau
Luís Cordes da Ponte Marques do Carmo
Manuel Filipe Pessoa dos Santos Loureiro
José Carlos Ferreira

Assembleia Geral da Companhia Portuguesa de Celulose

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Espírito Santo Silva, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária da Companhia Portuguesa de Celulose que havia sido convocada para se pronunciar sobre o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício de 1971, e para proceder à eleição da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e Conselho Fiscal para o triénio de 1972/1974.

No uso da palavra o presidente do Conselho de Administração, sr. António Santos Mendonça, realçou, em síntese, os seguintes aspectos mais significativos relativamente à actividade futura da Companhia: realização de estudos e elaboração de projectos encarando o futuro da Companhia tendo em atenção o Ultramar Português e a provável ligação do País ao Mercado Comum; e esforços levados e a levar a efeito na conquista de novos mercados externos. A propósito deste aspecto o orador aproveitou o ensejo para encarecer certas dificuldades encontradas numa maior penetração.

Seguidamente, o sr. António Santos Mendonça procedeu a uma análise sucinta do relatório do Conselho de Administração, relativo ao exercício de 1971. Depois de focar os aspectos de produção, vendas, matérias primas, pessoal, florestação e situação financeira, acentuou, a terminar, o agradecimento devido a todas as entidades oficiais das quais a Companhia tem recebido a melhor colaboração.

Foram a seguir, postos à votação pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, tendo estes documentos sido aprovados por unanimidade. Também foram aprovados por unanimidade os votos de louvor ao Conselho de Administração, ao Conselho Fiscal e a todo o pessoal ao serviço da Comapnhia.

Por fim, procedeu-se à eleição da Mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração e Conselho Fiscal, tendo ficado eleitos os seguintes accionistas:

Assembleia Geral: dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva; eng. prof. Eduardo Henrique Cansado de Carvalho; e dr. Vasco Luis Schulthesse de Quevedo Pessanha: Conselho de Administração: sr. António Santos Mendonça; eng. Vasco de Quevedo Pessanha; sr. Eduardo Furtado; dr. Joaquim Pedro Rasteiro; e eng. José Maria de Avillez. Conselho Fiscal: eng. José Luis Calheiros - presidente; com Thomaz de Mello Breyner - vogal efectivo: dr. Alberto Campos de Magalhães de Barros - vogal efectivo: sr. Francisco Fonseca de Mendonça - 1.º vogal suplente; e dr. Júlio Manuel Bettencourt - 2.º vogal suplente.

Relativamente aos administradores e membros do Conselho Fiscal por parte do Estado, continuam no exercício das suas funções no Conselho de Administração os srs. drs. Mário Arnaldo da Fonseca Roseira e José Guilherme Rato de Mello e Castro, e no Conselho Fiscal os srs. drs. Jerónimo Manuel de Figueiredo Loureiro Túlio e José Diniz Martins da Mota Veiga.

O Relatório e Contas e respectivo Parecer do Conselho Fiscal evidenciam aspectos essenciais da actividade geral da Companhia no ano de 1971. Salienta-se assim, no primeiro daqueles documentos, que nesse ano se obteve uma produção de 140000 ton. de pastas, 33000 ton. de papéis e 17300 ton. de embalagens de papel; a produção de pastas e papéis foi cormecializada através da Central Comum de Vendas a que está ligada a SOCEL, tendo sido realizado um volume de vendas da ordem de 1100 000 contos, representando um contributo, para a balança de pagamentos do País num total de 594 000 contos aproximadamente.

Aponta-se o facto do volume total de investimentos, com a ampliação dos diversos sectores das instalações fabris, ter atingido, até ao ano de 1971, 633000 contos. Novamente se refere a acção relevante da MADEIPER quanto ao abastecimento de material lenhoso.

A leitura do Relatório permite conhecer que o volume total de encargos de trabalho sobe a 90500 contos e que prossegue uma política social traduzida em 196549 refeições servidas a baixo custo, o que implicou uma despesa de 2153 contos para a Companhia. Continua uma política de florestação destinada a aumentar as áreas florestadas.

Verifica-se que o Passivo da Companhia diminuiu 123000 contos; que o total de amortizações se elevou a 75000 contos; e se atingiu um volume de lucros da ordem dos 58400 contos.

Conforme consta também do respectivo Relatório para o saldo da conta de Ganhos e Perdas, o Conselho de Administração propôs, além da atribuição do dividendo habitual, o reforço de algumas reservas aumentando assim o autofinanciamento da Companhia.

No seu Parecer o Conselho Fiscal reconhece o grande esforço desenvolvido, apesar das dificuldades existentes, principalmente no mercado externo de forma a conseguirem-se resultados análogos aos do ano anterior, e manifestando o grande esforço pelos objectivos de expansão da Companhia que só serão possíveis devido às amortizações financeiras levadas a efeito e que a análise comparativa dos balanços patenteia.

"O Natal visto

A premiada d para Lu

Maria da Concei

Olhos verdes, um rosto sadio, a pequenita Maria da Conceição partiu para Luanda. É este o prémio que alcançou no concurso «O Natal Visto Pelas Crianças», iniciativa do «Diário de Lisboa» patrocinada pelo Banco de Angola.

Oito dias em Angola, na companhia de seu pai, são umas Férias da Páscoa que ela não poderá esquecer.

Maria da Conceição, doze primaveras radiosas, é aluna da Escola Pedro de Santarém. Nos seus autores preferidos (Manuel Ferreira, Matilde Rosa Araújo, Alves Redol), captou a força das suas expressões, assimiladas com surpreendente originalidade: **Tudo aconteceu por decisão da minha professora de Português, dr.ª Maria Alberta Menéres, que resolveu enviar uma redacção escrita por mim, sobre o tema do Natal, para este concurso organizado pelo «Diário de Lisboa».**

Agora, as minhas colegas estão todas entusiasmadas com o prémio que me foi atribuido e já pensam concorrer no próximo Natal. Seguindo o meu exemplo, estão a preparar-se lendo muitos livros para adquirirem conhecimentos.»

Incentivadas pela dr.ª Maria Alberta Menéres, as alunas da Escola Preparatória Pedro de Santarém fazem teatro em que se estimula a improvisação: **«A precio imenso participar nas peças que preparamos na Escola, onde nós é que escrevemos os textos, improvisando os diálogos ao longo dos ensaios. De momento, estamos a trabalhar numa adaptação de «Os Lusíadas», na qual o Vasco da Gama até aparece sem barbas**

PESSOAL DA MARINHA MERCANTE
(NOVO CONTRATO)

O pessoal da Marinha Mercante Portuguesa vai passar a beneficiar, a partir de 1 de Abril próximo de novo contrato colectivo de trabalho, resultante de um acto de conciliação entre o Grémio dos Armadores da Marinha Mercante e os Sindicatos que constituem a União de Sindicatos dos Oficiais, Mestrança e Marinhagem da Navegação Marítima, o Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, o Sindicato Nacional dos Electricistas de Enfermagem, o Sindicato Nacional dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, o Sindicato Nacional dos Músicos, o Sindicato Nacional dos Carpinteiros Navais, Calafates e Ofícios Correlativos do Distrito e Porto de Lisboa e o Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas, organismos estes em que estão inscritos todos os elementos que, que em várias classes, pertencem aos diversos ramos de actividade e bordo dos navios mercantes portugueses.

Neste documento estabelecem-se novas regalias entre as quais as que concedem redução de horário de trabalho, com um período normal de 48 horas semanais, tanto em navegação como nos portos e aumento de vencimentos.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PAPEL PARA FOTOCÓPIAS
HISHIRAPID
alta qualidade japoneza
peça directamente aos seus importadores exclusivos
ESTABELECIM. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Rua da Prata, 68 — LISBOA
Rua St António, 208 - PORTO
PREÇOS ESPECIAIS PARA QUANTIDADES

Extraordinário desenvolvimento assi a actividade do Banco Comercial

Reune-se, amanhã, na sede administrativa, em Lisboa, a assembleia geral ordinária do Banco Comercial de Angola a fim de, nos termos legais, proceder à apreciação do Relatório, Balanço e Contas e dar cumprimento, ainda, a várias disposições estatutárias.

Documento de alto valor analítico não só quanto à evolução das economias angolana e moçambicana como também da própria expansão do Banco naquelas províncias portuguesas de Africa, o Relatório do Conselho de Administração a que preside o banqueiro Arthur Cupertino de Miranda, começa por caracterizar o ano de 1971, em Angola, como período de balança comercial superavitária em que avulta o contributo da produção mineira (com diamantes, ferro e petróleo) e das indústrias da pesca e da produção agrícola (com evidência para o café e o algodão).

Afirma-se a propósito ter «o comércio externo angolano movimentado, no decurso dos dozes meses do ano transacto, um volume de mercadorias que em termos monetários representa cerca de 25 milhões de contos, com um excesso das exportações sobre as importações da ordem dos 5 por cento:

Quanto às importações, a procura de bens do exterior aumentou consideràvelmente durante o ano findo.

Na realidade, os dados provisórios relativos aos dez primeiros meses do ano evidenciam um aumento de 18 por cento, de 1970 para 1971, e de apenas 13 por cento de 1969 para 1970.

No quadro da economia Moçambicana, o Relatório destaca os seguintes pontos: o agravamento das balanças comercial e de pagamentos com a indicação de, até Julho de 1971, as importações terem atingido cerca de 5,25 milhões de contos enquanto as exportações pouco excederam os 2 milhões de contos; o predomínio do sector agro-pecuário no contexto dos factores produtivos; o relevo que começam a ter as indústrias extractivas e as indústrias transformadoras, embora estas se mantenham ainda demasiado ligadas aos bens de consumo não duradoiros; o ritmo acelerado em que se processa a construção civil, em especial nas cidades de Lourenço Marques e Beira, que se apresenta como o sector mais atractivo para os investimentos privados.

EXPANSÃO

Os números do Relatório são suficientemente eloquentes quanto ao significado da acção que o B. C. A. tem vindo a desenvolver no Ultramar português.

Tendo iniciado a sua actividade em Angola, em 1957, aquela instituição de crédito, não obstante a forte concorrência que se tem verificado nos mercados daquela província, contínua a manter a sua posição de primeiro banco de depósitos, detendo em seu poder um volume de poupanças de cerca de 40 por cento do total dos capitais confiados à banca comercial privada e sendo responsável, também, por mais de 40 por cento de todo o crédito concedido pelos bancos comerciais.

Para a vida daquela instituição creditícia, o ano que findou revestiu-se de significado transcendente: afectivamente, em Agosto passado o Banco Comercial de Angola assinalou o início das suas actividades em Moçambique com cerimónias que alcançaram larga repercussão nos meios oficiais, económicos, financeiros e sociais ultramarinos.

A presença do B. C. A. na província do Índico logo de início se caracterizou por invulgar dinamismo e capacidade. Em quatro escassos meses de labor, o volume de depósitos que lhe foi confiado aumentou em 50 por cento do valor inicial,

AUDIOMETRIA, CORRECÇÃO DA SURDEZ E DAS PERTURBAÇÕES DA AUDIÇÃO
UCAR
A NOVA PILHA
MELHOR AUDIÇÃO — MAIOR DURAÇÃO
PEDIDOS DE AMOSTRA GRÁTIS PARA: A. MENDES OSÓRIO, LDA.
Avenida António Augusto de Aguiar, 183, 1.º-Esq. - LISBOA-1 — Telefone 53 33 13

o pelas crianças"

de 1971 partiu Luanda

onceição Pereira Pombo

é música, ballet, cinema. Estas artes fazem-me sentir emoções muito especiais e estranhas.»

A televisão para a nossa interlocutora é muito mais do que um mero passatempo — não uma forma de expressão em que a «alma também conta: **«Na televisão nem tudo me agrada e ás vezes até me apetece interromper as emissões, de tão más que são. Mas aquele programa «O Tempo e a Alma» é mesmo muito bom, ensinando a História duma maneira muito especial, que toda a gente entende. Também vejo com muito interesse as transmissões de patinagem sobre o gelo, pois fazem-me lembrar o ballet, não falando já, claro, nas «Noites de Teatro»...**

Temperamento de «artista» não é mercenário. Viver sim, mas com o espírito liberto da sedução do «vil metal». Neste particular, Maria da Conceição é artista m e s m o», **«N ã o, os prémios em dinheiro não me agradavam! A viagem foi muito melhor, já que posso conhecer pessoas diferentes e um clima nada parecido com o nosso. A próxima redacção que fizer há-de ser sobre esta estadia de oito dias em África. Tentarei descrever o que senti naquelas terras distantes, para depois ler às minhas colegas. Tenho a certeza que elas vão adorar!»**

Feliz estadia, Maria da Conceição! E os votos de uma colheita valiosa de elementos «jornalísticos» que façam, após o término das Férias da Páscoa, as delícias das tuas colegas de turma.

nem nada. E teatro livre, em que nós procuramos viver o personagem á nossa maneira.

Também gosto de tudo o que

sinalou em 1971 al de Angola

o mesmo sucedendo às operações activas.

A expansão do Banco está, aliás, bem documentada por outros indicadores. No ano findo, estavam já em actividade em Angola e Moçambique 62 Agências e dependências - mais nove que em 1970 - com um quadro de pessoal de 1179 funcionários, contra 909 no ano transacto.

As operações activas mereceram especial atenção na política adptada com vista a uma acção mais agressiva em matéria de exportação e de fomento da produção. Com efeito, diz ainda o referido documento que o apoio «ao sector agro-pecuário, às indústrias extractivas, o prosseguimento de esforços tendentes a aumentar a gama das indústrias transformadoras destinadas a fortalecer com novos produtos acabados e de consumo médio e duradoiro a coluna positiva da balança comercial e, do mesmo passo, a reduzir importações consumidoras de divisas é política que imperativamente se impõe.»

Também os índices de expansão retirados das diversas rubricas contabilisticas são bem significativos: nos depósitos à ordem e a prazo registou-se um acréscimo da ordem dos 34 por cento, passando de 4 709 506 491$50, em 1970, para 6 315 273 348$33, em 1971; a conta do activo apresenta uma valorização de 48 por cento, passando de 9 867 246 915$51 para 14 635 804 55$19 destacando-se, nas suas componentes, a rubrica do «Disponivel», com 1 482 245 357$72, e do Realizável», no total de 5 691 222 059$78, sendo de salientar, neste, o valor da carteira de títulos que, de 211 237 822$46, passou para 283 151 460$46 e da Carteira Comercial com 3 480 055 933$87. Quanto ao crédito concedido, o seu valor, que em 1970 foi de 14 568 311 contos, subiu para 18 496 378 contos no ano transacto registando, deste modo, um crescimento percentual de 26,9.

Nas contas do passivo salientam-se ainda o montante do capital e reservas 424 600 000$00 e dos resultados, 39 650 176$. Quanto ás receitas globais, que eram de 397 416 270$30 ascendem agora a 494 675 308$99.

O significado destes números constitui indicador claro do progresso não só do Banco Comercial de Angola como da própria sociedade em que se insere, sendo porém de assinalar, no caso particular daquela instituição creditícia, o facto do seu crescimento ser considerado como «um dos mais expressivos de toda a Banca portuguesa em tão curto espaço de tempo.»

O abastecimento de azeite está assegurado

Recebemos, por intermédio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a seguinte nota da Junta Nacional do Azeite:

«1 — O modo como se está processando a comercialização do azeite da campanha em curso, tem suscitado, por vezes, observações contraditórias que lançam a perturbação no mercado, com reflexos na normalidade do abastecimento.

«Convindo esclarecer a situação, parece agora oportuno dar uma mais ampla informação sobre as condições e princípios a que esse abastecimento obedece.

«2 — De facto, e como já foi referido em publicações do Instituto Nacional de Estatística a produção de azeite da actual campanha situa-se em 39,2 milhões de litros, ou seja, a produção mais baixa desde 1948 e que corresponde a cerca de 50 por cento, quer da produção da campanha anterior, quer da média do decénio 1961/70.

«Esta produção é manifestamente insuficiente para o consumo, pelo que houve necessidade de se recorrer à importação.

«Dentro desta orientação, foram atribuídos contingentes aos respectivos sectores interessados — comércio armazenista e industriais refinadores e autorizados os exportadores a importarem o azeite necessário para manterem a sua exportação normal. Parte desse azeite encontra-se já no País.

«Além disso, a Junta tem adquirido directamente azeite, no estrangeiro, com vista a assegurar supletivamente o abastecimento do mercado. Desde Outubro último, que este Organismo tem vindo a entregar azeite ao comércio, e continuará a fazê-lo sempre que tal se verifique necessário.

TABELAS DE PREÇOS

«Desta forma se pôde assegurar um suficiente abastecimento do mercado.

«3 — Relativamente a preços, convém ter em atenção o seguinte:

«a) a produção pode vender o azeite a preço livre (situação que se mantém desde a campanha oleícola de 1967/68), quer a granel ao comércio armazenista, quer devidamente embalado, ao retalhista ou directamente ao público;

«b) a venda ao público — quer pelo comércio, quer pelos produtores-embaladores — só pode ser feita dentro dos tipos comerciais estabelecidos: extra virgem (até 1º), fino (até 1º,5) e corrente (até 3º), com margens de comercialização de 10 por cento e 1$50 por litro, respectivamente, para o armazenista e para o retalhista; além destes tipos, pode ainda vender-se azeite extra virgem (até 0º,5) com margens de comercialização sujeitas ao regime da lei geral.

«Em relação aos tipos comerciais extra (até 1º), fino e corrente tem sido possível manter o comércio armazenista dentro dos preços recomendados para a venda ao público de 27$50, 26$50 e 25$00, respectivamente. E isto porque se dispõe de azeite importado a preços mais baixos que os que têm sido praticados na compra do azeite nacional.

«Quanto aos produtores-embaladores, é evidente que, limitados ao azeite nacional, mais caro, não poderão normalmente praticar os preços recomendados para os três tipos comerciais referidos.

«O consumidor, porém, dispõe no mercado de uma variedade de tipos e de qualidades de azeite sobre os quais poderá fazer uma livre escolha.

«A Junta procurará, em relação ao azeite embalado pelo comércio armazenista, que os seus preços se mantenham, durante toda a campanha, dentro dos níveis recomendados.»

O mundo

ESTADO DE EMERGÊNCIA NA ARGENTINA?

BUENOS AIRES, 27 (R) — A fábrica de automóveis Fiat esperava hoje comprar a vida do seu director raptado, Oberdan Sallustro, com um resgate de livros de escola, lápis e sapatos, no valor de cerca de 27 mil contos, para 300 mil crianças pobres.

Contudo, a sua tarefa ficou dificultada ontem à noite, por uma firme recusa do Governo de permitir que a Fiat faça algo que seja considerado como dando auxílio e apoio aos que classificou como os «criminosos» do Exército Revolucionário do Povo (ERP), uma organização marxista.

Essa recusa parecia impedir a empresa de distribuir uma mensagem às crianças que os guerrilheiros tornaram claro ser uma condição essencial para a libertação de Sallustro, de 57 anos, director da Fiat-Concord, filial na Argentina da fábrica de automóveis.

A mensagem, que deveria acompanhar toda a embalagem de presente destinada às crianças, dir-lhes-ia que o equipamento escolar lhes pertencia por direito, sendo um exemplo das riquezas da Argentina «roubadas por exploradores a seus pais».

O texto da mensagem estava contido num comunicado dos guerrilheiros, que adiou ontem a execução de Sallustro, por «acusações» de exploração económica e repressão de operários durante 36 horas, até à meia-noite de hoje (3 horas tmg de terça-feira).

A execuçaão foi òbviamente adiada devido à Fiat se ter declarado pronta a cumprir integralmente, no que estivesse ao seu alcance, as condições para a libertação de Sallustro.

O Governo declarou redondamente, por três vezes, que não satisfará as exigências do ERP para que liberte 50 guerrilheiros e um grupo de dirigentes sindicais presos — a sua parte no acordo para se conseguir a libertação do industrial.

O ministro do Interior, Arturo Mor Roig, declarou a noite passada que a Fiat fora informada de que não lhe seria permitido cumprir qualquer dos pontos das condições dos guerrilheiros «que excedam os próprios poderes da Fiat e envolvam, directa ou indirectamente, participação em actividades criminosas e ponham em perigo valores que o Governo deve preservar ciosamente».

Círculos governamentais disseram que «medidas muitíssimo importantes» estavam a ser discutidas. Fontes não oficiais afirmaram que as medidas poderiam incluír uma declaração de estado de emergência em parte ou em todo o país para ajudar as forças de segurança nas suas investigações para encontrar o local onde o ERP retém Sallustro.

«SEGUNDA BATALHA DA INGLATERRA» — Cinquentas pessoas adversárias da entrada britânica no Mercado Comum queimaram ontem uma bandeira dos «Estados Unidos da Europa», nas proximidades do castelo de Dover, frente ao Pas de Calais. O vice-marechal do Ar Donald Bennett, figura destaca da RAF, declarou aos presentes: «Estamos a travar a segunda batalha da Inglaterra, para mantermos independente o nosso país.

O Egipto rejeita a proposta iraquiana de união

CAIRO, 27 (ANI) — O Egipto opõe-se a uma proposta iraquiaa para a união do Egipto, da Síria e do Iraque, mas, no interesse de uma unidade árabe (já frágil), não rejeitará peremptòriamente o plano — afirma-se em círculos diplomáticos cairotas.

Está no Cairo uma delegação chefiada pelo «homem forte» do Iraque, Saddam Hussein, Takriti, vice-presidente do Conselho Revolucionário de Bagdad, que veio debater o plano com dirigentes egípcios O Iraque tomou esta iniciativa como um meio de minar o plano do rei Hussein para uma Jordânia federal.

Em círculos diplomáticos chegou a afirmar que o presidente Anwar Sadat, ausente no porto egípcio de Mersa Matrú, poderia nem sequer regressar ao Cairo para se avistar com os iraquianos.

Segundo os mesmos círculos, a atitude do Egipto é esta: O Cairo acolhe favoràvelmente todas as iniciativas destinadas a consolidar a débil frente árabe, mas não acredita que esse objectivo possa ser alcançado pela criação de numerosos agrupamentos no mundo árabe.

Já existe um agrupamento: A Federação das Repúblicas Árabes, que liga o Egipto, a Síria e a Líbia, e que está aberta a outros países. O Cairo está convencido que a Federação é o ponto de partida para a unidade árabe.

No entanto, a proposta iraquiana refere-se a outro agrupamento, que excluíria a Líbia.

Os dirigentes egípcios julgam ser mais lógico o Iraque candidatar-se à admissão na Federação, embora nesse caso tivesse de ajustar a sua política com a dos outros três países, particularmente sobre a crise com Israel.

DIVERGÊNCIAS

Actualmente existem claras divergências entre o ponto de vista do Iraque e os dos outros países. O Iraque rejeitou, nomeadamente, a resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, enquanto o Egipto e a Líbia a aceitarem e a Síria se mostra disposta a adoptá-la.

O Iraque opôs-se também à proposta do secretário norte-americano de Estado, William P. Rogers, e atacou fortemente o Egipto por a ter aceitado.

Nos mesmos círculos afirma-se que outra razão principal para a oposição do Egipto à proposta iraquiana é a sua desconfiança em relação ao Governo do Partido Baath instalado em Bagdad.

O Cairo ficou embaraçado com os recentes atentados, contra refugiados políticos iraquinos que vivia na capital egípcia e que levaram à detenção de dezassete iraquianos, alguns dos quais serao julgados.

Ùltimamente, tem havido também outras críticas, no Egipto: O Iraque fala muito, mas nada dá como contribuição, na crise israelo-árabe.

Nos círculos cairotasdesmentem-se as notícias de que o chefe do Governo líbio, coronel Moammar Khadafy, e o presidente sírio, Hafez Assad, se juntariam a Sadat, no Cairo, para uma conferência tripartida.

O BEIJO DO BEDUÍNO — O presidente egípcio Anwar Sadat beija e é beijado por um chefe beduíno. Sadat está de visita ao deserto da zona ocidental do seu país, depois de ter visitado a vizinha Líbia. (Telefoto UPI — Telimprensa»/«DL»)

ATAQUE CARDÍACO — Dita Beard, representante da ITT (International Telegraph and Telephone) em Washington aguarda, no Hospital Osteopático das Montanhas Rochosas, a chegada da sub-le comissão judicial do Senado. A sr.ª Beard sofreu um ataque cardíaco quando depunha sobre o papel da ITT na nomeação do ministro da Justiça, Richard Kleindienst, e na concessão de um subsídio para o próximo congresso republicano. Sob juramento, a sr.ª Beard reconheceu que partes do memorando publicado pelo jornalista Jack Anderson tinham sido escritas por si, mas negou ter redigido um memorando sobre um subsídio de 400 mil dólares para ajudar San Diego a financiar a convenção republicana e conseguir a resolução do processo anti-«trust». (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Trégua de quatro semanas na região de Londonderry

Continuação da pág. 1

cipalmente entre membros do IRA «em campo» no Ulster e os responsáveis em Dublin.

O comunicado distribuído em Derry — notam ainda os observadores — está em contradição formal com as declarações feitas, nos últimos dias, na capital do Eire. Nos meios republicanos de Dublin desmentem-se os boatos persistentes de «divisão» e frisa-se que terá lugar, hoje, uma importante reunião do Estado Maior, em território da República, para definir uma política coerente.

O OUTRO LADO

Entretanto, os extremistas protestantes iniciaram hoje, em Belfast uma campanha destinada a demonstrar que podem tornar impossível a administração directa da província pelo Governo de Londres.

Os protestantes propõem-se organizar uma greve geral de dois dias a partir de hoje que, segundo esperam, deixará a Irlanda do Norte sem transportes e comunicações, reduzirá consideràvelmente o fornecimento de energia eléctrica e provocará uma paralização quase total das actividades normais.

Esta campanha está a ser organizada pelo Movimento de Vanguarda do Ulster, um grupo da extrema direita que ràpidamente assumiu o papel de organismo militante representativo da maioria protestante.

Os dirigentes sindicais dirigiram um apelo aos trabalhadores para não aderirem à greve, mas os militantes da Vanguarda calculam em cerca de 200 mil o número de pessoas que acatará o seu apelo.

Numa entrevista dada ontem à noite, o chefe desse movimento direitista, William Craig disse que qualquer habitante que colabore com uma comissão consultiva de cidadãos que o Governo britânico pretende estabelecer será considerado como um traidor.

«No caso de comerciantes, a comunidade será aconselhada a não lhes comprar nada e socialmente serão votados ao desprezo», afirmou.

Os deputados unionistas do Parlamento da Irlanda do Norte anunciaram já que não tencionam fazer parte da comissão consultiva de cidadãos que Whitelaw precisará para o aconselhar.

Campanha violenta em Itália

Feltrinelli assassinado?

Continuação da primeira página

mistas da esquerda foi morto por uma explosão de dinamite junto de um poste de electricidade, em que se preparara um acto de sabotagem. Três conservadores foram acusados de um atentado bombista em 1969, em Milão, que matou 16 pessoas e bombas explodiram ontem num comício neo-fascista nessa cidade.

RECEIOS DE SARAGAT

O ex-presidente Giuseppe Saragat exprimiu grandes receios durante um comício político, efectuado ontem em Milão, quando avisou que a onda de violência política fornecia a atmosfera ideal para um renascimento fascista.

O Movimento Social Italiano (MSI), neo-fascista, espera conseguir grandes ganhos nas eleições.

«Decorridos mais de 25 anos após a proclamação da República Italiana e numa Europa cada vez mais civilizada e democrática, sofremos a humilhação, como italianos e homens livres, de assistir a um ressurgimento da planta venenosa do fascismo — afirmou Saragat.

POUCOS ESTRAGOS

Os atentados bombistas de ontem contra um teatro de Milão causaram poucos estragos, não se registando vítimas entre os 2000 neo-fascistas lá reunidos. Quatro bombas incendiárias foram, também, lançadas contra uma filial do MSI na cidade. Provocaram poucos danos.

Contudo, o caso do editor milionário Giangiacomo Feltrinelli, cujo cadáver foi encontrado há cerca de duas semanas junto de um poste da electricidade, causou grande alarme e fez agravar a rivalidade entre a direita e a esquerda.

Embora os conservadores afirmem que Feltrinelli morreu numa tentativa de sabotagem — a polícia afirma ter descoberto desde então planos para vasta guerra de guerrilhas, durante a campanha eleitoral, por parte de extremistas da esquerda — os esquerdistas afirmam que o editor foi morto num cenário preparado por elementos da direita, a fim de os desacreditar.

O resultado oficial da autópsia não foi ainda divulgado, mas o jornal esquerdista de Roma «Paese Sera» afirmava a noite passada que o professor Giulio Maccaccaro, um dos quatro médicos envolvidos na autópsia, apoiava a teoria da esquerda.

«Quanto a mim Feltrinelli foi assassinado. Resta saber por quem» — afirmou o professor segundo o jornal.

O jornal dizia que, segundo o professor, o cadáver revelava ferimentos no couro cabeludo, que não foram aparentemente causados pela explosão de dinamite, que teria sido suficiente para o matar.

Entretanto, um acusador milanês passou ontem um mandato de captura contra um mecânico de uma garagem e alegado colaborador de Feltrinelli, acusado de colocar a dinamite no poste onde morreu o editor.

O homem, Giuseppe Saba, de 28 anos, não é acusado de envolvimento na morte do editor. Investigadores afirmaram, porém, julgar que Feltrinelli não se encontrava só quando estava junto do poste.

Entretanto, aumentaram as acusações e contra-acusações com a notificação feita por um juiz de Treviso de que possuia provas para incriminar três neo-fascistas, incluíndo um candidato eleitoral do MSI, de envolvimento num atentado bombista em 1969, em Milão, que matou 16 pessoas e feriu cerca de 80 outras.

A revelação fez subir a indignação principalmente porque um anarquista, Pietro Valpreda, está já a ser julgado por colocar a bomba. Desde a prisão de Valpreda, a esquerda tem rejeitado unânimemente a acusação, alegando que o atentado foi obra de provocadores da direita.

SEGUNDO O 'NEWS OF THE WORLD'

Espião soviético entrega-se no Canadá

LONDRES, 27 — Um agente da URSS, que conhece em pormenor os planos da espionagem soviética na América do Norte, entregou-se às autoridades canadianas — anunciou o semanário dominical «News of the World».

A agente, a que a contra-espionagem canadiana dá o nome de «Anton», entregou-se em Montreal, no mês de Dezembro, por saber que, em Agosto, se entregara aos ingleses, em Londres, um dos chefes da espionagem soviética, Oleg Lyaline.

Segundo o «News og the World», considera-se «Anton» ainda mais valioso do que Lyaline, «por poder revelar os planos da KGB (polícia secreta soviética) em relação aos países da América do Norte».

Por outro lado, dada a entrega de «Anton», vai ser agora interrogado Lyaline ácerca de planos, cuja existência se conhece, para atentados e sabotagens no Canadá e nos Estados Unidos.

Sabe-se que «Anton» e Lyaline «trabalharam no departamento 5 da KGB, que trata dos atentados e de sabotagens em todo o mundo» — acentua o jornal.

«Anton», com a sua família, chegou ao Canadá como vulgar imigrante, em 1961, e dispunha de bom equipamento: lentes micro e um emissor-receptor escondidos na boneca preferida de uma das suas filhas.

«Anton», filho de checos, nasceu em Montreal no ano de 1931 e partiu para a Checoslováquia em 1949. Foi então recrutado e instruído pela KGB. De regresso ao Canadá, recebia instruções por meio de «pontos» constituídos por imagens microfilmadas, «coladas em vulgares cartas que por vezes lhe eram remetidas de Ottowa.»

Em Maio de 1965 o seu entusiasmo pelo trabalho ficou abalado, devido a uma repreensão de Oleg Kikolaevich Khomenko, que tinha o cargo oficial de funcionário do consulado soviético em Ottowa, mas que era, na verdade, alto funcionário do KGB.

SAN SALVADOR

Desligado do golpe o General Medrano

SAN SALVADOR, 27 (F.P. e R.) — À medida que a situação volta à normalidade, começam a ficar esclarecidas as circunstâncias em que se deu o malogrado golpe de Estado em San Salvador, onde pereceram cerca de cem pessoas e ficaram feridas mais de 200, segundo um balanço provisório, feito sábado à noite.

Assim, ficou apurado que o general José Alberto Medrano, candidato infeliz nas últimas eleições presidenciais, não tomou qualquer parte na intentona. De fontes ligadas à presidência, diz-se que o general permaneceu todo o dia de sábado em sua casa.

Toda a responsabilidade do golpe de Estado lançado pela extrema-direita cai sobre o coronel Benjamin Mejias, que, de conivência com dois dos principais aquartelamentos do país, desencadeou o movimento, sábado, por volta da uma hora da manhã.

O primeiro objectivo dos rebeldes foi neutralizar as centrais eléctricas e telefónicas da capital. Depois, um destacamento rebelde aprisionou o presidente Hernandez, que foi levado para uma guarnição da capital, de onde o coronel Mejias anunciou o êxito da rebelião. No entanto, a Guarda Nacional e a Aviação tinham permanecido fiéis ao presidente, tornando-se decisiva a sua actuação.

Ao amanhecer, a aviação atacou os núcleos rebeldes, enquanto em terra o coronel Oscar Gutierrez, comadante da Guarda Nacional, tentava uma reviravolta, lançando na luta os lealistas, precisamente no momento em que um dos candidatos vencidos nas últimas eleições, Napoleon Duarte, anunciava a sua adesão aos rebeldes.

Pouco a pouco, tomando as posições rebeldes uma a uma, as tropas lealistas dominaram a intentona.

O coronel Benjamin Mejias e o político democrata-cristão Napoleon Duarte, que foi derrotado nas eleições presidenciais do mês passado, vão ser julgados por um tribunal militar, acusados de sedição e traição.

GOLPE DE ESTADO — Às primeiras notícias de um golpe de Estado em El Salvador, a mais pequena das repúblicas da América Central, em que o presidente, general Fidel Sanches Hernandez (à esquerda), chegou a estar preso pelos revoltosos, falou-se no general José Alberto Medrano (à direita), como dirigente da intentona. Dominado o golpe pela Guarda Nacional e a Aviação, apurou-se, no entanto, que Medrano, candidato derrotado às eleições presidenciais, não tivera qualquer participação no golpe da extrema-direita e que o dirigente deste fora o coronel Benjamim Mejia (Telefoto UPI-Telimprensa/DL)

ESTRANHO AMOR PELA CULTURA

Segundo a Polícia de Nápoles, o ex-condenado Vicenzo Masiello não fazia tenções de aumentar a sua cultura ao comprar duas enciclopédias com reproduções de quadros famosos.

Feita uma rusga a um armazém, a Polícia encontrou as duas enciclopédias e também uma centena de quadros copiados dos livros, vários tapetes persas falsos e vasos egípcios.

A quadratura do círculo

O primeiro ministro «tory» Edward Heath ficará na História como o estadista que fez entrar a Grã-Bretanha no Mercado Comum e, provàvelmente, como o homem que resolveu, de uma vez para sempre a questão do Ulster ou Irlanda do Norte. Isto é, se conseguir a quadratura do círculo, pois é disso que se trata, pouco mais ou menos.

Ao decidir que Londres assumisse a administração directa daquela região, pondo termo à autonomia protestante, Heath adoptou a medida perante a qual se recuava desde que a situação começou a agravar-se, com a multiplicação das manifestações e a escalada do terrorismo. Embora a medida «congele» apenas por um ano o Stormont (Parlamento) do Ulster, ninguém gostaria de estar na pele de William Whitelaw, «procônsul» nomeado para substituir o Governo local, de Brian Faulkner, demissionário por não concordar com todos os aspectos do plano de paz para a Irlanda do Norte, que muitos chamam «colónia» inglesa na própria Europa ou, exageradamente, o Vietname da Inglaterra.

O problema parece insolúvel. A maioria da população (dois terços do milhão e meio de habitantes) é protestante e habituou-se a beneficiar de privilégios negados aos 500 mil católicos do território, reduzidos à condição de cidadãos de segunda classe, política, económica e socialmente. Meio século de sujeição provou ser excessivo e levou à explosão de violência, utilizada ùltimamente pelos extremistas católicos para exercerem pressão no sentido de união do Ulster com a República independente do Sul da ilha, o que não seria evidentemente aceite pelo milhão de protestantes, que não querem ser absorvidos pelo Eire e poderão recorrer por sua vez ao terrorismo em larga escala, o que corresponderá à guerra civil total. A menos que um estatuto especial lhes seja garantido numa Irlanda reunificada ou se proceda a uma nova partilha, incompatível com as pretensões dos extremistas católicos quanto a uma Irlanda una e socialista. E, para pôr termo à radicalização, é possível que Londres e Dublin cheguem a um acordo, o que não significaria forçosamente que a questão ficasse por aí.

AUTOMOBILISMO

AS DOZE HORAS DE SEBRING

SEBRING, Florida, 27 — (ANI) — Mario Andretti e Jacky Ickx ganharam as **Doze Horas de Sebring**, em automobilismo, num «Ferrari» que fez a média horária de 179 quilómetros.

Em segundo lugar ficaram o suiço Ronnie Peterson e o inglês Tim Scheken, igualmente em «Ferrari».

EDITORA PRECISA

PROMOTORES DE VENDAS PARA ACTUAR JUNTO DE LIVRARIAS DE LISBOA

EXIGE-SE:

- ★ Idade superior a 20 anos
- ★ Habilitações literárias mínimas: 5.º ano liceal ou equivalente
- ★ Conhecimento da cidade de Lisboa
- ★ Boa apresentação

OFERECE-SE:

- ★ Lugar estável
- ★ Possibilidade de promoção
- ★ Ordenado compatível
- ★ Possibilidade de trabalho em regime part-time

Dá-se preferência a estudantes, desde que reunam as condições acima descritas.

Resposta ao N.º 534.

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292-1.º—LISBOA—Tels. 369384/5/6

Restaurante

"O PEIXE"

NO ESPELHO DE ÁGUA, EM BELÉM. Facilidades de estacionamento.

DOMINGO DE PÁSCOA

Servem-se almoços e jantares com ementa especial

Telefone 61 04 94

DL Policial

O PÍFARO FOI O MOBIL DO «CRIME»

No passado sábado, a meio da tarde, apresentou-se na Secção de Justiça da PSP, o sr. Eduardo Augusto Santos Fernandes, de 23 anos, natural e residente na Covilhã, acompanhado por dois conterrâneos seus, os srs. Carlos António Brás Santos e Fernando Alberto Martins Lameiras, respectivamente de 17 e 16 anos de idade.

Dizia o sr. Eduardo Fernandes que lhe haviam roubado a importância de 38 contos, o que podia ser testemunhado pelos dois rapazes que o acompanhavam. E contava a seguinte história: com tal importância no bolso, convodara aqueles seus amigos a virem com ele a Lisboa, pois precisava de comprar um instrumento musical - crê-se que uma flauta numa casa da especialidade da capital. Com esse intuito, e porque dinheiro não faltava, alugou um táxi na Covilhã. Como chegassem a Lisboa sobre a hora de almoço, e «receando que no restaurante não lhe trocassem uma das suas notas de mil», o sr. Eduardo Fernandes pediu 100$00 ao motorista, sr. João Ribeiro Morgado, para o repasto. Depois... bem, depois, dirigiu-se, sempre com os dois amigos á tal casa de instrumentos musicais, escolheu a flauta ou trombone ou lá o que era e, no momento de pagar, pôs-se a remexer nervosamente nos bolsos, afirmando que lhe tinham roubado os 38 contos.

Claro que na Secção de Justiça da PSP a história pareceu pouco verosímil, não tardando o sr. Eduardo Fernandes a cair em contradições. Afinal inventara toda a história, desde a partida da Covilhã, apenas com o intuito de se proporcionar um passeio, trazendo os amigos e o motorista ao engano. O aluguer do táxi atingia a quantia de 1 400$00. Sem um tostão no bolso, o sr. Eduardo Fernandes ficou detido no Governo Civil, até que se aclare a história e ele diga como vai pagar os 1 500$00 que deve ao motorista. Afinal, parece que não havia vocação musical, porque a cantiga era outra...

À FACADA

O operário sr. Manuel dos Santos, de 44 anos, morador na Quinta das Marapinhas, a Chelas ontem, pelas 22 horas, travou-se de razões, junto da sua residência, com o seu vizinho António Carvalho Ferreira, da mesma idade, estucador. Após uns breves insultos, chegaram a vias de facto. Vai então, o Manuel dos Santos, que é homem que usa a faca por dá cá aquela palha, levou a mão ao bolso e, num relâmpago, vobrava um golpe no peito do antagonista, deixando-o em estado grave.

Uma ambulância do «115» conduziu ràpidamente o ferido ao Hospital de S. José, onde ficou internado.

Preso, o Manuel dos Santos deu entrada na esquadra do Beato, transitando mais tarde para o Governo Civil.

Também ontem à tarde, em Linda-a-Pastora, após uma azeda troca de palavras, o sr. Alfredo Claudiano da Silva, ali residente, esfaqueou no ventre o sr. António Bonifácio de Brito, morador na mesma localidade.

Levado para o Hospital de S. José, o agredido teve de ficar internado, dando entrada na sala de observações, visto o seu estado inspirar cuidados. O Alfredo Claudiano conseguiu pôr-se em fuga. É procurado pelas autoridades.

MUSGUEIRA: PEDIU CONTAS À POLÍCIA

O Bairro da Musgueira teve, ontem, um dia alvoraçado. Durante toda a tarde, as desordens entre vizinhos alastraram como fogo em caruma de Verão. Por tal motivo foi pedida a comparência da polícia, deslocando-se para ali um carro-patrulha da 3.ª Divisão da PSP, com três elementos. Ao entrarem na Rua Central da Musgueira-Sul, os agentes avistaram um magote de pessoas bastante excitadas e que, segundo as informações dadas por aquela Polícia, agrediam ou insultavam fiscais da C. M. L. Saíram os três agentes do carro-patrulha dispostos a acalmar os ânimos e a dispersar os exaltados, mas foram agredidos a pontapé e a soco. Em seguida os agressores fugiram, sendo impossível identificá-los.

Porém, quando, mais tarde, o mesmo carro-patrulha transitava numa outra artéria do Bairro um motociclista travou na sua frente e, acompanhando as palavras com gestos irados, pôs-se a pedir explicações aos agentes porque, dizia ele, estes o haviam agrdido, na desordem da Rua Central, sem que ele tivesse tomado qualquer atitude ofensiva. Os agentes resolveram deitar a mão ao homem. Este não esteve pelos ajustes e resistiu, acabando por se envolver num verdaeiro arraial de pancadaria com os três guardas da P. S. P.

Por fim, dominado e sob prisão, soube-se que se tratava de António Costa Pereira Magalhães, de 36 anos, residente na Estrada da Pisa Pimenta, Olival da Marquesa, 9, à Charneca. Recolheu aos calabouços do Governo Civil.

ACIDENTE NO ESTORIL

DUAS SENHORAS EM ESTADO GRAVE

Em estado considerado grave, recolheram, esta madrugada, ao Hospital de S. José, duas senhoras que sofreram grave acidente de viação, no Estoril.

O carro em que viajavam era conduzido por Francisco Borges Antunes, de 42 anos, operário e levava como passageiros Manuel de Oliveira Pancas, Perpétua Leonardo Pancas e uma outra senhora cuja identidade se desconhece, mas que aparenta ter 21 anos. O condutor e o passageiro sofreram ligeiras escoriações enquanto que as duas senhoras ficaram em estado grave. Desconhece-se a causa do acidente.

PORTUGAL PROCURA MERCADOS NA ÁSIA

HONG-KONG, 27 — (ANI) — É esperada no dia 4 do próximo mês em Hong-Kong, para uma visita de três dias, uma delegação de exportadores portugueses, anunciou um informador do consulado português.

Os membros do grupo, que representam 31 companhias, englobam vários sectores da produção nacional, incluindo máquinas de escrever, produtos de cortiça, vidro, vinhos, cosméticos, bordados, mármores, fruta e peixe de conserva, artigos de artesanato, café, produtos farmacêuticos, cordoaria, tapetes, cerâmica, artigos de prata e objectos de filigrama.

ESPIRAL GM 14/71/72

VAUXHALL VIVA

Motor: 1256 c.c., 4 cilindros, válvulas à cabeça, 62,5 HP de potência máxima às 5.400 r.p.m. **Transmissão:** 4 velocidades todas sincronizadas. **Suspensão:** independente, com molas helicoidais e amortecedores telescópicos de dupla acção. **Conforto:** piso alcatifado. Aquecimento e ventilação reguláveis. Bancos confortáveis ajustáveis ao corpo. **Segurança:** carroçaria moñobloco, toda em aço, amortecedora de choques. Coluna de direcção compressível.
Modelos de 2 e 4 portas e Caravan

VAUXHALL VIVA1300

UM CARRO VIVO PARA UMA VIDA MELHOR!

VAUXHALL GM

F. C. Porto (Dale Dover) campeão de basquetebol

Batendo o Sporting, a equipa portista arrebatou o metropolitano de basquetebol

... E Dale Dover é campeão: ele tinha dito, tornado a dizer e prometido. Mas o «tira teimas» tinha ficado guardado para este fim-de-semana. A vitória da sua equipa frente ao Sporting (62-47) e a derrota da Académica, em Lisboa, no embate com o Benfica (82-79) levaram o americano do Porto à conquista do primeiro título da temporada: o metropolitano. E deixaram-lhe a possibilidade de discutir (em sua própria casa) o ceptro nacional.

O Pavilhão do Lima não chegou para as encomendas: quem estava lá dentro nem conseguia ver o vizinho do lado. E, cá fora, os mais aventureiros ainda tentavam a «chance» de arranjarem ingresso. Dale Dover e Kit Jones planearam «quimicamente» os sistemas tácticos a apresentar. Numa primeira observação, bem vistos: mas, depois, a dependerem exclusivamente do evolucionar dos acontecimentos.

O Porto começou por viver dez minutos de nervosismo, de tentativas falhadas que tornaram possível ao Sporting chegar a 10-0 e 12-2. Depois, a partida equilibrou-se um pouco mais na marcação: mas, ao longo de toda a primeira parte, a turma leonina foi sempre a mais cristalina na explicação do que pretendia.

Então, Dale Dover acelerou, as faltas começaram a aparecer no Sporting em abundância e o bom jogo e discernimento desapareceram. A acumulação de faltas diminuia o poder defensivo do Sporting: como ao ataque nenhum dos «cinco» apresentava nível «digno», as defesas tornavam-se preponderantes. O Porto optou, sempre pelo homem-a-homem, com flutuações para o «pressing» quando a equipa marcava. Como o Sporting não tem meias distâncias em grande número, teve de optar pela «luta na estatura», tentando ganhar nos ressaltos de tabela e lançar o contra-ataque a provocar natural desgaste nos portuenses

A defender, o Sporting manteve-se sempre fiel à zona (mas muito maleável) e conseguiu um certo êxito enquanto as tais faltas não apareceram.

Com as desclassificações de Encarnação, Beto e José Carlos desapareceu aquele Sporting que durante a primeira parte tinha estado sempre em vencedor. Triunfo justo do Porto, ao fim e ao cabo, mercê do querer de Dover: que foi um verdadeiro facho a arder. O Sporting terá deixado Kit Jones muito tempo no banco: isso terá apressado a vitória dos portistas.

EM LISBOA: FESTA ADIADA

O prof. Alberto Martins confessou, antes do jogo começar: «**Espero que a Académica vença, pois está preparada para isso: e o Benfica não deverá resistir à nossa avalanche de jogo**».

Foi com este espírito que os estudantes entraram a jogar: garra, querer e muita atenção a todos os movimentos do Benfica foram as primeiras preocupações de Baganha e seus colegas. Servidos por um extraordinário jogador (o americano Haderlein: «é o melhor que está em Portugal», diz José Alberto, treinador do Benfica) a Académica marcou vantagem na primeira parte, que deixou em todos a ideia de poder ser ainda aumentada na etapa complementar. Augusto Baganha (e a sua terrível meia distância) não funcionava: em contrapartida, Haderlein, Tavares e Carreira lançavam golpes mortíferos com contra-ataques velozes. Ao intervalo, a vantagem da Académica cifrava-se em seis pontos, na maior parte dos casos mais consentidos do que resultantes de uma boa exibição do Benfica: Haderlein (com 23 pontos marcados) e Pombo (com 18) eram os «heróis».

«**Dentro do que já se esperava, o jogo está a revestir-se de algumas dificuldades. Apesar de tudo estamos a ganhar: e a vantagem pode permanecer. O «cinco» tem acusado um certo nervosismo, mas parece que tudo irá melhorar com o resultado alcançado**».

O técnico da Académica continuava confiante (disse-nos) e Pombo, o jogador mais em evidência, no Benfica estava de acordo:

«**Temos poucas possibilidades de ganhar, pois a equipa está quase toda aleijada e a Académica está a jogar em bom plano. Se «eles» continuarem neste ritmo devemos ter poucas hipóteses**».

Tudo ao contrário: Baganha desapareceu, Haderlein começou a ver-se sózinho e o Benfica embalou. Pombo encestava de todo o lado, Dignan jogava de «raiva» e Joaquim Carlos não falhava um único contra-ataque.

As igualdades começaram a suceder-se, o entusiasmo subiu ao rubro e, o sinal era vermelho: a quatro minutos do final, a Académica vencia por 70-69. Quando a bandeira dos três minutos finais apareceu, o Benfica tinha a vantagem (73-72) e quando a mesa apitou para acabar o jogo a diferença era significativa: 82-79. José Alberto e os seus jogadores abriam alas à saída dos estudantes e a verdadeira festa desportiva tinha terminado em beleza.

«**Estive nervoso durante a maior parte do tempo porque a arbitragem errou em várias ocasiões. O jogo foi um espectáculo: tanto técnico, como táctico. E nós apesar de não termos nada a ganhar com esta vitória, ficámos satisfeitos: o nosso prestígio manteve-se intacto**».

O treinador José Alberto rejubilava e era muito felicitado. Pombo ria-se: «**Afinal, enganei-me: continuei a acertar com o cesto e os meus colegas correram tanto como se tivessem ainda 20 anos**».

Na cabina dos estudantes ninguém conseguia entender como tudo aquilo se tinha passado. Alberto Martins estava abatido: «**Na parte final do jogo a arbitragem descontrolou-se e modificou tudo. Se já estávamos nervosos, mais ficámos: e quando um dos juizes se lembrou de anular um cesto, alegando «três segundos», foi o fim. Tenho pena de não poder proporcionar uma alegria a todos aqueles que nos apoiaram durante o jogo, mas no «Nacional» tudo pode acontecer e a minha esperança no título continua de pé**».

Resultados nos restantes jogos da jornada: Vasco da Gama, 79-Algés, 50; Ginásio Figueirense, 66-Académico, 62; Galitos, 64-B. P. M.,96 e Carnide, 59-CUF, 89. O Porto, vencendo a Académica (75-71) triunfou no Campeonato Nacional de Júniores. Em juvenis, o Algés conseguiu idêntica proeza: na última partida, triunfou sobre o Vasco da Gama (55-31).

FIM-DE-SEMANA DESPORTIVO

NATAÇÃO

No Torneio Internacional de Trento (norte de Itália) os nadadores portugueses alcançaram posições de relevo, conquistando duas medalhas de prata e uma de bronze. Concorreram mais de mil nadadores, de idades compreendidas entre os dez e os catorze anos, em representação de dez países. Luísa Cavaleiro Madeira alcançou o 2.º lugar nos 50 metros livres, com o tempo de 46,2 seg. Também na segunda posição ficou o jovem Henrique Venâncio, fazendo 2m. e 37 s. nos 200 metros estilos, prova em que participaram 45 nadadores. Paula Barata Alves classificou-se em 3.º lugar, nos 50 metros bruços, registando o tempo de 45,2 s.

Na piscina das Antas (Porto) realizaram-se as primeiras provas dos Campeonatos Metropolitanos de Inverno com uma assistência que esgotou a lotação. Vencedores das provas: 400 metros livres, juvenis — José Neves (Porto), juniores — Torres Pinto (Porto); 100 metros bruços, juvenis — Carlos Cruchinho (Benfica), júniores — Heitor Silva (Benfica), seniores — Brito Rosa (Académica); 200 metros costas, juvenis — Luis Cavaleiro Madeira (Benfica), júniores — Heitor Silva (Benfica), seniores — Magalhães Gonçalves (Académica); 100 metros mariposa, juvenis — Joaquim Carvalho (Académica), juniores — Heitor Silva (Benfica), seniores — Fernando Rosa Jorge (Individual); 4x100 metros estilos, juvenis — F. C. Porto, júniores — Académica, seniores — Académica; 100 metros livres, juvenis — Ana Cunha (Algés), júniores — Ana Rosa Jorge (individual); 200 metros estilos, juvenis — Manuela Silva (Académica), júniores — Francisca Teixeira (Porto), seniores — Isaura Martins (individual); 100 metros costas, juvenis — Manuela Silva (Académica), júniores — Francisca Teixeira (Porto; 200 metros bruços, juvenis — Manuela Banha (Algés), júniores — Florinda Cardia (Fluvial) e 4X100 metros livres, juvenis-Algés, júniores-F.C.Porto.

Para nadadores de 8 a 9 anos realizou-se na piscina do Areeiro um torneio reservado a escolas de clubes. Vencedores: 25 metros costas: José Lopes (Nac. Natação); 50 metros bruços: Luís de Freitas (U.P.); 25 metros livres: Luís Medeiros (Algés); 25 metros mariposa: Eduardo Morais (Algés); 25 metros costas: Fátima Baptista (Benfica); 50 metros costas: Gilda Gomes (Algés); 25 metros bruços: Fernanda Pedro (U.P.); 50 metros bruços: Helena Alves (Algés); 25 metros livres: Fátima Baptista (Benfica); 50 metros livres: Helena Alves (Algés) e 25 metros mariposa: Joana Serra (Algés):

FUTEBOL

Disputaram-se dois jogos em atraso do Campeonato Nacional da Segunda Divisão. Na Covilhã, o Sporting local venceu o Fafe por 2-0, resultado feito no primeiro tempo. Em Sintra, o Peniche bateu o Sintrense, também por 2-0, com golos alcançados da mesma forma durante a parte inicial do desafio.

Para a mesma competição adiantaram-se dois encontros: num, o Alba levou de vencida o Gil Vicente (por 3-2, com 2-1 ao intervalo); no outro, o Riopele foi empatar a Braga, num jogo onde não houve golos. Assim, a equipa da Pousada de Saramagos cedeu mais um ponto aos seus perseguidores na tabela classificativa.

O Futebol Benfica, ao empatar em Bucelas (por 2-2) mantém o comando da classificação do Campeonato Distrital de Reservas da 1.ª Divisão (fase final). Outros resultados: Pero Pinheiro, 1-Arroios, 2 e Santa Iria, 0-Vitória, 0.

NACIONAL DA III DIVISÃO

Zona A: Vianense, ao ganhar em Vila Real (por 1-0) mantém o comando da classificação com dois pontos de avanço sobre o Vilanovense, que no seu campo bateu o Lamego (também por 1-0). O melhor resultado alcançou-o o Leça: ao vencer o Mirandela por 4-0.

Zona B: com a vitória sobre o Celoricense (por 3-0) o Vale-Cambrense aproximou-se da Oliveirense que empatou (1-1) nas Minas da Panasqueira. Por sete golos sem resposta, o Lourosa venceu o Ala Arriba e a Ovarense bateu o Ericeirense.

Zona C: Vencido em Almeirim (por 2-0) o Portalegrense cedeu o primeiro lugar da tabela ao Caldas: que, por 1-0, derrotou o União de Santarém. Bom resultado da outra equipa de Portalegre (o Estrela, de Mário Coluna) que ganhou por 2-1 ao quarto classificado, o Alhandra.

Zona D: Por 1-1 empatou o Almada com o Amora, o que não o afastou do topo da tabela, já que em Évora o Juventude consentiu o mesmo resultado ao Silves. Em Lagos, o Esperança venceu o Lusitano de Vila Real (por 1-0) e o Estoril alcançou uma boa vitória em Paio Pires: 2-0.

JUVENIS

Prosseguiu a «Taça Nacional de Juvenis» com os jogos referentes à penúltima jornada. Registaram-se dois resultados de 10-0: em Coimbra (a Académica venceu o Naval) e na Luz (o Benfica derrotou o Futebol Benfica). O Sporting bateu o Estrela da Amadora por 6-0 e o F. C. Porto derrotou o Leixões por 5-0. Difícil foi a vitória do Belenenses, no Restelo, sobre o Vitória de Lisboa: 2-1.

Em 32 jogos verificaram-se apenas três derrotas dos clubes visitados e quatro empates. V. Guimarães, Avanca, D. Guarda, Académica, Marrazes e Loures estão já apurados para a fase seguinte.

OUTRAS COMPETIÇÕES

HIPISMO: abriu a época de saltos no Hipódromo de Cascais, com vitória de Manuel Helder Martins (em «Gringa Prince»).

ATLETISMO: a chuva prejudicou as provas que a Associação de Lisboa realizou nos Estádios Universitário e Nacional, destinadas a infantis, iniciados e juvenis.

Salientam-se os resultados obtidos por Francisco Maruta (C.U.F.) que saltou 1,76 m de altura (juvenis); José Morais (Sporting) com 11,4 s. nos 100 metros (também na categoria de juvenis), José Branco (infantil do Benfica) que obteve novo máximo regional nos 1 000 metros com 3 m. 01 s. e Helena Julião (juvenil do Sporting) que também obteve outro máximo regional no lançamento de disco, com 29,88 metros.

GINÁSTICA: Paulo Correia (Sporting) e Ana Catarino (Ginásio de Lourenço Marques) são campeões nacionais.

ESGRIMA: o C. D. U. L. ganhou a Taça «Grémio Literário».

Compre a
J. PIMENTA S. A. R. L.
ANDARES
OU
APARTAMENTOS
MOBILADOS
Preços desde 180 contos
Com 25 contos pode participar na modalidade de compropriedade e obter um bom rendimento
Informações:
Queluz — Edifício Sede
Av. António Enes, 25
Telef. 95 20 21
LISBOA
Pr. Marquês de Pombal, 15
Telef. 4 53 43 - 4 78 43

YBARRA & C.IA, S. A.
SEVILHA
PARA:
MEDITERRÂNEO
CABO SAN VICENTE | 9 de Abril | VIGO ALGECIRAS BARCELONA GÉNOVA
OS AGENTES
Em Lisboa: AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-C Telefone 32 43 51
No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA. Rua Nova da Alfândega, 12 Telefone 2 84 21

LEIXÕES,2-BEIRA-MAR,1

DEPOIS DA HORA GOLO DA VITÓRIA

Apesar de só conseguir o golo que lhe valeu os dois pontos quando já passavam três minutos da hora regulamentar, a verdade é que os matosinhenses merecera m, inteiramente o triunfo, já que foram os mais incisivos no ataque e aqueles que mais batalharam para conquistar o triunfo final.

Jogando em boa velocidade (e utilizando frequentemente os extremos) os leixonenses bem cedo começaram a criar sérios embaraços para a defensiva contrária, obrigando mesmo Domingos a várias defesas de recurso. Mas o golo, pelo qual vinham lutando ansiosamente estes jovens atletas matosinhenses negava-se contìnuamente, quer através do lance em que Vaqueiro apareceu isolado e atirou á figura do guardião do Beira-Mar, quer em remate de Cacheira, que viu a bola devolvida pelo poste superior.

Mas havia de ser o mesmo Cacheira que veria os esforços coroados de êxito, quando já estavam decorridos 36 minutos, ao aproveitar do melhor modo uma desatenção da defesa contrária (que deixou a bola correr dentro da sua grande área) para a mandar para o fundo da baliza de Domingos.

Estava justificada, pelo menos em parte a pressão ofensiva que os matosinhenses vinham exercendo até aí e que se manteve até final do primeiro tempo, perante um adversário que jogou com muita cautela defensiva, para em contra-ataques lentos e sem grande jeito tentar criar perigo quando para isso tinha ocasião.

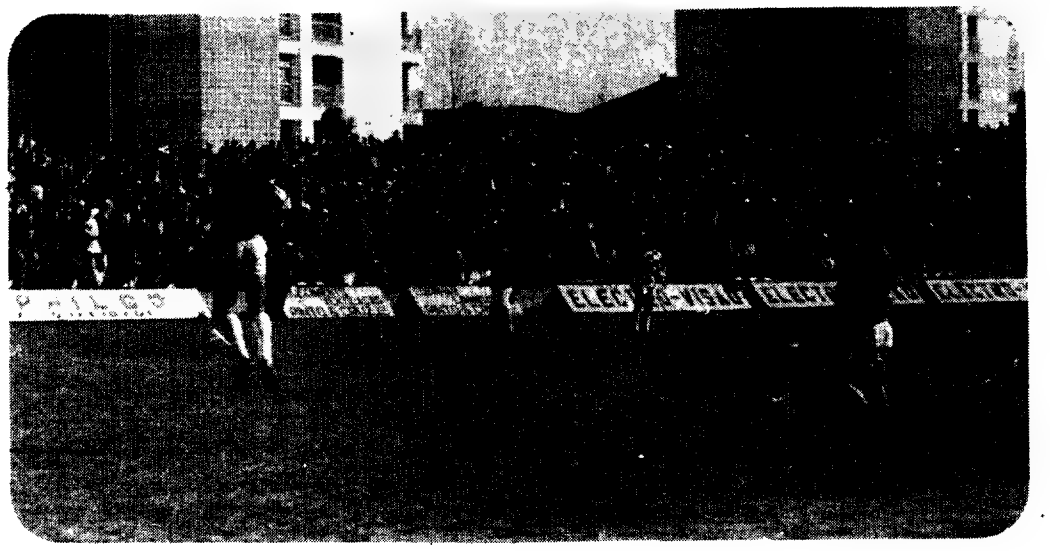
No segundo tempo, porém, a equipa matosinhense quebrou ligeiramente na sua linha média (onde os visitantes colocaram mais uma pedra) e a breve trecho os beira-marenses foram-se agigantando no terreno: mais para equilibrarem a partida, do que para suplantarem o adversário (que continuava a jogar com clareza e rapidez, através de passes bem medidos mas de remate infeliz).

Foi á passagem da meia hora desta segunda metade do desafio que apareceu o golo do empate: com culpas para a defensiva de Leixões, que parece ter ficado especada no terreno. Depois foi uma luta de nervos por parte dos leixonenses, enquanto que o seu adversário se mantinha tranquilo e suportava esse ímpeto. Até que chegou ao fim do tempo regulamentar e o árbitro procedeu a descontos. Jogaram-se mais cinco minutos (não sabemos bem porquê, pois o jogo não teve interrupções que dessem ensejo a tão largo tempo perdido) e o Leixões colocou-se em vencedor, por intermédio de Vaqueiro, aos 93 minutos...

Foi bastante caseira a arbitragem de Maximino Afonso e teve demasiados erros: que o mais grave esteve no tempo do prolongamento.

FERNANDO PASSOS

Tibi segura uma bola alta



Muita gente viu um Boavista aguerrido bater tomarenses desprevenidos

BOAVISTA,2-UNIAO DE TOMAR,0

Expressão positiva em jogo negativo

Jogou-se bastante mal no Estádio do Lima. Foram 90 minutos de mediocridade, com os dois grupos a manifestarem, em jogo retraído e desordenado, a insegurança das suas posições classificativas.

Os visitantes (decididamente dispostos a defender o 0-0) entregaram-se abertamente (e sem variantes) a um cauteloso 4-2, que foram mantendo perante a inoperância dos avançados locais, demasiado complicativos e sem velocidade capaz para conseguir (pelo menos de surpresa) ultrapassar a barreira nabantina.

Na verdade, como sempre acontece quando um grupo se vira deliberadamente para o jogo defensivo, sobrou terreno ao Boavista para organizar o seu jogo: que, na circunstância, só poderia ser feito através de um ataque persistente, veloz e com uma certa dose de imaginação.

Nem tudo isso faltou aos donos da casa, pois os axadrezados mostraram (pelo menos) alguma persistência. E, se assim não fosse, a vitória não teria certamente aparecido: como surgiu já quando o desafio se aproximava do fim. Mas isso não chegou: e foi mesmo muito pouco, para neutralizar os aspectos negativos de que se revestiu a actuação da equipa local. Acabou por merecer o triunfo, é certo, mas porque também a turma de Cabrita nada tentou no sentido de mudar a sua disposição inicial, salvo um outro contra-ataque que nunca chegou a ser significativo de qualidade nem intencionalidade para alterar o rumo dos acontecimentos.

Temos, assim, que quanto à produção de jogo, foram efectivamente os locais que mantiveram o comando da partida, logrando desde inicio várias e flagrantes oportunidades. Vários lances terminaram nos postes, alguns nas mãos do guarda-redes dos nabantinos e muitos outros se perderam nos pés dos axadrezados: daí que o marcador se possa considerar justo.

Pode dizer-se que o melhor do Boavista esteve na forma como obteve o primeiro golo: desde o modo perfeito como Mário João apontou o livre, até ao pontapé final de Moura, tudo foi executado òptimamente. E nada mais.

No tocante à arbitragem, e mau grado uma ou outra falta mal assinalada, a actuação de Porfírio Silva (de Aveiro) teve mais motivos de louvor do que razões para censura.

Artur Moura

ACADÉMICA,0-SETÚBAL,2

Sem calma e sangue frio nada feito

Dominando (embora) com relativa facilidade o seu antagonista, só por intermédio de uma grande penalidade discutidíssima o Vitória de Setúbal conseguiu triunfar em Coimbra. Isto porque o segundo golo, o da confirmação (surgido num curto espaço de três minutos) só foi possível porque a perturbação se instalara já entre os estudantes, porque a equipa escolar via ir por água abaixo a possibilidade de pelo menos conquistar um ponto, o pão mais apetecido em tempo de vacas magras.

Vai ser falado, com efeito, esse conturbado «penalty» para o Vitória convertido por Torres. No «barulho» da área, com um cacho de jogadores disputando a bola, o arbitro viu razões para o «penalty» (os estudantes de modo nenhum estiveram de acordo) e os sadinos aceitaram lògicamente a benesse. Calmamente, o arbitro manteve a sua decisão: e foi golo. Golo que lançou a confusão nos espíritos e que exaltou o já de si exaltado público da Briosa. Só assim se compreendem as cenas do após jogo e os problemas criados ao trio de arbitragem.

De resto, o Vitória mostrou que sabe mais, que tem mais «calo», que os seus jogadores pertencem a um outro escalão. A Académica ainda ensaiou uns contra-ataques com certo virtuosismo: mas Vaz e a sua defesa tudo anularam. Quem sabe mesmo se terão anulado a concretização do sonho porque se bate a Académica...

Quem sabe se terão apontado à Académica a porta da rua... Ainda faltam seis jornadas, mas lá que a coisa está feia de verdade ninguém duvida. O que vale é que há mais nestas circunstâncias e salvar-se-á quem tiver calma e sangue-frio. Ontem, a Académica não teve uma coisa nem outra.

José Manuel Fernandes

A bandeira e o protesto

Para além do resultado adverso e de mau presságio para a Associação Académica de Coimbra, independentemente do que o relatório do árbitro disser de possíveis violências no final do encontro, não ficou por aqui o jogo Académica-Vitória. Com efeito, no final do encontro os estudantes apresentam declaração de protesto baseados no diminuto tamanho da bandeirola de canto. Num lance entre Jacinto João e Martinho, que cairam sobre a bandeirola, esta partiu-se: mas, apesar disso, o árbitro voltou a fixá-la no terreno com o inevitável encurtamento continuando o jogo. Daí o protesto.

Guimarães,0-Cuf,0

O despertador não tocou

O Desportivo da CUF desembarcou em Guimarães com o fito de conseguir, perante o Vitória, arrecadar um pontinho: foi isso que logrou, após um jogo em que (quase desesperadamente) obstruiu o caminho para a baliza de Conhé, povoando o terreno de unidades que quase limitaram a sua acção a uma tarefa meramente destrutiva.

Bem carregou o Vitória: os pontapés de Tito, Jorge Gonçalves e Custódio Pinto esbarraram, sistemàticamente, na floresta criada pelos cufistas a meio da sua defensiva. Em contrapartida, os pupilos de Fernando Caiado raramente esboçaram um plano ofensivo e quando, muito esporàdicamente, desceram até ao reduto à guarda de Gomes, deixaram todo o encargo do remate apenas a Juvenal: que era fàcilmente anulado por Manuel Pinto e seus companheiros.

Quase no declinar do encontro, porém, (87 minutos),o Vitória ia tendo, finalmente, a melhor ocasião de inaugurar o marcador: Tito, uma vez mais, entrou na grande área adversária, com o perigo que lhe é conhecido. Perante a «invasão», Castro e Américo fizeram dele o que o pão costuma fazer ao fiambre. Fernando Leite assim não o entendeu, e o lance passou. Enfim, estava escrito que o encontro da manhã de ontem, não registaria golos.

ROLANDO DIAS

Três cufistas para Tito

HÓQUEI EM PATINS

O MELHOR MORA NO PORTO

Quem foi que disse que o melhor hóquei do mundo mora em Lisboa? Pois quem acreditava nisso, que se desiluda: Tomar mostrou que o mais forte é do Porto, tanto em júniores como em seniores. E, para se avaliar bem da superioridade nortenha, basta referir que a selecção da Associação do Porto bateu a de Lisboa por 6-4, e que o «combinado» da capital alinhou da seguinte forma: Ramalhete, Rendeiro, Garrancho, Jorge Vicente, Livramento, Chana, Pereira e Elias. O melhor que há cá por baixo. E, para que conste, aqui ficam os nomes dos vencedores: Adriano, Ferraz, Brandão, A. Gomes da Costa, F. Gomes da Costa, França, Costa e Cândido (juniores) Sousa, Martins, Azevedo, Cristiano, Ricardo, Américo, Coelho e Montenegro (seniores).

Guilhermino Rodrigues está de parabéns: tem mais valores para avaliar bem das possibilidades da selecção nacional que irá, no Verão, disputar o Mundial. Quer dizer: o número dos candidatos aumenta...

Passa a bola, não passa o homem

ATLETICO,2-TIRSENSE,1

FUTEBOL AO CALHAS

Coitado do Sebastião: andou 90 minutos a correr, chutar, saltar e gritar para, no fim, todo deitadinho no chão, marcar o golo da vitória do Atlético na sua própria baliza. Foi pena: para todos e mais para os seus, que já contavam com outro pontinho na bagagem de regresso a Santo Tirso.

Costuma dizer-se: escreveu-se direito por linhas tortas. Desta vez apetece dizer exactamente o contrário: se aquilo que se viu na Tapadinha se chama futebol, então o desporto-rei anda muito por baixo. E que não se viu durante o jogo, nada que se pudesse assemelhar com essa bela realidade chamada futebol-técnica, futebol-espectáculo, futebol-vibração.

Nem o facto de se encontrarem em posições melindrosas levou as duas equipas a encararem o encontro de outra forma: preferiram jogar a bola para o ar, procurar as pernas do adversário como alvo número um e deixar o tempo andar. Daí que tivesse pairado, na ideia de quase todos os jogadores, a tendência do chuta-para-a-frente-que-na-molhada-é-que-é-bom. E foi um ver se te avias: um dos laterais pegava na bola, desatava a correr por ali fora e, sens velmente na linha do meio-campo, atirava para a baliza. Com unhas e dentes todos se acotovelavam para ver: e, indistintamente, tudo acabava em falta ou em remate à toa.

Procurar dizer o que se viu de bom na tarde da Tapadinha torna-se extremamente difícil, pois até os próprios golos surgiram como dádivas caídas do céu: sem que se tivesse descortinado qualquer razão que as justificasse. Foi mau muito mau mesmo: e, se Ted Smith e António Medeiros estão a contar permanecer na primeira divisão com as suas equipas jogando aquilo, então (realmente) só um milagre os poderá ajudar.

Leitão marcou (aos três minutos da segunda parte) e a esperança de que se pudesse ver algo positivo a partir daí foi logo desfeita quando o «capitão» tirsense se elevou sem oposição (para uma bola vinda de um canto) e marcou sem luta o tento da igualdade.

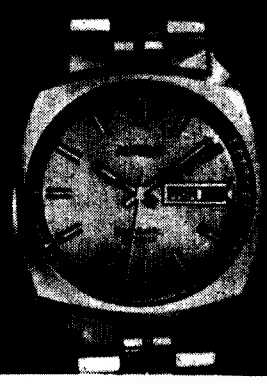
Aí acabou. E só o «santo» do Cristovão é que viria a deitar tudo por água abaixo, quando o árbitro já tinha o apito na boca e estava resolvido a dar uma ajudinha aos alcantarenses.

E pronto: os de preto ficaram mais últimos e os de Alcântara podem descansar mais uma semana. Para uns e para outros, a lição de sábado deve servir de susto para o que pensem que virá a ser o futuro na prova.

Carlos Monteiro (o árbitro) esteve ao nível do encontro: mal.

CARNEIRO JACINTO

AUREUS
EXTRAMATIC
Um relogio automatico impermeavel com calendario
Examine a vasta coleccão nas Agências Oficiais
OMEGA e TISSOT



1947
1972
Dardo
25 anos
OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA

NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR
SIEMENS
OLYMPIC
O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO
7 LOJAS DARDO
AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNEA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRESPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)
Dada a dificuldade na obtenção de moedas olimpicas, o prazo desta campanha é limitado.

FARENSE,3-BELENENSES,1

Nem sempre ganha o melhor

A partida de Faro foi emocionante, pela rapidez imposta pelos visitantes desde o início: Ernesto e Estêvão em bom plano. Jogando pelos extremos, o Belenenses obrigou Rodrigues Pereira (em tarde de fraca exibição) a intervir frequentemente em dificuldade. Mais homógeneos, os visitantes impuseram o seu jogo, não sem que os locais começassem a rondar a baliza de Mourinho a partir do quarto de hora: e, como consequência, Farias (na marcação de um livre junto da grande área) fez o primeiro tento para os donos da casa, sem que o guarda-redes «azul» tivesse tempo para esboçar defesa.

Pensou-se, então, que o Farense iria subjugar o seu valoroso adversário. Tal não sucedeu, porque o Belenenses (não se intimidando) manteve a sua toada embora deixasse transparecer certo receio pela segunda metade da partida, na qual (começa a fazer história) os visitados quase sempre obtêm o triunfo.

Aos 12 minutos, na marcação de um livre por falta de Rodrigues Pereira, Estêvão entrega a Ernesto: e este, de cabeça, obtém o golo do empate. A partir dessa altura o Belenenses, perante a dificuldade de «furar» a defesa algarvia, tenta o remate de longe e por duas vezes o esférico passa a rasar a barra. Colocados ao ataque, os locais marcam pela segunda vez por intermédio de Mirobaldo. Os visitantes reagem e, atacando em massa, remetem os adversários à defesa: mas estes contra-atacavam sempre que possível. E foi num desses lances que Adilson se isolou e fixou o resultado em 3-1 para o Farense. Resultado, afinal, que é a verdade do jogo, uma vez que, de momento, o Farense possui muito melhor equipa que o Belenenses.

Nos locais, destacamos Farias, Adilson e Ferreira Pinto, enquanto que pelos visitantes todos actuaram em bom plano: embora sem táctica que resultasse. A arbitragem de Francisco Lobo foi muito boa.

PEDRO MARTINS

Pietra alivia a sua área: Mirabaldo e Freitas estão caídos no terreno

sensacional campanha da Páscoa
Ford

FORD CORTINA GXL
compre um CORTINA ou um CAPRI até 10 de Abril e terá direito a uma OFERTA ESPECIAL!
O CONCESSIONÁRIO QUE USA A IMAGINAÇÃO
AUTO-BOAVISTA Lda.
R. DA BOAVISTA, 81-B (ao Conde Barão) tel. 671893/669141 | p.p.c. 10 linhas

Sporting,2-Porto,1

Quem segura Mário Lino

Sporting: todos á defesa e todos ao ataque. Lourenço, Márinho e Nelson vêm até cá abaixo

Por NEVES DE SOUSA

A invencibilidade de Mário Lino como primeiro treinador do Sporting esteve em perigo naqueles assomos de raiva com que o Futebol Clube do Porto regressou ao terreno após a primeira parte em que se deixara submergir no caudal atacante dos «leões». Mas a verdade é que, com Rolando a fazer um dos piores jogos da sua vida, era impossível estabilizar os receios azuis-brancos e vir para um ataque declarado que colocasse os «leões» dentro da jaula.

Daí que o triunfo do Sporting apenas tivesse pecado por escasso, em função do sinal de perigo com que rotulou maioria dos seus avanços: e pelo trabalho esgotante a que Rui foi obrigado, num esforço que o marcaria como o «homem da tarde».

Logo na primeira avançada o «placard» poderia ter funcionado: apanha a frio, a asa direita sportinguista consentiu que Lemos entrasse à vontade nas dezoito jardas e impelisse o couro a beijar o poste esquerdo de Damas. Se esse chuto tivesse entrado no cofre, outro galo cantaria ao Porto: e não teria sido obrigado a confinar-se a sistemático desbaste das progressões contrárias, esporàdicamente levantando cabeça para ir por aí fora.

Nos primeiros dez minutos, o Sporting cavalgou: cabeças de Yazalde e Nelson foram pescadas no ar pelo soberbo Rui, enquanto que outro toque do argentino raspava a trave. O Porto dir-se-ia aturdido, estupefacto, admirado. E foi só quando Flávio, à meia-volta, experimentou o golpe de vista de Damas, que os homens das Antas desenrolavam o seu plano. Mas o tactear portista do terreno foi sol de pouca dura: Rolando falhava intercepções, descarregava para o adversário, não acertava um corte. E Peres, em contrapartida, encaminhava todo o jogo pela faixa que o louro «internacional» deveria dominar: matreiramente o Sporting cedo passou à exploração do ponto mais débil do esquadrão de António Feliciano.

Mas o Porto, sempre que a bola vinha para a frente da sua linha média, ameaçava: aos 25 minutos já o dono da casa cedera três cantos e o perigo-Flávio não era mera figura de retórica nem pura Utopia. O brasileiro, aproveitando com excelência o deficiente momento de José Carlos e a falta de rotina de Laranjeira, obrigava toda a gente a estar de olho nele: assim, embora permanentemente lançado para a frente, o Sporting não repousava.

OBJECTIVO: GOLO

Outra «cabeça», de Yazalde para fora demonstrou que o sul-americano anda tão divorciado da pontaria como o pobre de uma nota de mil. E a pressão verde, cimentada na inteligência com que Peres, Chico e Dinis empurravam o jogo pelo buraco-Rolando, só não se convertia em golos porque Yazalde não chutava com precisão: e porque Rui trouxera na bagagem para Alvalade todos os pergaminhos que em tempos o colocaram na fila mais brilhante dos guarda-redes portugueses. Com efeito, o Porto deve a Rui o não ter apanhado, na meia hora inicial, três ou quatro tentos nas suas malhas: tal foi o desacerto de Rolando, tal o modo como Dinis ensarilhou Gualter, tal a maneira como Leopoldo era sistemàticamente ultrapassado por Chico.

Desta confusão toda, mas sobretudo da precipitação com que Rolando intervinha em cada jogada nasceu o seu auto golo: efectivamente um marco negro na escuríssima exibição portista. Perdido o norte, fustigado por este golpe de infelicidade, o Porto parecia entregue: Lemos e Flávio tiravam desforço dos desarmes de Pedro Gomes e Chico, Oliveira e Pavão nadavam no mar-magno do terreno de ninguém.

Aproveitando òptimamente os extremos, com Hilário a brincar com a idade e a desbaratar todos os tímidos arrancos de Ricardo (rapaz que domina bem a bola mas não avança um palmo nem atira à rede), Pedro Gomes a catapultar o jogo de trás para a frente e Nelson a meter-se na dianteira para substituir a imprecisão de Yazalde, o Sporting continuava a mostrar o cartão de Mário Lino: futebol é golo, golo é futebol.

COMANDO ORIENTADO

Na segunda parte (quarto de hora de abertura) as coisas tiveram outro rumo: o Porto sacudiu a carga da brigada ligeira e mostrou do que era capaz um «team» com a sua história. José Carlos, sem acertar com o tempo de entrada à bola, correspondia em insegurança (por banda dos «leões») à quebra de Rolando na defesa portista. Flávio, calejado e arguto, deslizou para aquele lado: e ao Sporting apareceu um belo bico de obra pela frente. Damas teve mesmo, em mergulho de pés para diante, de ir a um choque para caçar a bola: já Flávio trazia a alça levantada e pronta para o toque final.

Exactamente porque o Porto estava na mó de cima (e o Sporting não atinava com a parede para Flávio) é que surgiu o empate: o chuto do moçambicano Abel ainda bateu num poste mas já saira das suas botas com o selo fatal.

Mário Lino deu então o grito: e a troca de posições entre Laranjeira e José Carlos estabeleceu a ordem e fez terminar o pânico. Abel é pêra mais doce para José Carlos: e, quando pela frente de Laranjeira, o brasileiro deixou de constituir problema de maior.

O golpe do técnico sportinguista mostrou como os jogos podem e devem ser comandados.

«PENALTY»: SIM OU NÃO?

Lògicamente que o Sporting regressou à sua toada: ao saboroso ataque que o açoriano está a fazer retornar a uma esquadra que sempre rubricou as melhores temporadas pelo estilo ofensivo da sua invasão nos terrenos contrários. Chico assinou o segundo golo e o Porto voltou a ficar de mãos na cabeça: até ao final da hora e meia quase não tiveram conta as vezes que Rui foi chamado a dar a última palavra. Passaram da dezena os «tiros» que assobiaram junto às orelhas do guarda-redes das Antas e contam-se pelas duas mãos as oportunidades criadas (e desbaratadas) pelo derradeiro impulso leonino.

A ganhar por 2-1, Mário Lino não repousou: nem mandou que Manaca viesse para a defesa. Mandou-o (sim) para o vestiário, tal como fez a Yazalde que está uma pálida sombra do jogador que chegou a ser ídolo da «torcida» do Sporting: e, em lugar de um Macana-defensivo e de um Yazalde-apático, meteu no «team» mais dois dianteiros (Lourenço e Marinho) a demonstrar que é insatisfeito, não gosta de vitórias tangenciais e aplica todo o potencial de um clube de pergaminhos na única meta que sempre deveria estar no horizonte.

Daí até final o Sporting submeteu o Porto a um exercício de pontaria: que só não se definiu em números no marcador porque Rui chegou para todas as encomendas, a bússula verde ainda não está calibrada para o rectângulo da rede fronteira ou, simplesmente, porque o árbitro algarvio Rosa Nunes escamoteou um «penalty» e anulou um golo mesmo nas barbas dos sócios do leão.

Com efeito, ficaram muitas dúvidas sobre se a bola foi à mão de Leopoldo ou se Leopoldo meteu a mão à bola, naquele centro imparável de Peres para os pés de Chico: a verdade é que toda a gente viu uma mão tocar o couro e o árbitro logo a desviar a cara do acontecimento na grande área portista. E, ainda não estavam esgotados os protestos, Dinis consegue um golo: que Rosa Nunes invalidou por fora de jogo. Se desta vez nos pareceu que esteve dentro da razão, fica como juizo indesculpável o não ter assinalado o «penalty».

Aí temos porque o árbitro teve nota baixa: e como o Sporting, se tivesse precisado do «penalty» para ganhar o jogo, estava bem arranjado...

FIGURAS

Dá gosto ver este Sporting, ainda que tenha falhas na sua estrutura e pequenos grãos de areia a emperrarem a máquina que Lino herdou sem telhas nem porta. Quando a defesa readquirir poder e sentido de entreajuda na hora exacta, José Carlos for restituído à sua condição normal e Laranjeira se assenhorear de um pedacinho da experiência de Hilário ou Pedro Gomes, os verdes podem galgar os degraus de onde lentamente tombaram em duas temporadas. Mal caminhou o futebol português quando o Sporting renunciou (resignado) à luta pelos títulos, submerso ao fatalismo de comparações com outras paragens em que os «craques» são aos punhados. No dia em que ficou nos calços e perdeu o tiro de partida, Alvalade enjeitou a amizade admirativa dos seus «fans» a tarefa de reconciliação: começou a ser feita por Chico e Dinis sob a batuta do seu jovem e atrevido treinador.

Já falámos nos nomes verdes do jogo: Damas esteve atento, Hilário foi soberbo nos cortes, Pedro Gomes esteve sempre bem a entregar, Peres dominou o mapa como lhe apeteceu, Dinis e Chico voltaram a ter o prazer em jogar a bola. Resta acrescentar que o Porto viveu do brioso e esforçado e valente e empolgante Rui: um guarda-redes que acertou, em Alvalade, com o número da sorte. Tivesse ele outro Rolando pela sua frente e o Porto poderia ter tido a «chance» de voltar para as Antas com o ponto que a sua produção futebolística não merecia: mas a sorte lhe ofereceu.

Porque este Porto está sem conserto. Por outra: o conserto vai ser muito demorado. E requer, entre outras coisas, novos jogadores: que possam estar ao lado de Rui, Oliveira, Pavão, Flávio, Lemos, Abel e do Rolando normal, sem ficarem eclipsados por uma confrangedora diferença de classe. Só assim as Antas voltarão a vibrar com os feitos e as proezas dos homens da sua camisola. Se uma andorinha não faz a Primavera, um craque (Flávio, por exemplo) não faz um «team».

O auto-golo de Rolando: a bola vai entrar na rede de Rui perante o testemunho de Valdemar, Yazalde, Nelson e de toda a multidão de diferentes sentimentos

BARREIRENSE,1-BENFICA,0

Não há campeões invencíveis

Dois espiões do Ajax foram ao Barreiro assistir á primeira derrota do Benfica no presente campeonato. Á saída, visivelmente satisfeito, o treinador-adjunto Han Zruzenhalt conversou com Simões a quem manifestou a sua opinião sobre o desafio: ««O Benfica não actuou, estou certo, com toda a sua força. O jogo contra o Feyenoord quebrou-o muito, mas isso não me satisfaz por aí além. Domingo estarei em Paris para continuar a observação.»

Quem tem medo de um papão chamado Benfica, principalmente depois da lição de vontade e estoicismo dada pelos rapazes da camisola encarnada, na última quarta-feira, quando destroçaram por completo um sonho holândes á maior escala europeia?

Pelos vistos, ali para os lados do Barreiro, ninguém tomou conhecimento desse feito da noite de 22, pois o susto não entrou nas cabinas barreirenses nem o temor invadiu os jovens operários do futebol.

ANTES: — Carlos Silva tinha avisado: o Benfica não iria encontrar no Barreiro as facilidades a que estava habituado nos confrontos a nível nacional. O facto de os campeões (actuais e futuros) ainda não terem qualquer derrota no presente campeonato, só significava para os seus jogadores sinal verde para a grande área encarnada, na tentativa de conseguirem aquilo que nenhum outro ainda alcançara. Os cinco golos marcados na Luz contra o Feyenoord, não assustavam os seus pupilos que nunca sonhavam com «Taças dos Campeões Europeus».

Tudo isto foi o que se ouviu dizer antes do desafio do Barreiro: afinal, um para o Benfica cumprir até ser marcada data para a cerimónia da entrega de novas faixas, mais um passo na caminhada ex-gigantesca que tem a fazer na sua obrigação inter muros

DURANTE — Que foi que assustou o Benfica? Um Barreirense equipado de branco (como o Feyenoord, em Roterdão) ou o espectro do novo adversário ditado por Zurique? Seja qual for a razão, a verdade é que o Benfica actuou no semi-pelado do Barreiro como que poluído da força que o caracterizou, como que engasgado pelos fumos que impediam a «respiração» total no desenvolvimento das jogadas ofensivas: como o testemunham os milhares de adeptos de futebol que esgotaram as bancadas do D. Manuel de Melo na esperança de verem e admirarem a «Montra» do armazém que havia despachado a fanfarronice holandesa, poucas dias antes. Puro engano, porque o espectáculo não foi de subserviência para com os futuros campeões. E, o mais curioso, é que o Benfica não foi apanhado de surpresa na derrota que obriga a grandes parangonas nos jornais da especialidade: quando Serafim (aos 37 minutos) conseguiu desfeitear José Henrique, havia ainda muito tempo para se jogar muito tempo para se estudar o plano ideal de ataque, muito tempo para o pôr em acção, muito tempo para se colherem os frutos.

Mas a vontade barreirense, quando chamada a primeiro plano, foi mais real, pois à reacção desorganizada dos onze da Luz, opuseram-se com raro brio e coragem a tenacidade e o coração de uma verdadeira equipa. Ninguém duvide do mérito da vitória do grupo da margem Sul do Tejo: ela foi arquitectada sem erros nos cálculos, construída com as dosescertas de cimento e areia, defendida nos quadrantes exactos dos ventos agrestes soprados pelo aborrecimento de uns tantos perderam, pela primeira vez, no torneio em disputa.

Que fez soçobrar o Benfica? Talvez a auto-confiança, talvez uma sobrancería tão escusada como injustificada. De qualquer maneira, uma lição para os rapazes da camisola encarnada, esses atletas que foram unicamente sossos no Barreiro: autênticas pedras de uma parede, alinhadas e mantidas sem ajuda de argamassa...

DEPOIS: — O que representa para o Benfica esta derrota? Diz o povo, na sua indesmentível sabedoria, que há males que vêem por bem. Confimar-se-à, uma vez mais, o ditado? A vista de dois espiões holandeses (do Ajax) a equipa portuguesa de maior projecção além fronteiras não sofreu apenas a sua primeira derrota no presente campeonato: sofreu (igualmente) a humilhação de marcar passo na tabela de pontos, obrigada por uma turma de segundo plano. Mas irá aproveitar a lição?

Na próxima quarta-feira o Benfica (atenção, José Augusto: a selecção nacional não pode ser prejudicada por um calendário estupidamente marcado por dirigentes amadores que fazem agenda por cifrões propostos), jogará contra Chipre, um encontro de responsabilidades, porque conta para a fase de apuramento do Campeonato do Mundo. Depois, no domingo, actua em Paris, num jogo particular contra o Bayern (talvez ninguém se lesione, contrariamente ao que aconteceu no Brasil e em Londres). Na quarta-feira seguinte, vai a Amesterdão: para a primeira «mão» das meias finais da «Taça dos Campeões Europeus» E, no domingo seguinte, cumprirá novo jogo do campeonato. E assim sucessivamente: até data que ainda vem longe. Por tudo isto, a pergunta tem razão de ser: até que ponto foi benéfica esta derrota no Barreiro? Só os próximos resultados poderão responder à questão.

ORLANDO DIAS AGUDO

A defesa do Barreirense mostrou-se valente e intransponível: Toni não consegue passar, porque Romão a isso se opõe

O Barreirense foi uma equipa que soube defender sem perder o sentido de ataque. Como se prova neste lance, onde Jordão surge a apoiar a sua linha defensiva

TOTOBOLA

Boavista-U. Tomar	1		
Barreirense-Benfica	1		
Académica-Sctúbal			2
Guimarães-C. U. F.		X	
Sporting-Porto	1		
Farense-Belenenses	1		
Sintrense-Peniche			2
Vila Real-Vianense			2
Bragança-Régua		X	
Naval-A. Viseu	1		
Est. Portal.-Alhandra	1		
Amora-Almada		X	
E. Lagos-Lusit. V. R.	1		

Classificacão actual

	J.	V.	E.	D.	G.	P
BENFICA	24	20	3	1	62-10	43
V. de Setúbal	24	14	9	1	56-15	37
Sporting	24	14	7	3	44-22	35
C. U. F.	24	9	11	4	34-24	29
F. C. Porto	24	9	7	8	35-27	25
V. Guimarães	24	8	8	8	37-37	24
«Os Belenenses»	24	9	5	10	26-26	23
Barreirense	24	9	5	10	29-38	23
Farense	24	8	6	10	28-33	22
Beira Mar	24	6	9	9	25-33	21
Atlético	24	5	8	11	28-44	18
Leixões	24	6	6	12	22-42	18
Boavista	24	4	9	11	21-39	17
União de Tomar	24	6	5	13	17-32	17
Tirsense	24	5	6	13	18-50	16
Académica	24	5	6	13	23-33	16

IMPORTANTE
AGÊNCIA DE PUBLICIDADE
PRECISA
ACCOUNT - EXECUTIVE

para trabalhar destacado cliente internacional.

Indispensável sólida experiência da profissão e domínio da língua inglesa.

Resposta com «curriculum vitae», ordenado pretendido e todas as indicações julgadas necessárias para este jornal ao n.º 540.

FUTEBOL DESVAIRADO

Em Nisa, a equipa local (Sport Nisa e Benfica) recebeu o Eléctrico Futebol Clube em jogo a contar para o campeonato da 1.ª divisão da A. F. de Portalegre.

Aos 26 minutos da segunda parte, e com as equipas empatadas a duas bolas, um defesa local agrediu violentamente um adversário e foi expulso.

O guarda-redes de Nisa, irritado pela expulsão do companheiro, agrediu deliberadamente um avançado contrário; e, acto contínuo, a assistência invadiu o campo, tirando desforço dos visitantes, seis dos quais tiveram de ser conduzidos ao hospital.

Sem comentários...

Nas MERCÊS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Ruivinho, Largo da Presa.

CHIPRE NO PONTO DE MIRA:

ABEL SUBSTITUI ARCANJO

Começou a concentração da selecção nacional com vista ao jogo de quarta-feira contra Chipre. Unica novidade: a chamada de Abel para o lugar de Arcanjo, lesionado e sem possibilidade de recuperação. Uma distensão muscular rouba assim ao excelente ponta-de-lança do Vitória de Setúbal, a hipótese de se estrear na selecção de todos nós, transitando essa possibilidade para o portista Abel, que também ainda nunca vestiu a camisola das quinas.

Perante o afastamento de Arcanjo, José Augusto esteve indeciso perante os nomes de Abel e Chico. Porém, dado que Nené se encontra em condições de jogar e a Jaime Graça não é estranho o lugar de extremo-direito, Chico foi preterido por Abel. Os 16 seleccionados encontram-se concentrados num hotel de Carcavelos, realizando amanhã um treino individual no Estádio Nacional (10 horas), que será repetido no próprio dia do jogo, igualmente às 10 horas. José Augusto ainda não indicou a formação do nosso seleccionado, que todavia não deve andar longe da seguinte: José Henrique; Rebelo, Humberto Coelho, Rolando e Carriço; Jaime Graça, Toni e Eusébio; Nené, Artur Jorge e Jordão.

O AJAX VENCEU

Jogando em casa (contra o DWS, de Amesterdão), o Ajax venceu por 2-0, mantendo-se á frente da classificação, agora com 49 pontos. Na segunda posição está o Feyenoord, com 44 pontos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	—	—	—
Cons 3 %	456$5	—	456$5
Cons. 3 1/2	557$	—	557$
Centenários	1.284$	—	1.284$
Tes 5 % 57	—	1.000$	—
Tes. 5 % 59	1.000$	—	—
Exter 1.ª s.	—	—	—
Extern 1.ª c	—	590$	—
Extern 3.ª s	—	780$	800$
Extern 3.ª c	—	810$	—
Caut. 3.ª s.	—	160$	—

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	—	940$	—
C M L 5 3/4	—	999$	—
C P 5.5 % — 67	—	970$	—
C. P. 5.5 % — 68	—	—	980$
C P. 5.5 % — 69	—	—	960$
Corr. 5 3/4 %	—	950$	980$
Metr. 5 3/4 %	—	—	995$
Tur 5 3/4 %	—	1.000$	1.003$

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	—	—	850$
G. 5 % — 59	—	—	840$
G. 5 % — 62	—	975$	—
G. 5 % — 63	—	—	980$
G. 5 % — 64	—	—	980$
G. 5 % — 65	—	—	960$
G. 6 % — 67	—	—	995$
G. 6 % — 69	—	—	995$
H E. A. A 5 %	795$	—	800$
H. E C 5 %	—	—	810$
H. E C. 6 %	—	970$	975$
H E. D 5 %	—	—	810$
H. E. D. 6 %	—	970$	—
H. E N. P. 5 %	—	—	—
H E S E 5 %	—	955$	—
H. E. S. E 6 %	—	950$	955$
H E Z. 5 % — 57	—	—	—
H. E. Zêz 6 %	—	—	—
N Elec 5 %	—	—	800$
N. Elec 6 %	—	930$	—
Termoel. 5 %	—	—	820$
U. E. P. 5 % — 60	—	—	750$
U. E. P. 5 % — 63	—	—	—
U. E P. 6 %	—	—	970$

DIVERSAS

A. P T. 5 % — 56	—	—	900$
A. P T. 5 % — 58	—	890$	895$
Lisnave 6 %	965$	965$	965$
Nitratos — 60	—	805$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	875$	—
P. Celul 5 %	—	—	975$
Sacor 5 % — 54	—	840$	—
Sacor 5 % — 60	800$	795$	805$
Sid 5 % — 2.ª	800$	795$	805$
Sid 5 % — 3.ª	—	—	805$
Sid. 5 % — 4.ª	—	920$	—
Socel. 5 %	—	950$	—
U. Fabril 67	—	940$	955$
U. Fabril 68			

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 %	—	600$	—
Rev. 5 % -57	—	700$	—
Rev. 5 - 59/60	—	700$	—
Moçamb. 5 %	—	450$	—
Sonefe 5 %	—	810$	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.810$	2.805$	2.815$
Alentejo	1.290$	1.285$	1.295$
Angola	3.500$	3.500$	—
Cred Predial	6.300$	6.300$	6.350$
Esp Santo	8.770$	8.770$	8.800$
Fomento	4.380$	4.350$	4.400$
F & Burnay	37.000$	36.000$	38.000$
N Ultr m	—	5.400$	5.500$
N Ultr c	5.900$	5.900$	5.950$
Portugal n	—	4.900$	4.950$
Portugal p	—	6.000$	6.200$
P Atlântico	9.100$	9.100$	9.200$
Totta & Açores	5.900$	5.900$	5.920$
Borges & Irmão	—	—	
Algarve	—	—	—

De Seguros

Alentejo	—	142$	144$
Bonança	—	—	—
Mundial	1.160$	1.155$	1.162$
Soberana	—	—	1.800$
Tranquilidade	—	—	—

Eléctricas

C P E p	1.120$	1.120$	1.122$
C P E n	1.118$	1.118$	1.119$
E Beiras	1.800$	1.800$	1.850$
G Elec c	363$	362$	363$
H. E A A	189$	188$	189$
H. E N P	235$	235$	240$
H E S E	1.880$	1.880$	1.900$
U E P	200$	199$5	200$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.220$	1.220$	1.230$
Ag Incomati	2.700$	2.700$	2.730$
Ag. S T e P	—	175$	180$
Aç Angola	—	900$	950$
Alg. Angola	—	220$	—
Ang Agric.	—	700$	750$
Boror	120$	120$	—
Boror Com	—	70$	—
Buzi	82$	82$	83$
Cabinda	—	140$	150$
Com. Lobito	850$	850$	860$
D A — T 100	2.000$	—	2.000$
H E Revué	—	—	—
I do Princ	—	—	—
Moçambique	—	150$	170$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	—	392$	400$
Zambézia	63$	63$	64$

Diversas

Ag Lx ant	—	400$	—
Ag Lx — 34	—	432$	455$
Ag Lx — 36	—	400$	—
Cel Guadiana	—	—	5.600$
C Leiria p	5.200$	5.150$	5.250$
C. Tejo p.	13.500$	13.000$	14.000$
F Ramada	—	—	1.470$
Fornos Eléct.	—	137$	140$
P Celulose	4.000$	3.950$	4.100$
Siderurgia p.	4.500$	4.470$	4.520$
Siderurgia n	—	2.950$	3.000$
Socel	3.760$	3.755$	3.765$
Cidla	6.900$	5.850$	6.900$
C. U. F	—	3.250$	3.300$
Intar	549$	548$	550$
Nitratos	1.150$	1.140$	1.150$
Petroquímica	—	1.140$	1.150$
Sacor	3.000$	3.980$	3.000$
Tab. Portugal	—	—	1.800$
Tabaqueira	7.250$	7.200$	7.300$
U F. Azoto	905$	900$	905$
Empor	—	—	300$
Ind. Aliança	—	—	—
I P Colón	—	—	1.100$
Nac. Naveg.	7.000$	6.950$	7.000$
Naveg (Col.)	2.450$	2.400$	2.470$
P Pesca	—	1.000$	1.040$
R Marconi	1.670$	1.650$	1.680$
T A P.	1.270$	1.260$	1.270$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	—	—

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	29$50	33$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina - Peso Novo		
Austria - Schilling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$70	4$70
Canada - Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40,7	$42,7
França - Franco	5$30	5$60
Holanda - Florim	8$40	8$70
Inglaterra Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04 45	$04 75
Marrocos - Dihran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suecia - Coroa	5$45	5$75
Suiça - Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra 1,2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

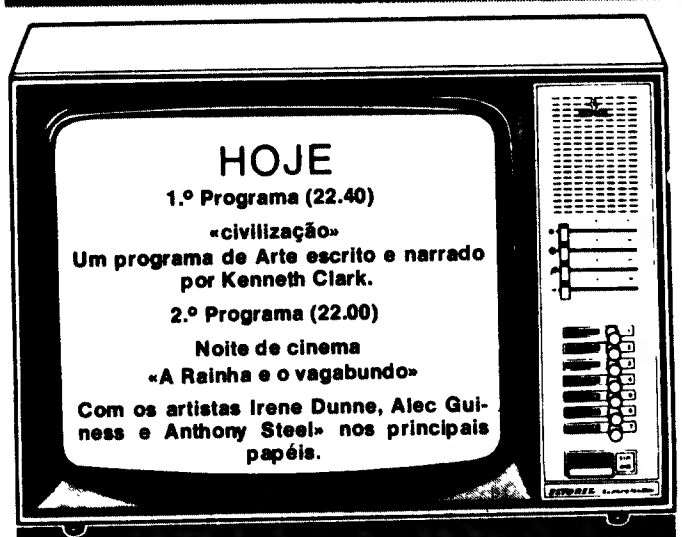
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	20/3/72	24/3/72	27/3/72
GERAL	183,7	183,7	183,0
METROPOL	184,4	184,7	184,0
ULTRAM	178,9	175,8	175,7

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Uma Mãe para Eddie»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta Aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras «Na Terra do Arco-íris»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo» - 4.ª sessão
22.00 Civilização
23.30 Telejornal - Últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Uma Mãe para Eddie»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 ABC
13.15 Os meus sobrinhos
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 O Livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 A Semana Santa em Braga
20.00 Momento desportivo
20.30 Casei com uma feiticeira
21.00 A terra, o mar e a gente
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «O Vagabundo dos Sonhos»
23.45 Telejornal - últimas notícias
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O livro à procura do leitor
21.00 Os meus sobrinhos
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Carta de Espanha
22.15 A brigada dos sortilégios
23.05 Vivendo o futuro
23.20 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário
17.30 Falcão, programa Juvenil, por Odette de Saint-Maurice
18.05 Música sem palavras
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Música portuguesa
19.40 Debate desportivo
20.00 Diário Sonoro
20.30 14º episódio do folhetim «A Vida de S. Paulo»
20.50 Os pianistas Ferrante e Teicher
21.00 Momento 72
21.20 Grande Desfile.
22.20 O Homem e a Sociedade, pelo prof. Ferreira de Almeida
22.40 Serenata de Coimbra
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na Madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

2.º Programa

16.00 Selecção da ópera «Norma» (Bellini)
17.00 Quarteto n.º 6 em ré maior (Bela Bartok)
18.00 Antologia sonora
19.05 Poesia, Música e Sonho, por Miguel Trigueiros
19.30 Música sacra de Scarlatti
20.00 Diário Sonoro
20.20 Rapsódia para harpa (Grandjany) pelo autor
20.30 Ciclo de melodias
21.00 Desdobramento - sai o MF 2. Concerto pela orquestra Sinfónica do Porto (ERN)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical - Festival de Bayreuth de 1971 - Gravações cedidas pela Rádio da Baviera
23.49 Uma sonata de Telemann
00.00 Quarteto em lá maior, K 464 (Mozart)
00.30 Sinfonia n.º 8, em si menor, D 759 «Incompleta» (Schubert)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

16.00 C. D. C.
18.00 Movimento
21.00 Alegria no trabalho
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
24.00 «PBX»
02.00 A noite é nossa
06.00 Rádio rural
07.00 Talismã

Emissor de Miramar

16.00 C.D.C..
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânea
19.17 ...Dirige o ritmo
19.30 Estúdio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Placard desportivo
21.35 Diálogo
21.40 A voz de...
21.45 Mensagens Bíblicas
22.03 Em destaque
22.15 O Caminho da Vida
22.30 Variedades
23.04 O arauto da verdade
23.18 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 A música da América Latina (Apontamento Regina)
19.05 Boa Nova
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa «Página 1»
20.58 Meditando
21.02 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 A 23.ª Hora.

Estação do Porto

16.00 Radiorama
18.00 Varatojo... conta-lhe
19.05 Boa Nova
19.30 Página um
20.30 Contínua página um
20.58 Meditando
21.02 Os novos emissores em marcha
22.00 Auditório
23.00 A 23.5 hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
RÁDIO PENINSULAR
Das 7.00 às 8.00 e das 11.00 às 17.00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 2.00

Tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o cento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
PENHAS DOUR.	7º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	10º
FARO	16º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Praia da Rocha
Máxima 19,7º

Penhas da Saúde
Mínima 1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	13º
Atmosfera	12º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.36	3,7 m	8.31	1,0 m
15.02	3,6 m	20.39	1,1 m

Dia 28

3.17	3,8 m	9.04	0,9 m
15.39	3,7 m	21.12	1,0 m

Dia 29

3.54	3,9 m	9.34	0,8 m
16.13	3,8 m	21.44	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco, neblina ou nevoeiro matinal.

AMANHÃ

Nascer ás 7.29
Ocaso ás 19.56

Dia 29 Dia 6 Dia 13 Dia 20

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda; 222 (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel 634721)

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, Rua da Alcântara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 886126)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro), 7-A (Tel. 843571)

ALVALADE
Libia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 681515)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça da Aguas Livres, 8-D, (Tel. 681515)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B, (Tel 44173) **Magalhães**, Av Almirante Reis 4-D, (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C, (Tel. 770324)

AREEIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A, (Tel 776235), **Lusitânia**, Av de Roma, 18-A, (Tel 725443); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, (Tel. 710331); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B, (Tel. 710621)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176, (Tel. 262687)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18, (Tel. 30927), **Normal**, Rua da Prata, 220 (Tel.s 321342-325553)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Tel. 703697), **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514, (Tel 667949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel 553308)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

CONDE BARÃO
Açoriana, Largo do Conde Barão, 2 (Tel. 661330)

ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Tel. 52388)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est. da Damaia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA
Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955); **Neves**, Rua da Bela Vista, 35 (Tel. 661251)

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332); **Douro**, Alm. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382470)

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Tel. 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av Gerenal Roçadas, 27-A (Tel. 843880), **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel.s 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento, Rua da Santa Marta, 16-A/B (Tel 46490)

S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Av. de Berna, 44-A (Tel. 773563); **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sa da Bandeira, 32-42 (Tel.s 41961-54672), **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Tel.s 48966-553601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R.António Granjo, 2 (Telef. 213161)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av.Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro B.º Residencial dr. Augusto de Castro-Lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE
Grincho Av.da República, 87 (Telef. 2471204)
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro (Telef. 263052)
MONTE ESTORIL
Lopes R.Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal Av.Marginal (Telef. 280078); **A.Costa** R.Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P.D.João I-Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756); **Central** Av.Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja** P.da Igreja, 22 (Telef. 937740); **Jardim** Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Telef. 938242)
DAMAIA
D.JoãoV Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova R.Elias Garcia, 10 (Telef. 9722530)
QUELUZ
Gil Av.Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes** Av.Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Central R.Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes L.Afonso Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gamelro L.António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Magalhães R. Capitão Leitão, 8-A (Telef. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174
BARREIRO
Santa Marta R.do Lavradio, 77-A (Telef. 2272141)
COVA DA PIEDADE
Atlântico R.Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)
MOITA
Silva Rocha P.da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Giraldes R.Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)
SESIMBRA
Leão Av. Salazar (Telef. 229471)
SETÚBAL
Rosado Pinto P.do Bocage (Telef. 22484); **Nova** R.General Gomes Freire (Telef. 22052)
SEIXAL
Soromenho R.Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (Tel 23738); **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
5.ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO»

LYZ (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O IMORAL» com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli e «UM BELÍSSIMO NOVEMBRO» com Gina Lollobrigida.
Sábados e Domingos 3 espectáculos.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30
(Grupo A-6 anos)
«A PATA DOS OVOS DE OURO» uma obra de Walt Disney em technicolor, com Dean Jones.

ROYAL (Tel. 885037)
15,00 - 21,00
(Grupo D-18 anos)
«O ESTRANHO JOHN KANE» em Sidney Poitier e «O QUARTO PRIVADO» com Shelley Winters.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00 (A pr. red.) e 21.30
(Grupo A - 6 anos)
«O LADRÃO DE BAGDAD» com Sabu, June Duprez e Conrad Seidt

CONDES (Tel. 322523)
ás 14.15-16.30-18.45 e 21.45 h.
Grupo D-(M. 18 anos)
A VIRGEM E O CIGANO Joanna Skninkus - Fianco Nero em 4.ª Semana (Colorido)

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo C - 14 anos)
«O RECADO» com Maria Cabral e José Viana.

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
Grupo D (M. 18 anos)
A ÚLTIMA FUGA

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Em últimas exibições
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de René Cliement

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30-21.45
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor)
7.ª Semana. «VEJO TUDO NU» com Nino Manfredi e Sylvia Koscina.

APOLO 70 (T. 763319)
15.00-18.15-21.30
7.ª Semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira.

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo D-M. 18 anos)
«O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif, em 3.ª Semana.
QUINZENAS DO BOM CINEMA
Hoje às 18.30 (Adultos)
CERIMÓNIA SECRETA com Elisabeth Taylor, Robert Mitchum e Mia Farrow

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
Em 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO» com Vincent Price e Christopher Lee.

LIDO (Tel. 937593-935834)
21.30
(Grupo B-10 anos)
«TRINITA» - (COWBOY INSOLENTE) com Terence Hill e Bud Spencer.

AVIZ (Tel. 47173)
15.15-21.30
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana.
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.30-21.30
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana
«KLUTE» com Jane Fonda e Donald Sutherland em Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B - 10 anos)10.ª Semana
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos. Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
Grupo B (10 anos). 3.ª Semana.
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos). 3.ª Semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de oiro de Hollywood

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
6.ª semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.45
(Grupo A-6 anos). 2.ª Semana
AGUA AZUL, MORTE BRANCA em Tecnicolor. Um documentário vivo e autêntico! A caça ao terrível tubarão branco.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«VIDA NOVA» com Walter Matham e Elaine May
Em últimas exibições

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15 e 21.30
M. 18 anos) DUAS MULHERES... UM DESTINO um espectáculo invulgar, com Debbie Reynolds e Shelley Winters.
Em 2.ª Semana.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21,00
(Grupo D-18 anos)
«ORA BOLAS EU AMO-TE» com Peter Kastner e «TONY ROME INVESTIGA» com Frank Sinatra e Jill St. John.

espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (M. 18 anos)
«Pronto a despir!»

LISBOA/Cinemas

ARCO ÍRIS
21.45 (M. 10 anos)
«OLHOS VERDES LOIRA PERIGOSA»

PARIS
21.30 (14 anos)
«E HÁ-DE CHEGAR O DIA DA VINGANÇA»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«A TULIPA NAGRA»

MAYER
21.00 (M. 10 anos)
«COMANDO SUICIDA»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«A ESPADA NORMANDA»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«CHOQUE DE GERAÇÕES»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«As Sandálias do pescador»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«A Estrela»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
«A última fuga»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (17 anos)
«Seduzida e abandonada»

AMADORA
LIDO
21.30
«TRINITÁ (COWBOY INSOLENTE)»
M. 10 anos

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Os veteranos de Tobruk»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O TUMULO DO PISTOLEIRO» e «A MALDIÇÃO DE GOLDERU»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A TRANSPLANTAÇÃO»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O GOLPE»

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Entre duas margens»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«MORRER DE AMAR»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Golpe».

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«OS ARISTOGATOS»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (M. 14 anos)
«Duelo à beira r.o»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
GRINGO»

GIL VICENTE
21.30 (M. 18 anos)
«Leito conjugal»

LEIRIA/cinemas

JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (M. 17 anos)
«Um sonho de reis»

BARS BOITES RESTAURANTES DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Telef. 369760.**

ADEGA MESQUITA — Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

SANZALA — Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reia, Luís Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

HIPOPOTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º,2.º,E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

ESPOSA OFERECIDA

O presidente Amin do Uganda, desposou Madina Najjemba, uma jovem da tribo Baganda, que lhe foi «oferecida como agradecimento pela sua generosidade para com os Bagandas e pelo amor que lhes testemunhou».

ALARME ORIGINAL

A população da aldeola bretã de Quessoy teve a surpresa de ouvir os sinos da igreja tocar fora de horas e sem haver casamento nem enterro. O pároco tinha inventado um sistema de alarme eléctrico, que liga as caixas das esmolas aos sinos. Assim, um ladrão que tentava abrir uma das caixas foi apanhado na armadilha do abade-engenheiro que, acompanhado do sacristão e de alguns paroquianos, não teve dificuldade em capturar o pilha-esmolas.

Cinco «trezes» para o continente no Totobola de ontem

Foram cinco os totalistas no Totobola de ontem, todos do continente. Por outro lado houve 113 «dozes», dos quais 96 da Metrópole, 8 de Angola e 9 de Moçambique. Cada «treze» dá direito a 776 078$90 e cada «doze» a 34 339$70.

Os felizes apostadores que acertaram em treze resultados são os srs. José Jorge Fernandes Torres, de Santa Maria, lugar do Paraíso, Viana do Castelo; João Fernandes Salvador do lugar de Altura, Castro Marim; Guilherme d'Orey M. A. Gaivão, de Caramujo, Cova da Piedade, e, ainda, dois anónimos, sendo um dos arredores de Lisboa e outro de Nelas.

Três destes apostadores obtiveram ainda um certo número de dozes.

O João Salvador é um rapaz de 19 anos, que trabalha no mar. Tem sete ou oito irmãos e a sua família é pobríssima, pelo que o prémio que conquistou constitui uma grande oportunidade na sua vida.

FÉRIAS DA PÁSCOA

Com conforto, tranquilidade e belas paisagens

BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE

SERVICOS ESPECIAIS

Informações e reservas:

nos Hotéis e nas Agências de Viagens

BENFICA-AJAX

EXCURSÃO A AMESTERDÃO
DE 3 A 6 DE ABRIL
Viagens de avião ida e volta
Transportes Aeroporto/Hotel/Estádio
BILHETE DE BANCADA — VISITA À CIDADE

EM HOTEL DE 1.ª CLASSE (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 5.530$00
EM HOTEL DE TURISMO (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 4.890$00

A PÁSCOA EM PARIS

DE 31 DE MARÇO A 3 DE ABRIL
EM HOTEL DE LUXO (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 4.890$00

Inscrições:

Viagens MERCURY Turismo

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 161 — TEL. 56 10 81
PONTE DA BARCA — PR. DO MUNICÍPIO — TEL. 42178

Agência ABREU

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 160 — TEL. 32 00 21
PORTO — AV. DOS ALIADOS, 207 — TEL. 3 79 21

RALLYE DAS CAMÉLIAS

Vitória provável de António Borges

Só hoje à noite serão conhecidos os resultados do Rallye das Camélias, mas parece fora de dúvida a vitória absoluta de António Borges (Porsche 911 S), a culminar uma entusiástica luta com António Carlos de Oliveira (Datsun 240 Z), Giovanni Salvi (Datsun 240 Z) e Américo Nunes (Porsche 911 S). Jorge Nascimento (BMW 2 002), por sua vez, deve ter assegurado o triunfo em Grupo 2. Em Grupo 1 Luis Netto será provàvelmente o vencedor, uma vez que o seu mais directo adversário — Mário de Figueiredo — teve um problema com o cabo do acelerador que o obrigou a perder cerca de 15 minutos, relegando-o para os lugares mais baixos da tabela.

Esclarecemos todavia que estas indicações não são de modo algum dadas a título definitivo, pois, com o número elevado de «contrôles» e as escassas margens de tempo a separar muitos concorrentes, é pràticamente impossível estabelecer uma classificação desde que não sejam facultadas pelos organizadores as penalizações nos vários «contrôles». Este é um aspecto em que peca a maioria dos clubes do Sul. O impacto das provas junto do grande público perde-se porque quando os resultados oficiais são conhecidos já o acontecimentos passou a segundo plano.

António Borges desce a Pena

O tempo estava bom e a visibilidade era total quando os concorrentes começaram a sair de Sintra, às 21.01 de sábado. Poucas horas antes chovera e o nevoeiro não chegou sequer a ser ameaça. No entanto as estradas da serra de Sintra encontravam-se molhadas e bastante escorregadias. Quase todas as equipas tinham montados à partida pneus de lama, mas houve também quem tivesse preferido utilizar durante toda a prova pneus normais, na intenção de ganhar sobre o alcatrão aquilo que eventualmente pudesse perder nos troços enlameados. António Carlos Oliveira foi um deles e mais tarde confessar-nos-ia ter sido uma escolha acertada que lhe permitiu extrair um bom rendimento do seu potente automóvel.

Pouco depois da saída deveria efectuar-se o primeiro troço cronometrado, mas foi anulado em virtude de ter-se avariado o cronómetro de um comissário. Seguia-se a primeira descida de S. Pedro, aguardada com grande expectativa. A curiosidade era ver o que fariam os Datsun 240 Z entre os muros de Sintra em luta contra a Porsche e ver a diferença no Grupo 1. António Carlos Oliveira, com 15 segundos de penalização, e Giovanni Salvi, com 20, foram os melhores. Logo a seguir António Borges (Porsche 911 S) com 22 segundos. Os Datsun instalaram-se no comando e a luta, ao longo de todo o Rali, seria travada entre eles, com Américo Nunes e Jorge Nascimento numa posição de «outsiders».

Na descida de S. Pedro, César Torres viu-se pràticamente afastado ao bater de frente num muro, já na descida para a Feira. Ficou com os faróis danificados e abandonaria mais adiante. Antes do Livramento, António Bastos ficou na estrada com a protecção do cárter no seu Alpine solta. João Nabais gripou o carro logo na princípio e o Conde Botelho bateu na Peninha. Estas foram as principais desistências numa prova em que quase todas as equipas mais rápidas conseguiram chegar ao fim.

BÓNUS

No Livramento e em Montejunto situavam-se novas zonas selectivas mas que muitos consideraram mais fáceis do que Sintra. No entanto estas produziram também alguns estragos em tempo e no material. Teresa Torres saiu da Municipal do Livramento na segunda passagem conduzindo cautelosamente a queixar-se de uma porca de uma «polie» que se desapertara. Desistiria alguns quilómetros adiante.

Quando os concorrentes regressaram à serra de Sintra, as estradas estavam já secas, embora ainda houvesse um ou outro ponto que parecia seco, mas de facto não estava e ajudou muito a alguns «toques» pelos muros. A prova decorria extraordinàriamente competitiva, com os principais favoritos separados por diferenças mínimas. Em relação aos três primeiros lugares, parecia não subsistirem dúvidas. António Carlos Oliveira e Giovanni Salvi eram «leaders». António Borges procurava apanhá-los. Jorge Nascimento discutia o Grupo 2 com Raposo de Magalhães. Conduziu com a sua habitual «souplesse», mas calmo, a desejar chegar ao fim, nunca perdendo no entanto de vista qualquer possibilidade de se fazer à vitória se a oportinudade surgisse.

Já para o final da prova veio o inesperado «volt-face». António Carlos Oliveira, com o Rali pràticamente ganho, entrou com 48 segundos de avanço num «controle» penalização que o vai atirar para o fim da tabela. Por sua vez, Giovanni Salvi começou a ter problemas na caixa de velocidades, o que o impediu de discutir um «sprint» final com António Borges cujo desfecho seria imprevisível. Não era porém de excluir a possibilidade de Giovanni acabar por impor-se e conquistar a sua primeira vitória da temporada. Mas o automobilismo é um desporto cheio de imponderáveis. Veja-se o que aconteceu neste Rali das Camélias: Os Datsun 240 Z não eram de todo favoritos para ganhar num terreno que não lhes era ideal, mas a certa altura estavam na frente e tinham a vitória na mão. De repente, em meia dúzia de quilómetros deixaram escapar tudo.

Dos 54 concorrentes que partiram completaram a prova 37. Isto significa que o Rali não foi tão difícil como se esperava. Todavia, no ponto de vista competitivo, foi uma excelente prova que manteve muitos concorrentes interessados até aos últimos quilómetros, numa luta constante em que as posições se ganhavam segundo a segundo.

Como desfecho, a provável vitória de António Borges é também um facto aceitável dentro da verdade desportiva da prova. Trata-se acima de tudo de um virtuoso dispondo de uma boa máquina e de um bom co-«équipier». Mas, acentue-se, a explicação para os resultados que António Borges está conseguindo encontra-se essencialmente nas suas aptidões e na ajuda de Pedro Garcia. É uma notável equipa de que muito há a esperar se continuar neste ritmo. com esta seriedade e com esta «humildade».

Augusto Vilela

DL Últimas

SONDA PARA VÉNUS

MOSCOVO, 27 (F.P.) — Foi lançada pela U.R.S.S. uma estação automática, Vénus-8, indica a gência Tass.

A estação automática soviética deve chegar ao planeta Vénus em Julho, onde fará descer suavemente um módulo.

A Vénus-8 foi lançada hoje e pesa 1.180 quilos. Os aparelhos de bordo funcionam normalmente acrescenta a agência.

ESPIÕES NA COREIA

SEUL, 27 (ANI) — Os serviços de segurança do Exército sul-coreano dizem ter detido 21 espiões norte-coreanos, cuja missão era derrubar o Governo e enviar informações preciosas para a Coreia do Norte.

O chefe do grupo era Chong Ki-Ryong, de 62 anos, que actuava na Coreia do Sul desde 1955.

GUERRILHAS EM SARAWK

KUCHING (SARAWAK), 27 (F.P.) — Foram mortos 15 soldados malaios e 4 ficaram feridos numa emboscada armada por «elementos de obediência comunista», na região de Lundu a uns 100 km a sudoeste de Kuchingg, anunciou hoje Abdul Rahman Yakub, ministro residente de Sarawak.

O primeiro-ministro malaio, Tun Abdul Razak, em visita à província oriental da Malásia visitou os feridos, hospitalizados em Kuching.

O recolher obrigatório em vigor, desde 1967, nesta região, situada perto da fronteira com o Bornéu foi levantado apenas há alguns dias. Foi lançada uma operação para tentar encontrar os autores desta emboscada e restabelecido o recolher obrigatório.

GRUPO DE TEÓLOGOS CRITICA O PAPA

ROMA, 27 - (R.) — Um grupo de 33 teólogos católicos progressistas, que pertencem a sete países, publicaram um manifesto criticando o Papa e os bispos pela maneira como estão a exercer a autoridade na Igreja — anunciaram dois jornais italianos.

O «Messagero», de Roma, e o «Corriere Della Sera», de Milão, publicaram simultâneamente notícias à declaração feita por teólogos na Áustria, Canadá, Holanda, Alemanha, Espanha, Suíça e Estados Unidos, contendo um apelo a todos os católicos para resistirem àquilo que chamam o abuso da autoridade na Igreja.

Diz-se que entre os signatários do documento estão incluídos teólogos progressistas bem conhecidos, como o padre holandês Ed Schillebeeckx e o padre Hans Kung, da Alemanha Ocidental.

Dizem os teólogos que o governo da Igreja, em face de várias dificuldades, condena, adverte e impõe sanções arbitrárias sem a mínima reflexão, acrescentando: «O crédito da Igreja católica está a dissolver-se de um modo inquietante. O Papa e os bispos, que são de facto os absolutos governantes da Igreja, concentram nas suas mãos, sem qualquer contrôle eficaz, todos os poderes legislativos, executivos e judiciais».

os teólogos queixam-se de que «a Igreja e a sua hierarquia pregam mas não cumprem os preceitos de paz e justiça».

O manifesto instiga os católicos a levantarem-se e falarem contra aquelas decisões da hierarquia eclesiástica que considerem erradas ou prejudiciais, pedindo para que os católicos adoptem uma política de protesto colectivo.

DIMINUI PRESTÍGIO DE SADAT

DL Exclusivo

Hussein, o melhor amigo de ISRAEL no Mundo Árabe

WASHINGTON - A proposta do rei Hussein de unir a margem ocidental do Jordão, ocupada pelos israelitas, com o seu próprio país, numa federação bastante frouxa, pode ser o começo de longo processo conducente a um acordo de paz. Por outro lado, pode constituir igualmente um novo obstáculo, tal como afirmou o primeiro-ministro de Israel, Golda Meir, na sua primeira declaração sobre o plano.

Por MARILYN BERGER
«Washington Post»/«DL»

Apenas uma reacção israelita negativa teria condenado o plano, desde o início, no mundo árabe. Por esta razão, resta ainda determinar se a resposta de Golda Meir foi táctica ou sincera.

Determinados pontos da proposta de Hussein são susceptíveis de agradar a Israel, enquanto outros são manifestamente inaceitáveis se nos basearmos nas declarações políticas feitas até este momento.

Fontes jordanas dignas de crédito dão a entender que o plano deveria ser considerado principalmente no contexto do mundo árabe, e não como um passo no sentido de um acordo de paz com Israel. «Trata-se de um esforço destinado a reatar os laços entre as margens oriental e ocidental», declarou uma personalidade jordana.

O plano criaria uma pátria para os palestinos, os quais «dependeriam então de um governo estável capaz de tomar decisões», diz-se ainda em Amã. Este Estado poderia, aparentemente, desarmar os países das facções palestinianas extremistas e constituir um elemento de moderação para o movimento no seu conjunto. Alguns observadores estão convencidos de que seria susceptível de embotar as exigências dos irridentistas palestinos, os quais continuam a reclamar a restituição dos antigos territórios que constituem actualmente Israel.

A solução do drama dos refugiados palestinos, que constitui uma das questões mais graves dentre os problemas que impedem um acordo de paz no Médio Oriente, poderá exercer um certo fascínio sobre os israelitas, a despeito da reacção negativa inicial ás propostas de Hussein.

Todavia, aquilo que o rei está a oferecer aos palestinos inclui territórios que ainda não possui. Hussein designa assim Jerusalém capital desta terra palestina - esta mesma Jerusalém que Israel jurou manter unificada.

Mais importante, talvez, é o facto de o rei não falar de desmilitarização, ponto crítico para os israelitas, os quais consideram o Jordão a sua linha de defesa natural.

Embora o plano compreenda pontos que o tornam inaceitável à primeira vista pelos israelitas, não está nos hábitos de Hussein levantar obstáculos ás perspectivas de paz. Já se verificaram contactos entre israelitas e jordanos, o mais importante dos quais foi um encontro entre o vice-primeiro-ministro Yigal Allon e Hussein, confirmado aliás por fontes autorizadas.

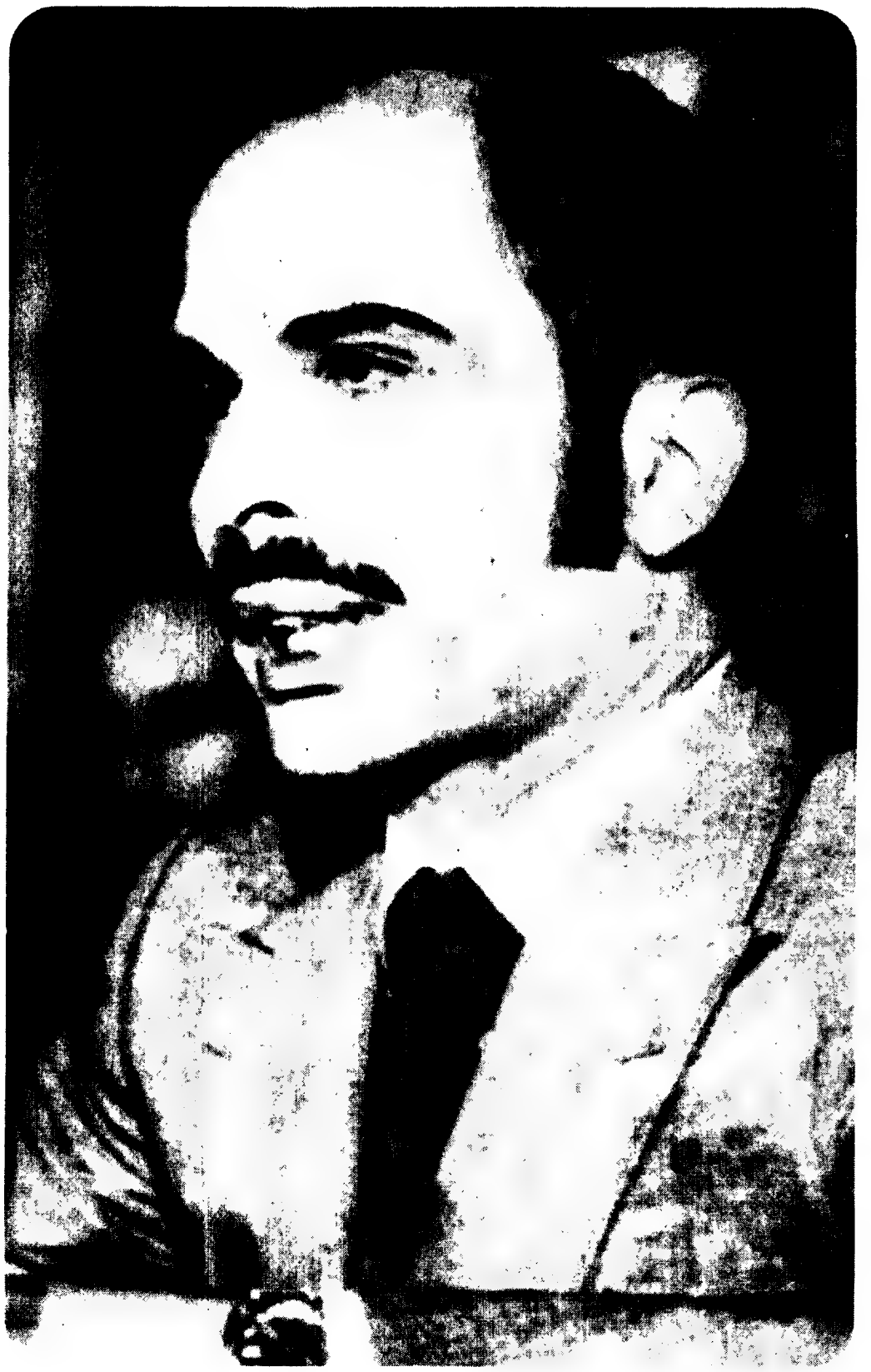
Os israelitas, porém, desmentem enèrgicamente que tenha havido consultas com os jordanos sobre o plano de Hussein. O rei deve saber agora o que é aceitável para Israel e o que poderia destruir as perspectivas de paz.

Os israelitas consideram Hussein o seu melhor amigo no mundo árabe. Em Israel, quando se fala do rei nota-se uma certa admiração, senão mesmo afeição. Os israelitas não desejariam provàvelmente minar as posições de Israel encorajando as suas propostas, quer tenham ou não tido conhecimento dos seus projectos.

Os meios oficiais americanos mostram-se tão desejosos como os israelitas de dissociarem os Estados Unidos do plano Hussein, na medida em que toda e qualquer etiqueta «made in America» poderia equivaler ao beijo da morte. Os americanos, porém, estão visìvelmente satisfeitos por verem esboçar-se algo de novo numa região até agora privada de iniciativas diplomáticas árabes. Apesar das suas reticências, os funcionários governamentais americanos estão convencidos de que mais vale um gesto diplomático qualquer do que ficar eternamente de braços cruzados.

É possível que, a longo prazo, se verifique que o plano de Hussein não passa de mais um gesto no tabuleiro de xadrez do Médio Oriente, resultante da estratégia árabe, mas sem qualquer relação com a paz na região. Hussein já não goza das simpatias dos árabes mais militantes, mas é possível que consiga dar aos extremistas palestinos uma outra alternativa para o terrorismo.

Ao comprometer-se a retomar o controle da margem ocidental e de Jerusalém, o rei corre também o risco de enveredar pelo mesmo género de beco sem saída que os egípcios a propósito de Sharm El Sheikh. Obstinar-se em reclamar determinados territórios, poderá tornar mais difíceis futuras negociações.



Agora já se sabe o que quer Hussein

JORDÂNIA EM SITUAÇÃO ECONÓMICA DRAMÁTICA

Páginas centrais

EDUCAÇÃO E ENSINO

PROFESSORES E EXPLICADORES

São já em número de quatro os leitores que se socorrem do «Diário de Lisboa» para se defenderem em actos judiciais sobre actividade de explicadores, devido a uma simples referência por nós inserida em 1962.

Damos hoje conta integral do acordão de 3 de Março de 1961, do Supremo Tribunal Administrativo, em que se estabelece a doutrina que não é necessário diploma de professor do ensino particular de ensino técnico para se poder dar explicações a alunos matriculados em estabelecimentos daquele ensino.

Omitimos do acordão o nome do réu (aliás absolvido da acusação de explicador) e da escola onde se verificou a pretensa infracção disciplinar.

O referido acórdão, de uma clareza e propriedade de linguagem exemplares, põe à prova a incapacidade administrativa com que foi organizado o referido processo disciplinar.

A doutrina que dimana da decisão constitui matéria do maior interesse profissional para a classe docente, pois as ilações a tirar não se resumem sòmente ao ensino técnico como aos outros ramos do ensino secundário (cerca de 12000 professores).

«Recurso nº 5904, em que são recorrente F. e recorrido o subsecretário de Estado da Educação Nacional. Relator o exmo. conselheiro dr. António Arlindo Teixeira Martins.

Acordam em conferência, na 1ª secção do Supremo Tribunal Administrativo, F. recorreu ao despacho do sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional que lhe aplicou a pena de 120 dias de suspensão de exercício e vencimento.

Alegou os seguintes fundamentos.

O recorrente foi punido por se ter dado como provado que, desde longa data, exercia o ensino, dando explicações, presumìvelmente pagas, sem possuir diploma de professor do ensino particular.

Verifica-se, porém, que o despacho violou a lei, quer considerando ilegal a actuação do recorrente, quer exprimindo a sua conduta de forma dubitativa.

Abstraindo a falta de prova, o facto de dar explicações não é proibido pelo artigo 23º do Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial, que sòmente se refere ao magistério particular, em determinados casos, aí mencionados.

E explicar não é exercer a profissão de mestre, mas sim ajudar a aprender, a compreender melhor a lição de mestre.

Quanto ao abuso das funções na angariação de alunos, o facto não é verdadeiro e perde toda a sua gravidade desde que se considere não poderem verificar-se as condições evidenciadas pela acusação» passem pela secretaria as classificações dos alunos e as minutas dos pontos escritos».

Mas estes, como resulta da lei, não passam pelas secretarias.

Quanto aos factos 3º e 4º, não se passaram pela forma gravosa como a acusação os enunciou.

Deve, pois, anular-se o despacho impugnado.

O sr. subscretário recorrido ofereceu o merecimento dos autos.

Nas alegações, o recorrente sustenta a sua posição no recurso, que, no parecer do ilustre magistrado do Ministério Público não merece provimento.

Tudo visto e discutido.

Foi dado como provado pela administração que o recorrente praticou os factos enunciados no relatório deste acórdão.

E, como não se verifica nenhuma das condições enunciadas nos artigos 20º da Lei Orgânica deste Supremo Tribunal, não se pode conhecer da sua existência material.

Vem provado que o recorrente, sem diploma de professor de ensino particular, dava explicações a alunos da Escola, onde é terceiro oficial.

Entende o recorrente que este facto não constitui infracção disciplinar, por não ser necessário aquele diploma para o exercício das funções de explicador.

E tem razão nesta parte.

O Ensino Técnico pode, como resulta do respectivo estatuto, ser oficial, particular ou doméstico.

E só para o ensino oficial e particular - artigos 22.º do Decreto-Lei nº. 37.028 e 367- do estatuto ambos de 25 de Agosto de 1948 - se exige que os seus agentes sejam recrutados entre os indivíduos que possuam as habilitações legais.

Ensinar é ministrar os conhecimentos de certa ciência ou acto, imprimindo determinada orientação ao ensino.

E não pode dizer-se que exerce a profissão de ensinar quem se limita a explicar, a fazer compreender o que outrem ensina.

O explicador não é professor ou mestre, já que sòmente tem em vista fazer compreender ao explicando o que lhe ensinou o professor, mas ele não compreendeu.

Não lhe são, portanto, aplicáveis as disposições que exige o respectivo diploma para o ensino de qualquer disciplina.

Não constitui, por isso, este facto infracção disciplinar.

Nos termos expostos, concedem provimento ao recurso e anulam o despacho impugnado, para o efeito de o processo ser de novo submetido à apreciação ministerial, excluindo-se a infracção eliminada.

Lisboa, 3 de Março de 1961. António Arlindo Teixeira Martins (relator) - Emídio Beirão Pires da Cruz - Alberto Cabral da Silva Basto. - Fui presente, Afonso Augusto Pinto.

Uma iniciativa do F.F.E.com a colaboração do I.M.I.
-International Marketing Institute (Boston-U.S.A.)

II SEMINÁRIO DE

marketing da exportação

CURSO RESIDENCIAL (Num hotel de OFIR)
de 3 a 29/4/1972

De feição vincadamente prática, visa este Semanário um objectivo preciso: apetrechar as nossas empresas exportadoras com o conhecimento das mais modernas técnicas de «marketing» aplicáveis à exportação.

Através de alguns dos mais significativos «casos» (problemas concretos de empresas reais) estudados na Harvard Business School, serão ventilados aspectos da maior importância relativos à actual problemática da exportação portuguesa.

As discussões serão orientadas por monitores do I. M. I., pelo que se considera importante um bom conhecimento de Inglês por parte dos participantes no curso.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO

fundo de fomento de exportação

LISBOA-1 – Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º
Telefs. 59156/42748/47928/40973/532711/534270
PORTO – Rua Gonçalves Cristóvão, 128-1.º

LINTAS 72-MP-04

Ardósia

Por CALVET MAGALHAES

NOSSOS FILHOS VIVERÃO UM MUNDO DIFERENTE

Desde sempre a humanidade preocupou-se com o futuro e procurou desvendar-lhe os mistérios. A era dos astrólogos e dos adivinhos deu lugar ás previsões científicas, prospectivas. Mas elas correspondem ás mesmas necessidades. Nós temos a sensação de viver uma das grandes mutações da humanidade, de estar no início de uma nova era.

Também os humanistas da Renascença tiveram a mesma sensação; a novidade é relativa, cada época apodera-se de qualquer coisa da época precedente sem por isso a renegar, continuando-se sem ruptura.

Assim acontece com os nossos sistemas de educação, que se adaptam a realidades novas, beneficiando da experiência passada, e que podem mostrar-se tanto mais ousadas e dirigidas para uma evolução quanto mais sólidas são as suas bases.

Nós temos a certeza de que os nossos filhos viverão num mundo diferente do nosso e que é necessário prepará-los para ele.

É tranquilizador pensar que qualquer que seja o meio que o rodeie, é em definitivo o homem, as suas acções e as suas reacções perante as suas próprias criações que serão sempre essenciais. E, sobre ele e a sua liberdade conservada, nenhuma previsão, sejam quais forem as bases científicas em que se apoiem, pode tomar um carácter inelutável. Em resumo, são as crianças que frequentam hoje as nossas escolas que construirão o ano 2.000 com a sua lucidez e a sua coragem, e nós por intermédio delas.

No campo pedagógico o professor que não sabe obter a atenção total dos seus alunos - o que envolve admiração e simpatia, uma cordialidade temperada pelo apreço - elimina a tensão criadora entre os seus alunos. Os seus discípulos não o ouvem. Se o professor se torna uma espécie de companheiro, de irmão mais velho que não se teme, a confrontação entre gerações resultará numa tensão criadora e sadia. Deixando de prelecionar por detrás de uma mesa como se fosse uma trincheira, aprende a falar-lhes, a distinguir uns dos outros, a personalizá-los. Para conseguir estes objectivos ter-se-á de recorrer não a um único método - em princípio bom para todos, e na prática não convindo a alguém - mas a variadíssimos métodos, visando cada um certo indivíduo e não uma colectividade anónima. Sómente assim impulsiara os novos para uma confrontação salutar. O contacto com os jovens impõe-lhe o seu ritmo e como estes são raramente homogéneos, esse ritmo será interrompido rápidamente logo que um jovem deixe de o acompanhar, e rápidamente retomado quando o retardatário voltar á fileira. A juventude não é uma idade, é uma dignidade. Por outro lado eduça-se para a independência e não para os jovens ficarem dependentes de nós. A pedagogia deixou de ser paternalista.

No campo pedagógico os jovens valerão o que valer o mestre e também o que vale a juventude, com a qual os mais velhos terão de contar como o oleiro que segundo o barro que afeiçoa se limita ao essencial ou, pelo contrário, dá livre curso á sua habilidade.

GERAÇÕES

Estes descobrimentos dos valores individuais, não deixa de provocar, porque tudo se encadeia, um alargamento da função das gerações mais velhas. Estas têm a missão de revelar a si mesmo as gerações mais novas. A cultura não nasce de um ensino privilegiado, mas essencialmente de uma certa maneira de tratar os espíritos. As novas gerações recusam-se a ver no acto educativo uma operação de transferência de conhecimentos de uma grande garrafa (que seria a geração mais velha) para uma pequena garrafa (que seria a geração mais nova), operação em que se encontrariam a actividade dos mais velhos e a passividade dos mais novos. Os jovens consideram como educador, não aquele que transmite uma matéria a jovens, mas aquele que abre os espíritos jovens por meio de uma matéria. Consideram mais importante conhecer João do que ensinar matemática a João.

A pedagogia deixou de ser exclusiva do ensino e a escola o meio quase exclusivo para ministrar educação. A educação é uma característica duma humanidade que repousa sobre a vida. Este ser vivo deve comunicar com o mundo exterior, com o seu círculo ecológico. Temos que considerar os jovens como que respirando movendo-se, levando uma vida natural, ao mesmo tempo, que uma intelectual e inteligente.

É necessário que o jovem seja criador e é esse o problema de amanhã, temos de o considerar um autodidacta quando se trata sobretudo de aconselhar e ajudar. Toda a utilidade da confrontação das gerações consiste na actividade criadora que não parta do princípio que as novas gerações constituem uma imolação posterior.

O interesse das actividades desportivas e artísticas são um exemplo. No desporto o que é importante não é a rivalidade é o que o homem faz das suas faculdades de decisão, empenhando todo o seu ser na acção. Todo o desportista, a cada instante, deve decidir um gesto, um movimento, escolher o seu caminho, colocar o seu esforço, em função do obstáculo e das suas capacidades. Ele próprio deve decidir sózinho, executar pelos seus próprios meios, o que ninguém no último momento pode fazer no seu lugar: é o contrário da passividade e do puro mimetismo. O desporto é decisivo, e o homem do futuro deve ser decisivo. O que o desporto pode ensinar melhor talvez que toda a actividade - e isso numa idade em que as atitudes se criam para a vida - é o domínio da utilização da sua própria pessoa pois o homem está submetido á sua própria e imediata faculdade de julgamento. Naturalmente não é uma faculdade a exercer dentro do arbitrário e do absurdo, ela conta com a tensão criadora de cada um.

No domínio da arte é o mesmo, e para o que pratica e se empenha no desenho ou na música, o mesmo para o que não pratica.

É pelo exercício deste poder criador e deste poder decisivo, numa altura importante da sua vida, que os jovens se revelarão homens e não brutos. O homem deve ser criador no seu trabalho e pode sê-lo ainda mais nos ócios, em que pode determinar as condições da sua vida, a tipologia da sua vida, mas em que também está mais exposto á agressão exterior, á agressão do condicionamento. É um problema que Marcuse tem razão em pôr, porque existe. A sociedade de consumo tem inconvenientes. Nenhum deles justifica que se regresse á sociedade de

não-consumo: isso seria absurdo. O que é preciso é ultrapassar a sociedade de consumo e por isso determinar o que ela tem de mais nocivo.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

A introdução de métodos novos de trabalho e equipamento arrisca-se a ter por corolário a exigência de um rendimento maior. Isto responde a uma pergunta dum leitor.

As consequências, então, são graves para a saúde do pessoal e muito particularmente do pessoal feminino.

É preciso que, ràpidamente, sejam tomadas um certo número de medidas se quisermos que as estatísticas não continuem a dar-nos um número crescente de dias de suspensão de trabalho por doenças nervosas, mesmo doenças mentais. Os especialistas estão de acordo neste ponto, a tensão nervosa pedida tem as suas repercussões graves sobre o organismo humano.

Se é verdade que a introdução destas técnicas é indispensável à própria vida das empresas, não é menos verdade que temos o dever de a prever, limitar e mesmo de fazer desaparecer as repercussões nefastas.

A instalação de material moderno, já grave de consequências para a saúde dos trabalhadores se não forem respeitadas um certo número de condições, arrisca-se a relegar para segundo plano o cuidado de vigiar as condições de higiene e de conforto mínimo nas repartições e no comércio.

Se grandes empresas fizeram um esforço louvável para dar aos assalariados um âmbito de trabalho correspondente às exigências modernas, não esqueçamos a quantidade de pequenas empresas que não querem ou não podem fazer este esforço. Há, aí, sem dúvida, um assunto de inquietação, sobretudo quando se conhece, no nosso país, o número total de trabalhadores destas empresas.

E que dizer quanto ao comércio onde, muitas vezes, as melhorias levadas às instalações são feitas com um fim exclusivamente comercial — isto é, atrair o cliente — mas sem ter tido como preocupação primeira, a melhoria das condições de trabalho do pessoal?

Rendimento exigido demasiado excessivo, às doenças nervosas e mentais, acrescenta-se (e as estatísticas provam-no), numerosos casos de doenças cardíacas. O pessoal feminino, principalmente, trabalha em condições que, em 1970 perderam todo o carácter humano.

Para tentar resolver estes problemas, desenvolveram-se alguns esforços.

Sòmente se consegue objectivos adequados gozando de larga liberdade de associação, para todas as categorias de trabalhadores, podemos, pela discussão e a assinatura de convenções colectivas, regular questões de contrato, de cessação do contrato de trabalho a respeito de um certo número de condições (financeiras, principalmente) de classificação, reclassificação, de aposentação com o desenvolvimento de um sistema de reforma complementar, juntando-se ao regime geral da Segurança Social, tantos problemas que pouco a pouco, encontram uma solução que nos parece, contudo, de aperfeiçoar.

No domínio de empresa, pode-se realizar e adaptar estas técnicas novas nas repartições a fim de evitar repercussões nefastas sobre o pessoal.

A acção dos delegados do pessoal é, também, muitas vezes eficaz em todos os problemas de rendimento excessivo que se poderiam por.

A medicina do trabalho e os comités de higiene e de segurança nas empresas produzem igualmente o seu melhor.

Bem entendido, todos estes esforços devem prosseguir.

Nesta circunstância, devemos insistir particularmente sobre a liberdade que deve ser dada a todos os trabalhadores, de todos os países, quaisquer que sejam as suas funções e categorias profissionais de se organizarem em sindicatos.

O funcionário é primeiramente um assalariado que tem de defender direitos do mesmo modo que um trabalhador de classificação menor.

Não pode haver descriminação explícita ou implícita introduzida nas legislações nacionais ou nos factos ao contrário dos engenheiros e funcionários considerados como elementos da direcção. Esta noção de funcionário, que se arrisca a descer bastante abaixo na hierarquia, tem como consequência privar os interessados do benefício das legislações sociais e do direito de regular as suas condições de trabalho por meio de convenção colectiva.

No sentido de uma verdadeira promoção operária, e para a realizar plenamente, temos necessidade da acção e do apoio dos engenheiros e funcionários.

EMPREGO E DESEMPREGO

Os engenheiros e sobretudo os empregados administrativos debatem-se pouco mais ou menos com os mesmos problemas doutros empregados e assim experimentam grandes dificuldades em se classificar de novo desde que ultrapassem a idade entre os 45 a 50 anos.

A solução para esta situação não parece dever ser procurada na legislação, mas este aspecto do problema poderia ser objecto de instantes advertências da O. I. T. junto dos governos e das organizações patronais.

Uma das maiores dificuldades reside na evolução extremamente rápida dos dados científicos de base e das técnicas que os aplicam. Daí resulta que os engenheiros e os empregados administrativos formados em certas matérias se encontram muito ràpidamente (menos de 10 anos por vezes) desfasados em relação a esta evolução.

Parece pois indispensável prever, periòdicamente, de três em três ou de cinco em cinco anos por exemplo, a possibilidade, para os empregados administrativos de ficarem libertos durante um certo tempo das suas obrigações profissionais para participarem em sessões de estudos ou cursos em que seriam informados da evolução científica e técnica registada durante este prazo.

O CONGRESSO DO ENSINO TÉCNICO CATÓLICO BELGA

A Federação Nacional do Ensino Técnico Católico da Bélgica realizou o seu congresso nacional. Está ligada ao espírito dos novos programas do ciclo secundário do ensino técnico. O ministro da Instrução Pública, bispo de Bruges, bispo de Tournai, representando o cardeal, assistiram à sessão solene de encerramento que se realizou na Central jocista. Notou-se igualmente a presença de vários parlamentares.

O primeiro orador, secretário-geral da Federação dissertou sobre as tarefas administrativas, pedagógicas e representativas sempre mais absorventes que assume o secretariado.

O Presidente do Congresso apreciou os novos programas para o ciclo dos doze aos dezasseis anos, sublinhando o lugar que tiveram na formação geral. Verificou-se que estes programas não são perfeitos. Tais quais estes realizam, contudo a equivalência com o ensino médio.

O director-geral do secretariado nacional do ensino católico, sublinhou que o ensino técnico visava "formar homens completos para um ensino completo". Está-se persuadido que o Ministro, com toda a lealdade e sabedoria, poderá por em termos de lei o pacto escolar. Esperam-se também decisões de execução "maleáveis e amplas".

"É sem nenhuma hesitação, notou o Ministro, no meio dos aplausos, que aceitei tomar a palavra no vosso congresso. Foi para mim a primeira ocasião de falar do pacto num meio diferente daqueles onde me conduzem normalmente as minhas afinidades políticas. (Aplausos).

Usarei a mesma linguagem, e dir-vos-ei que se não tivesse acreditado no pacto escolar, nunca teria assumido o cargo de Ministro da Instrução Pública, cargo que implica a aplicação leal, integral e rigorosa do pacto". (Aplausos).

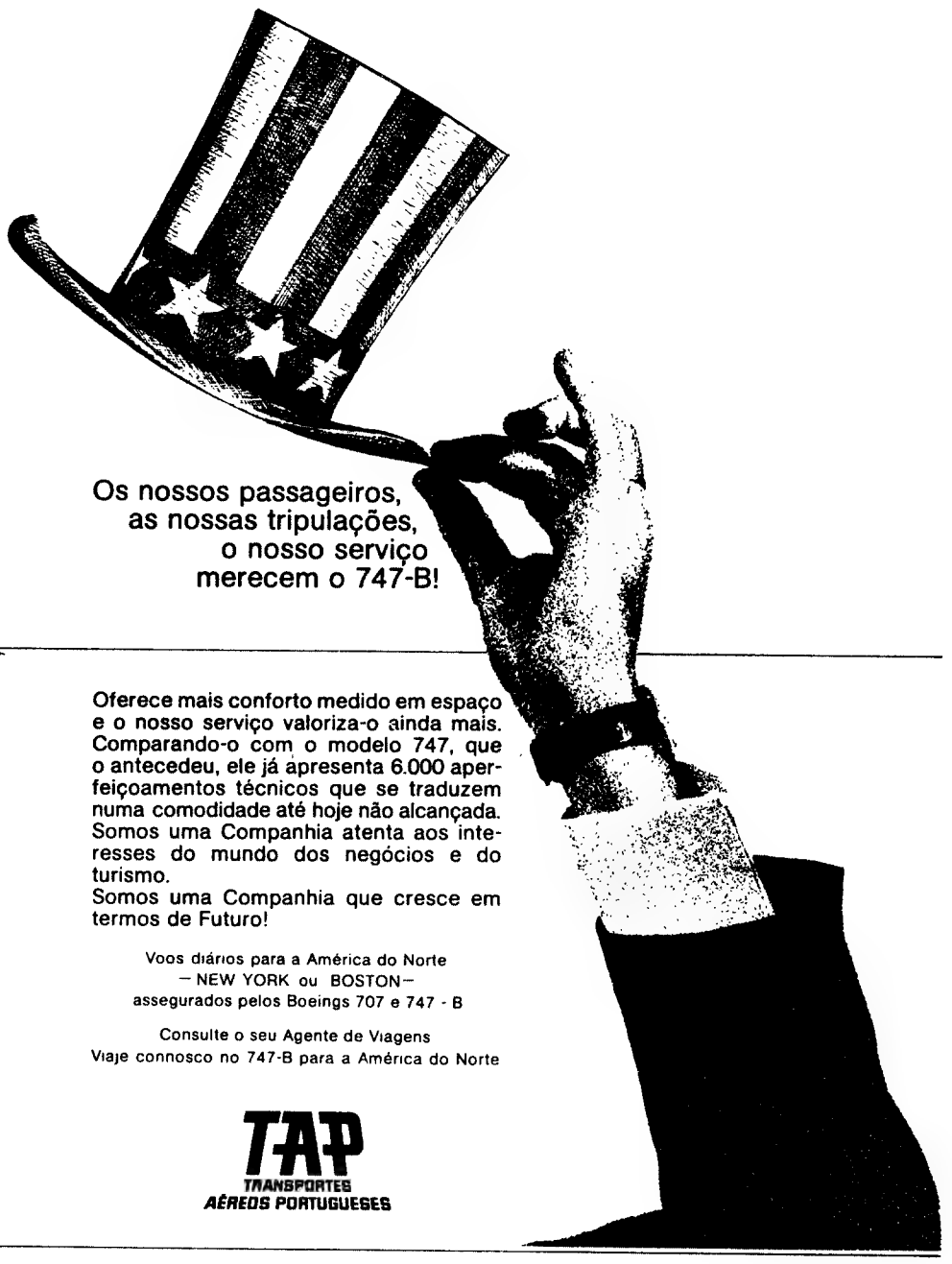
O pacto, observou então o ministro, não consagra uma vitória total por pessoa. E é melhor assim. Os defeitos suscitam rancores e irredentismos. É de paz e de harmonia que temos necessidade. E o pacto garante-a, e cita a cláusula que prevê "que toda a reforma fundamental do ensino será, daqui em diante, o objecto dum confronto entre os diferentes sectores do ensino". "Na medida em que aceitaremos as concessões recíprocas que o pacto comporta, seremos todos solidàriamente os servidores de uma grande causa, a da juventude, a da Bélgica de amanhã." (Aplausos).

O representante do Episcopado levou aos congressistas os encorajamentos do cardeal a que prossigam o seu esforço de "valorização do ensino técnico num cuidado de humanismo e de religião. » Disse-se profundamente feliz em saudar o Ministro e em poder responder "Sim" à sua oferta de sinceridade e de lealdade.

AMERICA DO NORTE

PARA UM GRANDE MERCADO UM GRANDE AVIÃO

A PARTIR DE ABRIL
TEMOS AO SERVIÇO DOS NOSSOS PASSAGEIROS
PARA A AMÉRICA DO NORTE
TAMBÉM O BOEING 747-B



Os nossos passageiros,
as nossas tripulações,
o nosso serviço
merecem o 747-B!

Oferece mais conforto medido em espaço e o nosso serviço valoriza-o ainda mais. Comparando-o com o modelo 747, que o antecedeu, ele já apresenta 6.000 aperfeiçoamentos técnicos que se traduzem numa comodidade até hoje não alcançada. Somos uma Companhia atenta aos interesses do mundo dos negócios e do turismo.
Somos uma Companhia que cresce em termos de Futuro!

Voos diários para a América do Norte
— NEW YORK ou BOSTON —
assegurados pelos Boeings 707 e 747 - B

Consulte o seu Agente de Viagens
Viaje connosco no 747-B para a América do Norte

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

MARCA TP-EU-2/72

DL EXCLUSIVO

JORDÂNIA situação económica dramática

POR CHRISTIAN HOVELACQUE «Le Monde»/«DL»

AMÃ - Deixando Amã e as ondulações semidesérticas do planalto transjordano, a antiga estrada de Jerusalém penetra audaciosamente nas gargantas abruptas do Wadishueib.

Encorajados pela presença desta pequena torrente, que dispensa, porém, os seus benefícios com parcimónia, algumas árvores e culturas em pequenos terraços surgem no fundo do vale tortuoso.

Num desvio do que tem toda a aparência de uma estrada de alta montanha, uma placa de sinalização chama a atenção do viajante: nível do mar («sea level»). Será todavia necessário descer ainda cerca de 300 metros antes de se poder contemplar esta anomalia da geografia que é o vale do Jordão. De ambos os lados deste rio, cuja largura raramente ultrapassa a dezena de metros, o terreno, primeiramente saturado de sal, depois fértil, sobe em suave declive em direcção aos rebordos abruptos dos planaltos áridos que delimitam o vale, a leste e a ocidente. A alguns quilómetros para o sul, em nível inferior, uma toalha de bruma dissimula imperfeitamente o Mar Morto.

Melhor do que em Amã, onde uma vida económica artificial mantém certa animação, é aqui, na margem oriental do Jordão, que se toma plena consciência do drama que a Jordânia vive desde a invasão israelita de 1967. Com a ocupação da margem ocidental, a Jordânia ficou privada de perto de metade dos seus recursos totais, 37 por cento da sua produção agrícola, 19 por cento da sua indústria, 33 por cento dos seus estabelecimentos comerciais ou turísticos e 55 por cento dos seus rendimentos provenientes do sector terciário. Quase simultâneamente, este país já pobre e de fracos recursos, cuja taxa de expansão demográfica é uma das mais elevadas do mundo (3 por ano), viu os seus problemas agravados com o afluxo de cerca de quatrocentos mil refugiados. Expulsos dos seus lares e das suas terras pela guerra ou pelas medidas de intimidação do exército israelita, os habitantes da margem ocidental do Jordão foram assim obrigados, pela segunda vez em vinte anos, a tomar o caminho do êxodo, em direcção aos miseráveis campos de refugiados da Organização das Nações Unidas. O armistício de 1967 não pôs termo - longe disso - aos seus sofrimentos. Para nos convencermos desta realidade, basta percorremos a margem oriental do Jordão.

Estas terras férteis e irrigadas, que produziam antes de 1967 o essencial dos legumes e dos frutos exportados pela Jordânia encontram-se hoje em dia parcialmente incultos e abandonados, porquê? A resposta, encontramo-la a alguns quilómetros ao norte da antiga ponte Allenby: Karameh. Numa manhã de Agosto de 1968, um ataque de represália da aviação e dos blindados israelitas apagou do mapa este antigo campo de refugiados transformado numa base importante de **fedayin.** Não ficou pedra sobre pedra. Como por milagre, apenas um minarete domina estas ruínas sob as quais dezenas de civis encontraram a morte.

Outros aglomerados populacionais da margem oriental foram também atacados entre 1967 e 1970; fugindo aos ataques dos aviões israelitas, os seus habitantes procuraram refúgio nas montanhas, mais a oriente. Karameh, porém, tornou-se para a geração actual um símbolo, como o foi para a geração precedente a aldeia de Deir Yassin, que os grupos armados de ultranacionalistas judaicos (o «Irgun Zvei Leumi», dirigido por Menahem Begin, e o grupo «Stern») arrasaram em 1948 depois de terem chacinado a totalidade dos seus duzentos e cinquenta e oito habitantes desarmados, mulheres e crianças.

Voltando ao aspecto económico, a guerra de Junho de 1967 colocou a Jordânia numa situação de que não tem possibilidades no estado actual, de se restabelecer. A ocupação da parte mais rica do seu território condena este país, já muito pobre (o rendimento anual médio por habitante é inferior a duzentos dólares), a depender mais do que nunca, para a sua sobrevivência, da assistência do exterior. As contribuições orçamentais americana (cento e vinte milhões de dólares em 1971) e saudita são aliás insuficientes - após a supressão da ajuda do Koweit e da Líbia - para compensarem as perdas resultantes da guerra, da ocupação israelita, da guerra civil de 1970 e do encerramento da fronteira síria. As trocas comerciais, já parcialmente restabelecidas, poderão talvez regressar em breve à normalidade.

A manutenção de um potencial de defesa mínimo, mais eficaz contra os **fedayin** do que contra Israel, absorve 45 por cento dos recursos do Estado.

A despeito da assistência estrangeira e das recentes medidas que aumentam as receitas fiscais, o défice orçamental continua a ser superior a sete milhões de dinares jordanos (aproximadamente cem milhões de francos). Todavia, o Governo parece ter conseguido resultados bastante satisfatórios no sector da defesa da moeda: o dinar não acompanhou - como sabemos - a última desvalorização da libra esterlina; as reservas do banco central mantêm-se considerando a deterioração da economia, em nível relativamente elevado (cerca de duzentos e setenta milhões de dólares).

A vulnerabilidade deste país, que tem quase seiscentos quilómetros de fronteiras comuns com Israel, e situação económica extremamente preocupante, explicam em larga medida a sua actual política. «Pagámos um preço mais elevado do que qualquer outro país árabe», declarou-nos recentemente o rei Hussein, o qual acrescentou: «Não nos deixaremos arrastar por um novo conflito sem conhecermos sem sombra de dúvida os seus resultados». Quando lhe perguntámos se tinha contactos com os dirigentes israelitas, o soberano hachemita limitou-se a dizer que tinha a preocupação de «conhecer as intenções israelitas, saber se o Estado hebreu preferia a paz ou os territórios conquistados», apressando-se a acrescentar que, em sua opinião, «Israel prefere os territórios».

A PÁSCOA EM PARIS!

Partida: 31 de Março **Regresso: 3 de Abril**

Preço Esc. 4.890$00 (suplemento de Esc. 600$00 para quarto individual)

Inclui: Passagem aérea Lisboa/Paris/Lisboa, Hotel de luxo (dormida e pequeno almoço), transfers Aeroporto/Hotel/Aeroporto e ESPECTÁCULO NO LIDO com direito a 1/2 garrafa de champanhe

Inscrições:

Viagens MERCURY Turismo

LISBOA — Av. da Liberdade,161 — Telef. 561081
PONTE DA BARCA — Pr. do Município — Telef. 42178

CAI O PR E DO EGI

JERUSALÉM - A recente série de descobertas de conspirações, casos de espionagem, protestos anti-soviéticos e manifestações estudantis no Cairo, levou alguns destacados funcionários governamentais israelitas a admitirem que o presidente egípcio, Anwar Sadat, enfrenta graves dificuldades internas.

Por outro lado, estão convencidos de que o prestígio de Sadat no Mundo árabe, que nunca foi grande, está a diminuir, enquanto que a ascendência do Egipto nas capitais árabes quase declinou ao ponto de completa extinção.

Nenhum destes factos suscita grande satisfação entre os israelitas, os quais não estão especialmente interessados em ver um Hércules no Cairo, mas, por outro lado, se sentem apreensivos com um dirigente egípcio fraco e acossado.

«Poderá um Sadat fraco negociar ou concluir qualquer espécie de acordo connosco?», perguntava recentemente um dirigente israelita. E a acrescentar: «Que confiança poderemos ter nas palavras ou mesmo nas acções de um presidente que se vê obrigado a fazer frente a conspirações, espiões e estudantes? Até que ponto os outros dirigentes árabes lhe permitirão falar e actuar em seu nome?»

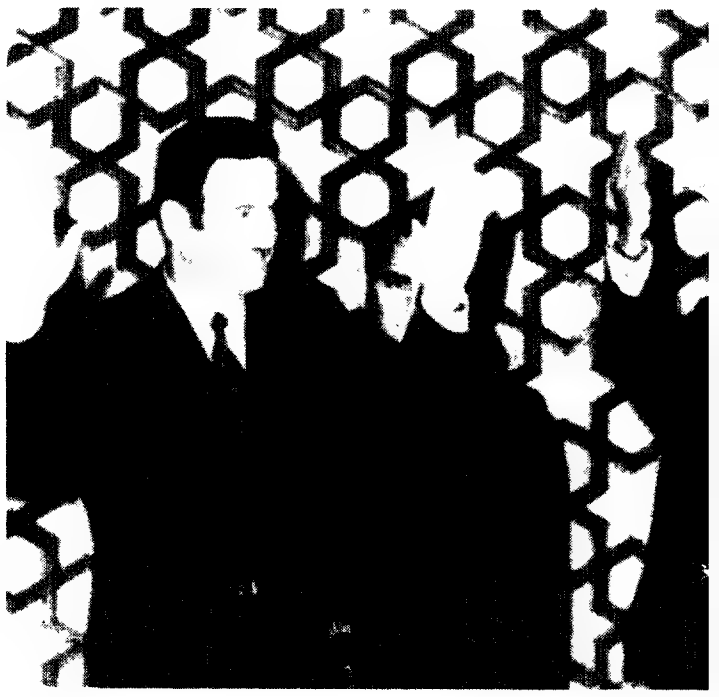
Na opinião de alguns funcionários governamentais israelitas, Sadat conta ainda com o apoio dos mais altos escalões do exército egípcio, mas a sua influência sobre os intelectuais, trabalhadores, estudantes e o povo em geral declina de dia para dia. Como é evidente, o povo nunca foi um factor determinante no Egipto ou na política dos seus dirigentes.

Além disso, os israelitas estão convencidos de que Sadat ainda não conseguiu constituir a base do aparelho político susceptível de substituir a que desmantelou o ano passado ao atacar a União Socialista Árabe, criada por Nasser, alegando que os seus «leaders» conspiravam para o derrubar.

É possível que se trate de um ponto de vista erradamente optimista, mas determinados funcionários governamentais israelitas bem informados pensam que uma das causas principais das dificuldades internas de Sadat é a quase aliança do Egipto com a União Soviética, que herdou de Gamal Adbel Nasser e tem conservado desde o seu desaparecimento.

Outras das dificuldades de Sadat, ainda segundo os referidos funcionários israelitas, resulta da pouca credibilidade que inspira da desilusão do povo egípcio, que aparentemente se agrava cada dia que passa, face à maneira como ele conduz os assuntos internos e externos.

Os israelitas afirmam notarem um crescente descontentamento dos egípcios em relação à União Soviética no recente



Hassad, da Síria; Sadat, do

RESTÍGIO DE SADAT

Os jovens mostram-se decepcionados com a ambiguidade de Sadat

IPTO

TOM LAMBERT
«Los Angeles Times»/
«DL»

ua caso de espionagem do Cairo, bem como nas perguntas feitas pùblicamente a Sadat por alguns dos seus partidários mais fiéis.

Num recente congresso da União Socialista Árabe, o único partido político do Egipto, que Sadat tem estado a tentar modificar desde Abril do ano passado, um delegado perguntou ao presidente se a União Soviética condiciona a sua ajuda ao Egipto, «dado que possui bases nos portos egípcios».

Outro delegado perguntou a Sadat se a U. R. S. S. estava a promover uma política «sem guerra nem paz» no Médio Oriente «que lhe permita consolidar a sua presença no nosso país». Aparentemente irritado, Sadat deu a entender que a primeira pergunta podia ter como objectivo «sabotar os nossos laços com a União Soviética de modo que ficássemos sós e fôssemos possìvelmente eliminados».

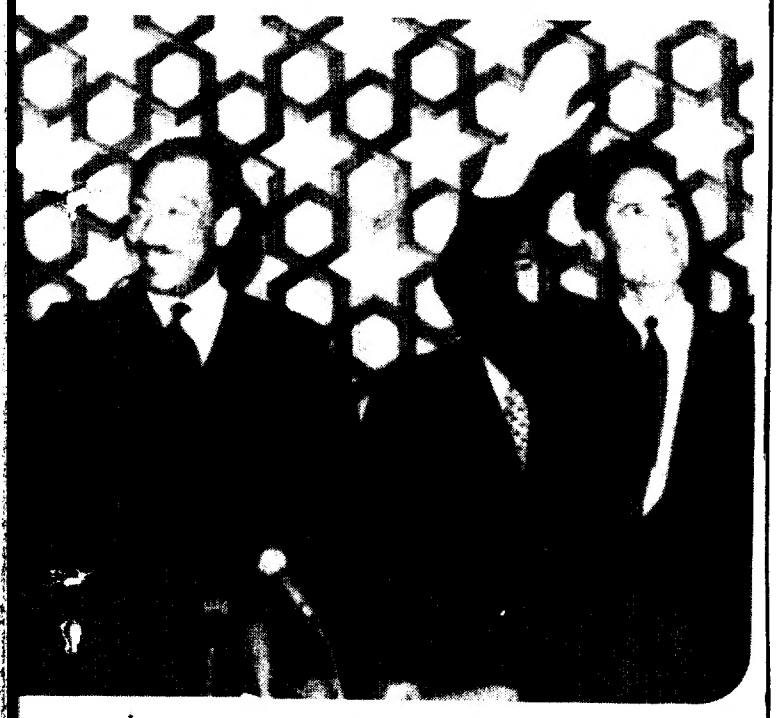
A União Soviética, insistiu, não condiciona a sua ajuda «para nos auxiliar contra a agressão» e não há quaisquer bases soviéticas nos portos egípcios; todavia, os navios soviéticos gozam de «facilidades» nesses portos.

É provável que as respostas não tenham contentado aqueles que desconhecem o que verdadeiramente se passa e não têm acesso às zonas das «facilidades» soviéticas nos portos egípcios de Alexandria ou Mersa Matruh, situados a ocidente da costa mediterrânica do Egipto.

Embora se encontrem convencidos de que a credibilidade de Sadat foi irremediàvelmente afectada em virtude de ter repetidamente fixado prazos limite para a guerra com Israel, que não respeitou, os funcionários israelitas têm dificuldade em calcular os seus efeitos no Egipto.

Nas suas recentes demonstrações, cerca de 5 000 dos 250.000 (aproximadamente) estudantes universitários do país exigiram, com efeito, que Sadat deixasse de falar em ir para a guerra e começassem a disparar. Todavia, na opinião de alguns israelitas, há outros egípcios que desejam que Sadat desista de quaisquer planos de guerra que possa estar a arquitectar e comece a prestar mais atenção aos vastos problemas internos da nação.

Embora se mostrem cépticos acerca dos receios manifestados por Sadat no caso dos espiões, alguns israelitas admitem que ele não esteja totalmente errado ao referir-se à descoberta de conspirações contra o Egipto e outros Estados Árabes. Duvidam de que os pretensos conspiradores projectassem subverter o mundo árabe, mas pensam que alguns deles podem ter manifestado abertamente a sua oposição à maneira como Sadat conduz os assuntos internos e externos do Egipto.



do Egipto; Khadafy, da Líbia

PENTA SH-1

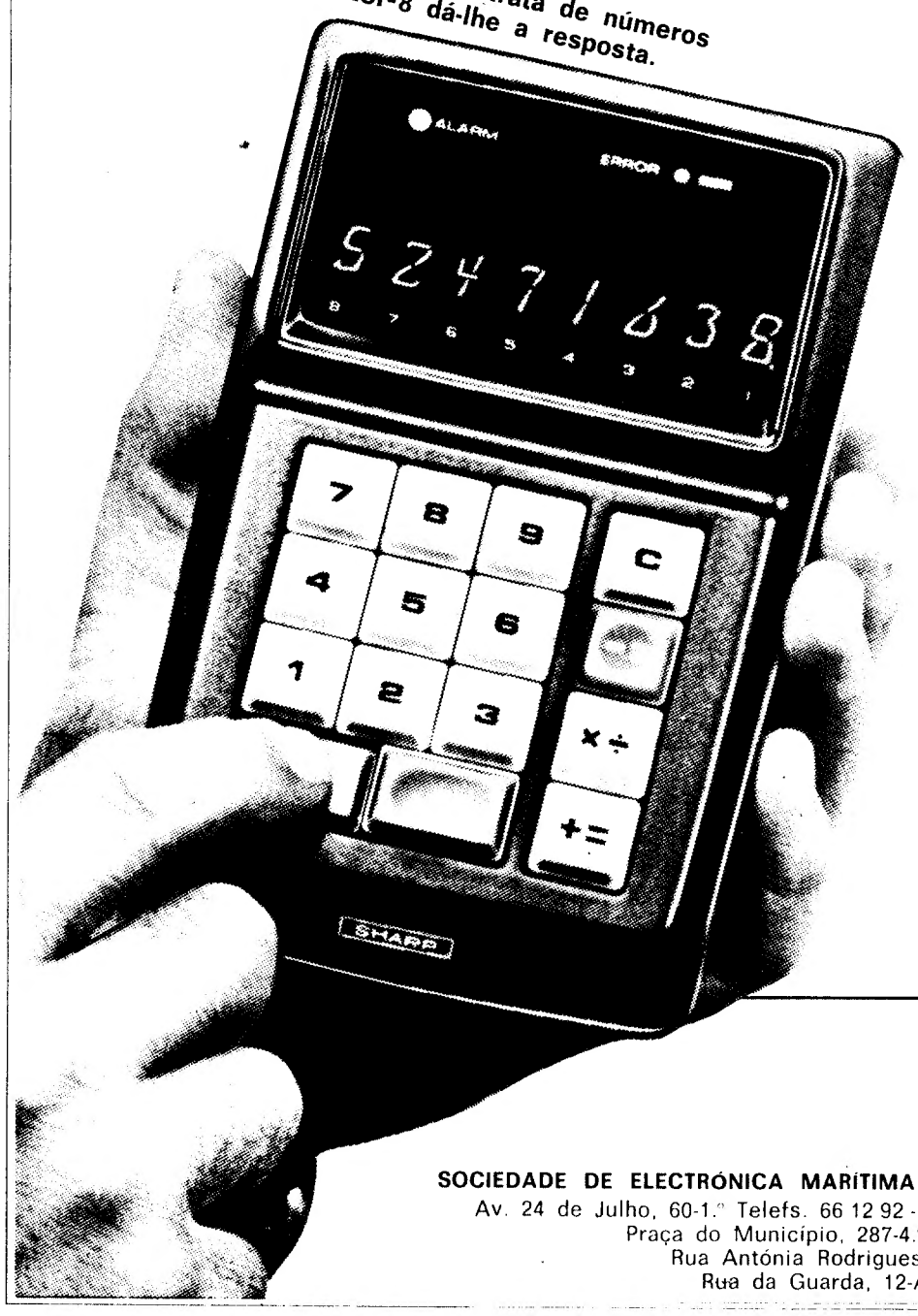
Sempre à mão
o prazer de calcular!

ELSI-8
SHARP

A calculadora electrónica
mais pequena do mundo

Vá onde quiser e leve-a consigo.
Na pasta ou no bolso do casaco.
A ELSI-8 é o cérebro secreto
que o acompanha a toda a parte!
Com capacidade para 8 números, efectua as
quatro operações e as operações combinadas.
Ponto decimal automático
e indicador do sinal menos.

Quando se trata de números
ELSI-8 dá-lhe a resposta.



SHARP

SEMA
Electrónicas

SOCIEDADE DE ELECTRÓNICA MARÍTIMA E AERONÁUTICA, S.A.R.L.
Av. 24 de Julho, 60-1.º Telefs. 66 12 92 - 67 02 18 - 67 42 85 — LISBOA
Praça do Município, 287-4.º Dt.º Telef. 27120 — PORTO
Rua Antónia Rodrigues, 20 Telef. 23452 — AVEIRO
Rua da Guarda, 12-A Telef. 24416 — PORTIMÃO

DL 8

RECUPERAÇÃO DE RAPARIGAS CANSADAS

Com um pequeno transmissor, as raparigas põem-se a caminho, obedecendo a instruções bem determinadas. Os sinais emitidos permitem registar o esforço natural do corpo. Os médicos fazem o seu diagnóstico: doença do coração ou de circulação, perturbações de respiração, moléstias que se acusam cada vez mais também entre pessoas jovens, sem que possam ser tratadas a tempo.

A aparelhagem telemétrica, que permite diagnósticos bem mais seguros do que o sistema convencional (este mede o esforço físico enquanto o paciente pedala uma bicicleta parada), instalações da recém concluída Clínica Auental, em Bad Steben, Alemanha, construída por iniciativa da Companhia Federal de Seguros para Empregados com gastos de 16,5 milhões de marcos. A clínica representa um passo inédito na Europa, pois se dedica exclusivamente a raparigas na idade 15 a 21 anos.

Já nos anos 50 aquela empresa verificou, ao estudar as suas estatísticas, que crescia sempre mais o número de jovens que oneravam o orçamento da empresa com doenças que até então tinham estado restritas às pessoas mais idosas. Suspeitava-se que perturbações psicológicas seriam a causa de danos físicos: hoje, reponsabiliza-se principalmente a profusão de estímulos da nossa época, à qual se contrapõe uma incrível deficiência de movimentação.

O dr. Bendorf, director da nova clínica, constata entre as suas pacientes a parcela surpreendentemente alta de 30 a 40 por cento de raparigas que não sabem nadar. Quase nenhuma delas pratica desporto regularmente. Para enfrentar os danos de postura daí resultantes, Bendorf, um dos poucos especialistas em medicina interna com exame de desportista, desenvolveu terapias especiais de movimentação. Trinta minutos de natação por dia e três quartos de hora de ginástica constam das exigências obrigatórias. Para continuarem as suas actividades depois de deixarem a clínica. as raparigas recebem um programa individual a ser cumprido em casa.

Por THOMAS ENGEL

A motivação psicológica da terapia é dada pelas seguintes metas: calma, auto-confiança e ambição. As raparigas podem fazer trabalhos manuais, usar a biblioteca e o equipamento de som estereofónico ou tocar música (há uma grande variedade de instrumentos à disposição).

É claro que as jovens exactamente numa idade em que o ambiente doméstico e o primeiro amor desempenham um papel importante, não gostam de uma longa temporada de tratamento. Por isso a nova clínica evita ao máximo tudo o que cheire a hospital

Externamente o sanatório lembra mais um hotel de luxo. Mobílias modernas, roupas de cama quadriculada e as enfermeiras em alegres roupas de cor azul-clara fazem com que a permanência de seis semanas, das 172 moças e jovens senhoras, seja o mais agradável possível, não permitindo que as depressões sequer se acusem.

CONJUNTO PARA MEIA ESTAÇÃO

Blusa de «jersey» branco. Túnica e calças de fazenda verde claro, em tom seco, guarnecidas com aplicações de «crochet» feitas com linha Mercer Corrente verde escuro

acabe com este estendal !!!

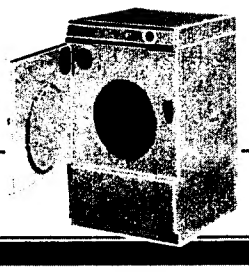
com o secador automático

BENDIX

A AR QUENTE

o complemento ideal da sua máquina de lavar roupa !

•ECONÓMICO
•ROBUSTO
•FÁCIL DE ACOMODAR



Distribuidores gerais em Portugal
ARNALDO TRINDADE & Cª Lda
Rua Santa Catarina, 117 - Porto
Rua da Alegria, 122 - Lisboa

A venda em Lisboa:
SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 - Lisboa

A RECEITA VAQUEIRO

Cordeiro assado

INGREDIENTES

1 perna de cordeiro; 3 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 150 g. de toucinho; 1 cubo de caldo de carne; 2 dentes de alho; 2 cebolas médias; 1 colher, das de sopa, de vinagre; 2 colheres, das de sopa, de vinho branco; 1 raminho de salsa; sal e pimenta.

PREPARAÇÃO

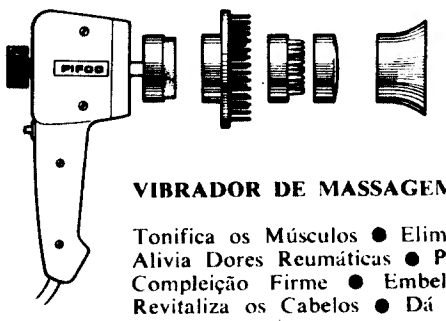
Esmagam-se os alhos com o sal, a margarina, a pimenta e o cubo de caldo de carne. Unta-se a perna de cordeiro com essa mistura e deixa-se em repouso. Passadas 8 horas coloca-se num tabuleiro «pirex» untado, no fundo, com margarina. Cobre-se com as cebolas cortadas em rodelas, rega-se com o vinho e o vinagre e leva-se ao forno para assar. De quando em quando rega-se com o próprio molho. Quando estiver assado cobre-se com a salsa picada e serve-se no tabuleiro em que foi assado.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)



VIBRADOR DE MASSAGEM PIFCO

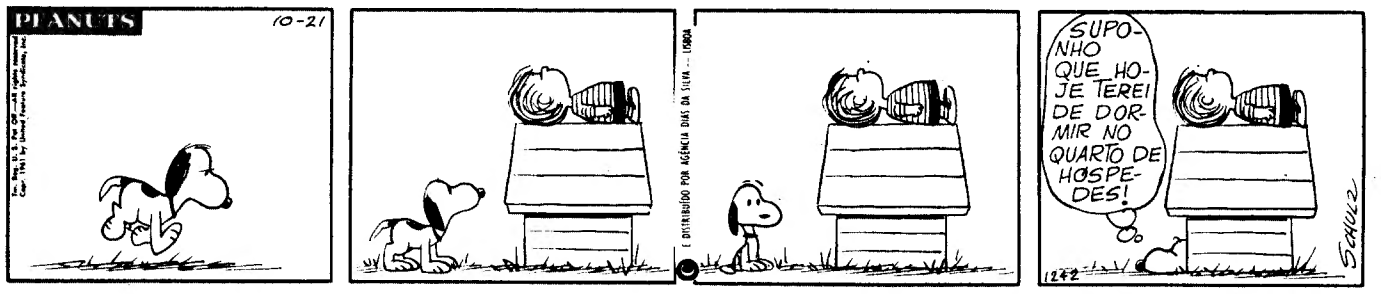
Tonifica os Músculos ● Elimina a Fadiga ● Alivia Dores Reumáticas ● Proporciona uma Compleição Firme ● Embeleza a Face ● Revitaliza os Cabelos ● Dá Boa Disposição

Primax, Ida.

Representante Exclusivo
R. dos Fanqueiros, 114, Lisboa 2
Tel. 32 27 72 / 32 33 12 / 32 27 62

SEMPRE CASSIUS

Mesmo no Japão, Cassius Clay é uma atracção extraordinária. Aqui o vemos, durante uma das suas sessões de treino em Tóquio para o próximo combate com Mac Foster, concedendo autógrafos a dezenas de admiradores. Cassius, como se sabe, visitará Pequim depois do combate. Espera ser recebido por Mao Tsé-Tung e Chu En-Lai, (Telefoto UPI/Teleimprensa/«D.L.»)



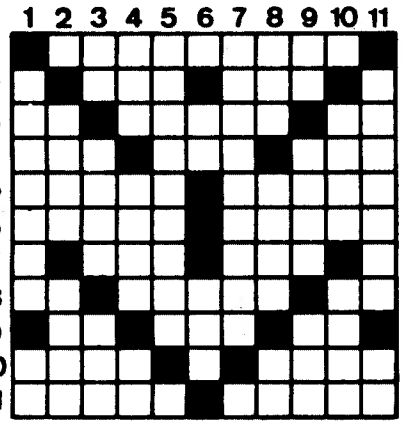
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 046

HORIZONTAIS:

1 Indivíduos muito gordos (pop).
2 Contracção da preposição a e artigo definido. Ribeira de Portugal. Pronome pessoal.
3 Bromo (s.q.). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
5 Anseiam. Fortuna.
6 Tombara. Livrar.
7 Matemática. Lavra.
8 Batráquio. Costumara. Césio (S.q).
9 Prefixo que designa afastamento. Espécie de formiga (Bras) Basta.
10 Planta textil do Ceará. Nome de um primata de Madagáscar de pelagem negra e branca.
11 Tangera. Ponderar (fig).



VERTICAIS:

1 Cercar. Césio (s.q).
2 Escarnecerá. Ilha do Pequeno Belt.
3 Campeão. Semelhante. Bondosa.
4 Triture. Lavras. Viração.
5 Leilocu.
6 Aluminio (s.q). Romancista português autor de Os Maias.
7 Apoiara.
8 Olé. Entontece. Lê.
9 Palavra Latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Rã (pop). Bigorna de aço sem hastes.
10 Arvoredo. Face.
11 Carroças para transporte de mobílias. Distar.

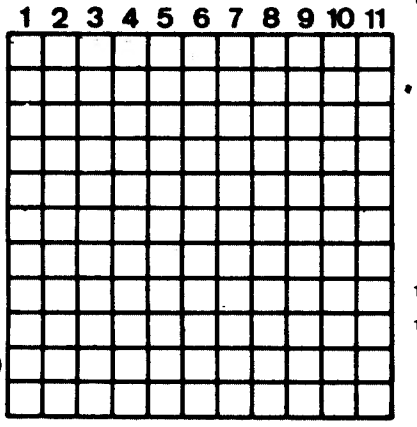
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6204

HORIZONTAIS:

1 Emprega. Desgasta por fricção. Espaço de doze meses.
2 Agente (fig). Grande afeição.
3 Freguesia do concelho de Amares.
4 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Oferecer.
5 Campeão. Sarar. Utensílio doméstico.
6 Saltério. Mamífero desdentado espécie de tatu.
7 Nome de mulher. Colorido. Freguesia do concelho de Alenquer.
8 Serra de Portugal. Rã (pop).
9 Solar.
10 Oculta. Cidade do estado do Paraná.
11 Serra de Portugal. Ecoara.



VERTICAIS:

1 Artigo indefinido. Desfiladeiro. Figura que simboliza o povo americano.
2 Por baixo de. Signo (ant). Nota musical.
3 Grande cão de fila. Alisar.
4 Cidade do Chile. Trabalho de sapador.
5 Título honorífico na Índia. Gíria.
6 Liga. Curso de água natural e abundante.
7 Passada. Origens.
8 Ave trepadora. Alegria.
9 Rio de Itália. Permeável.
10 Pronome pessoal. Tirania. Viração.
11 Sufixo que designa estado. Inventará. Antiga medida de capacidade.

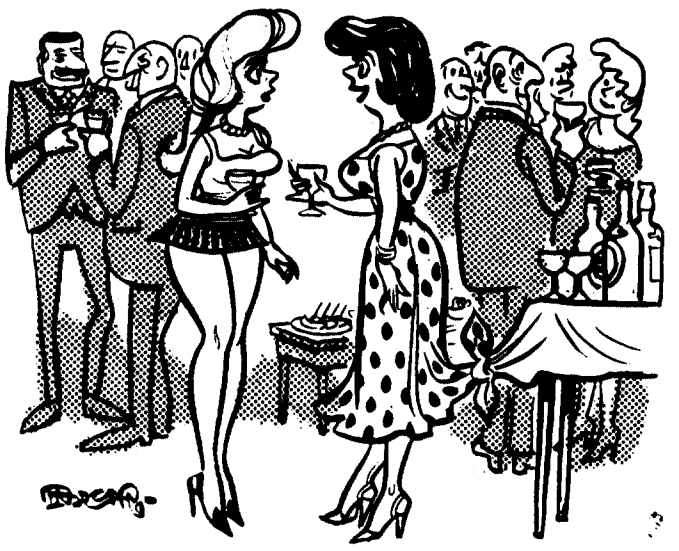
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 045

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 ACOMETER.	1 Asma. Atuar.
2 Adão. Luso.	2 Adoara. Raro.
3 Sós. Pás. Ias.	3 Cãs. PARA. Re.
4 Ma. Domar. It.	4 Oó. Dam. Item.
5 Arpas. Serra.	5 Pôs. Op.
6 Aam. Sua.	6 Elam. VENCER.
7 Ter.	7 Sãs. Real.
8 Trai. Nervoso.	8 El. Res. Vias.
9 Úa. Tocai. Or.	9 Rui. Rumo. Ré.
10 Arrepelaras.	10 Saíra. Soar.
11 Roem. Será.	11 Costa. Corsa.

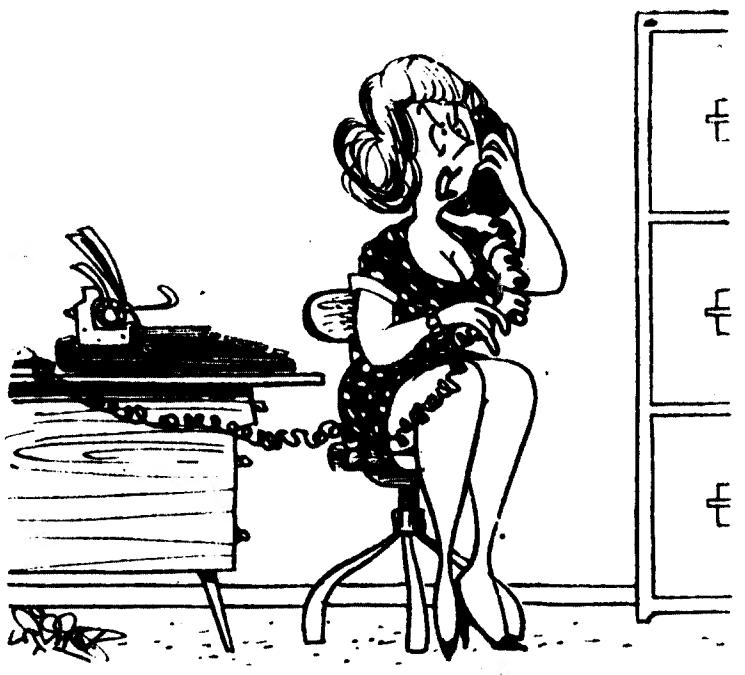
PROVÉRBIO Acometer, para vencer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6203

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Pás. Pele Ar.	1 Pabna. Arada.
2 Atem, Semana.	2 Atoa. Tremas.
3 Bónus. Salas.	3 Senra. Ami.
4 Narrar. Lata.	4 Murar. Empa.
5 Aa. Apaga.	5 Sa. Aal. Ai.
6 Rasara.	6 Es. Raspar.
7 Ara. Ápia. Má.	7 Lês. Pais. Ac.
8 Remela. Mad.	8 Emalara. Agá.
9 Amim. Alui.	9 Alaga. MLIV
10 Dá. Pá. Agira.	10 Anata. Maurá.
11 Assaí. Cavan.	11 Rasa. Madian.



— **Você com essa mini-saia... Olhe, tenha cuidado com o meu marido: ele está sempre a pregar partidas às pessoas**



— **Quero lá saber o que ele lhe disse, minha senhora, só sei que o patrão nos está a enganar às duas!**

Por CHIANCA DE GARCIA

carta do Brasil

MULHERES NUMA NOITE DE CHUVA

Está chovendo há vários dias (e noites) aqui no Rio de Janeiro. Posso mesmo dizer que faz frio (isto porque vinhamos de 39 graus, na areia da praia). Moro, como sabem, na Avenida Copacabana (embora não seja este o meu endereço, para correspondência) que é na verdade, uma falsa avenida. Apenas uma rua larga e enviezada onde se esclerosam árvores de um verde doentio. Habitualmente tumultua-se numa confusão de gente, carros, ruídos, fumaça e ar contaminado. Sufoca-se meses a fio.

Mas agora chove. Vou à janela e olho lá para baixo (estou num sétimo andar): os automóveis parecem lanchas num canal veneziano.

Mesmo assim resolvo sair. Procuro o impermeável, mas deixei-o talvez em casa de alguém. Ou perdi-o? Não encontro nenhum guarda-chuva dos muitos que compro, e logo desaparecem. Não importa. Tomo o elevador e desço. Vou em frente, chapinhando na calçada. Ao chegar à porta do cinema Metro, a chuva cai mais forte. Entro. Assisto a um filme qualquer. E quando saio toda a rua, agora, é um lago com trinta centímetros de água barrenta sobre o asfalto. A garotada, só de calção, ou nem isso, pula de alegria como **granfino** nas suas piscinas transparentes e luminosas. Resolvo descalçar os sapatos, ergo as calças, que viram **bermudas**, e com dois desconhecidos entro num bar, agora aquático. Peço qualquer coisa para aquecer. Surgem duas garotas. Encharcadas, é claro. As pernas queimadas do sol rebrilham até ao ponto mais alto da reduzida mini-saia. As blusas, semit r a nsparentes, molhadas, perderam todo o falso pudor do **semi**. Ofereço a uma delas o meu banco. É de que se lembram as duas para discutir naquela hora diluviana? De feminismo. E o que podia ser um bate-papo de consequências previsíveis, vira pandemónio:

—Não agradeço o banco porque isso prova as suas más intenções...

—Perdão...

—É bom que saibam. Nós p e r t e n cemos ao grupo **Revolta Feminina** que nega à mulher o direito de comunicação com essa figura abominável chamada homem...

Houve risos em volta.

— Belezaca, disse um dos presentes, a camisa de malha modelando-lhe o tronco forte, nós, no Brasil, não saimos da nossa. Somos machos p'rá xuxú. Ó reu Joaquim, atenda aqui as meninas. Que é que vocês vão tomar?

—Vamos é ter o prazer de mandar vocês p'ró diabo! Vocês, mesmo que chovessem mulheres do céu, continuariam a ser autocráticos e sexualmente opressores. Antes a chuva, lá para fora, do que ficar neste galinheiro onde os galos nem sequer são de briga!

—Pois, bonecas, se vocês são de briga nós topamos qualquer parada, gritou um obeso, dando um soco no balcão.

Aí, de lado a lado, começou a chover uma linguagem desbragada. Dei o fora. Avançava a medo temendo cair na cilada natural de um buraco, quando, na porta de um destes decrépitos prédios a caminho da demolição, alguém disse o meu nome. Parei olhando, num sorriso ambíguo.

—O quê? Já não se lembra de mim?

Usei o truque habitual:-Claro que conheço, querida, não a via há tanto tempo. Está trabalhando onde? Eu sou a Jurema. A Jurema do Hélinho Castro, não se lembra? Suba. Tenho um quarto alugado aqui em cima. Suba. Venha conversar. E tenho muito para contar a você...

A SURPRESA

A Jurema do Helinho Castro? Sim, agora, estava lembrado. Mas isso fora há quantos anos? Leitor, permite que eu conte uma história de amor-sexo, de vingança, de mandingas, e de uma praga maldita rogada ao pôr do sol, no alto de uma duna, numa praia distante, diante de uma igreja onde eu tinha acabado de ser padrinho de um casamento? Então, lá vai...

TEMPOS PASSADOS - 1

Eu dirigia nessa época um elenco de teatro. Andava pelos sertões do Brasil usando o título de várias peças musicadas que tinha apresentado com êxito no Rio, mas resumidos agora para modesto **mambembe** que, com meia dúzia de artistas, e outras tantas **girls** (como então se dizia) me permitia ir conhecendo aos poucos o interior do Brasil. Eu levara Jurema como bailarina folclórica. Hélio, era um dos actores, talvez o menos dotado, mas que se insinuara como meu braço direito, tomando conta das surpresas desagradáveis deste género de excursões. Hélinho e Jurema viviam juntos. O Hélio, porque, como ele dizia, Jurema sabia, como ninguém, cuidar das suas camisas vistosas. Ela, porque se apaixonara. Vivia dele, para ele, misturando beijos e carinhos com cenas terríveis de ciúmes, que eram permanentes, pois onde chegava, Hèlinho, simpático, bem falante como todo o baiano (nascera na cidade de Rui Barbosa) era presa fácil de qualquer tentação. As mulheres **caíam** por ele. Jurema ameaçava matar-se. Mudávamos de cidade. Faziam as pazes. Viviam no céu durante os primeiros dias. Depois, é claro, surgia nova aventura, com a consequente tentativa de suicídio por parte de Jurema. É claro, aquilo fazia parte do ambiente de todos os mambembes. Só que costumava ser ao contrário. Elas é que com, ou mesmo sem artifícios, enganavam aqueles do elenco com quem viviam. Porque , é curioso, gente de teatro, em mambembe, não suporta dormir sem companhia. Mas Jurema era um caso a parte. Era só de Hélio.

TEMPOS PASSADOS - 2

Bem, o quarto onde Jurema me fizera subir, era quase miserável. Desarrumado. Cheirando a suor e água de colóniachinfrim. Coisas à toa. No leito uma colcha de retalhos de um colorido gasto. Numa parede um São Jorge iluminado por lampadazinha minúscula. Várias perucas, em vários tons, jogadas entre artigos de maquilhagem. E num canto, um armário com garrafas de bebida. Entrámos. Luz escassa abafada por **abat-jour** arroxeado. Botou um miserável **whisky** nacional em dois copos. Estendeu-me um:

—Você se lembra daquela praga que eu roguei ao Hélio no dia em que ele se casou?

TEMPOS PASSADOS - 3

Meu Deus, acho que já lá vão mais de vinte e cinco anos. Mas lembro, sim. Creio que me lembro. Nós estávamos na cidade de Vitória. Não sei porquê Espírito Santo. Não sei porquê, mas no teatrinho local o nosso êxito fora enorme. Duas, três, cinco, sete semanas. Financeiramente, um descanso. O elenco recebendo em dia. Dei mesmo várias gratificações. Mas quem começou estragando tudo foi a Jurema porque Hèlinho, além dos seus fáceis êxitos femininos, não só conquistara como fora conquistado por uma jovem de dezassete anos, aluna não sei de que escola, e filha de um rico fazendeiro, dono, por assim dizer, de uma pequena cidade do interior.

Quando a Jurema descobriu, foi o fim do mundo. Quis matar ele, e ela. Teve ataques histéricos. Perseguiu a garota na rua com insultos e ameaças. A cidade já estava escandalizada. O pai da jovem, chamado às pressas, veio acompanhado por dois capangas. Mas chegara tarde. A menina confessou que já era do homem que amava. Os capangas foram obrigados a recolher os coldres os revólveres assassinos. Hélio teria de casar para que se salvasse a honra ultrajada. Aceitou, é claro. E, para abafar o escândalo, o casamento iria efectuar-se na familiar pequena cidade do interior. O Hélio que se despedia da vida artística, insistiu para que eu fosse padrinho do que iria ser **um faustoso enlace nupcial**. Fui, e na companhia do delegado de polícia, que me levou de carro, pois a cidadezinha ficava a trezentos quilómetros de Vitória, e onde a noiva pôde, sem que ninguém sorrisse, casar com véu e flor de laranjeira (coisa que então ainda era moda).

TEMPOS PASSADOS - 4

Itaúnas era nesse tempo a sub-sede do município, com uma população de cinco mil habitantes que viviam, além da pesca, da lavoura de mandioca, com o pai da noiva, como já disse, dono e senhor da cidade. Um homem forte, carrancudo, mas cheio de pecados, e para quem roupa suja se lava em casa.

E preparou um casamento de estrondo. Estou recordando a igreja, branca, debruada de azul, com os sincs tocando alegremente. Lá dentro, milhares de velas acesas. Flores forrando os altares de alto a baixo. O órgão, no coro, tocando Mendelsson. Nuvens de incenso. A troca das alianças. E os noivos, já casados saindo da igreja entre aplausos e pétalas de rosa...

A MALDIÇÃO - 1

Foi quando vi, de repente, no alto de uma duna, a uns cinquenta metros de distância, recortada na luz do poente, a figura punitiva de Jurema, erguendo os braços ao céu, declamando num sentido de teatro grego:

—«Que esta duna sobre a qual tenho os pés decalços cresça tanto e tão alto que engula esta igreja, que engula esta cidade e soterre este canalha que me abandonou, e esta vagabunda que roubou o homem que era meu.»

Foi corrida à pedra.

A MALDIÇÃO

—Você se lembra das palavras que eu disse? Lembra? E já lá vão mais de vinte cinco anos. E sabe o que aconteceu? Não sabe? Pois vai saber agora. Aqui tem...

A MALDIÇÃO - 2

—Foi buscar um caderno envelhecido, tendo colado em páginas lidas e relidas trechos da **Manchete**, do **Jornal do Brasil**, do **Correio da Manhã** onde em títulos espectaculares era narrado o acontecimento espantoso. Itaúnas sumira do mapa. De começo, a areia invadiu as ruas, atingiu a igreja que em poucas horas desapareceu soterrada. Depois, um a um dos mais humildes aos mais confortáveis, os lares foram tragados pela areia. Assim se perdeu muita gente para sempre. E lá está, sepultada sob dunas gigantescas, a casa do antigo dono da cidade, onde vivia um jovem casal acalentando uma criança recém-nascida.

O REMORSO

Olhei para Jurema. Pobre Jurema, como estava envelhecida!Feia. Nos olhos, porém, ainda os reflexos de um ódio extinto...

—E depois dele? Você nunca mais...

—Amar? Não, nunca mais amei nenhum homem. Os que me queriam pagavam caro. Agora, sabe, choro. Choro todas as noites. Tenho remorsos daquela praga que roguei. Lembra-se, não é?

E ASSIM NASCEU...

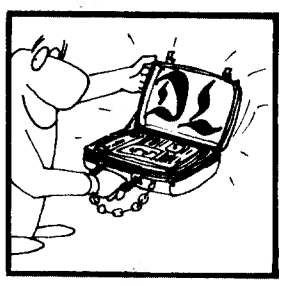
Vim embora. Chovia menos. Calcei os sapatos. Foi quando, sem a menor premeditação, comecei a escrever o relato fiel do que hoje se passou comigo entre as dez da noite, e agora, com a chuva caindo lá fora, quando o relógio indiferente está marcando três horas da manhã...

Março de 72, Copacabana

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908 Copa, G.B. Brasil

não pode tomar leite ?
DIESINE é a solução
ALIMENTO LÁCTEO
rico em proteínas, cálcio e fósforo de que você e seus filhos necessitam. Elementos de saúde. Mas a sua saúde ganha ainda, porque toda a gordura e sal foram eliminados.

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

hifen

MINHA MULHER MINHA IRMÃ
DE
H. F. PETERS
Lou Salomé: amiga de Rilke, de Nietzsche, de Freud, em pleno séc. XIX uma mulher anuncia a mulher do futuro
Uma biografia apaixonante que é o romance da transformação do mundo
MORÆS
EDITORES